2016 número 3

Pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

A busca de nosso próprio centro traz harmonia, equilíbrio e autoconfiança

balizas para uma viagem terrestre e cósmica
os contornos do mundo da alma
perspectiva: assim como é no alto, é embaixo – o milagre do cotidiano
para alunos e amigos – Lectorium Rosicrucianum
pentagrama – base da consciência da alma

pentagrama

ANO 38 • 2016 número 3

Pentagrama

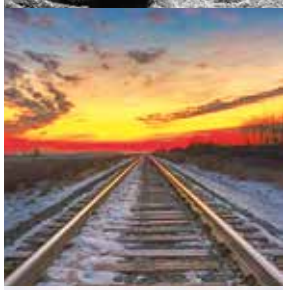
Uma criança brinca na praia. Esquecida de si mesma, ela se maravilha com o mar, sem tomar consciência dos quatro elementos que em perfeita harmonia se apresentam a ela. O fogo (o sol), o ar, a água e a terra, manifestados em suas expressões mais simples como calor, frescor, mar e areia, constituem, juntos, a onda que traz em si o prana, o quinto elemento, a força vital que preenche a atmosfera. Somos milhares de pessoas que vão à praia e ao voltar para casa ainda podemos sentir seus efeitos benéficos por alguns dias.

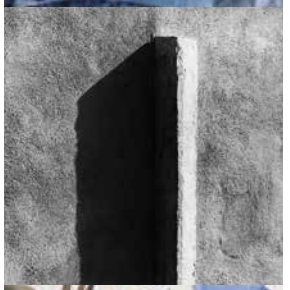
Já em relação à harmonia em nossas vidas, não é possível mantê-la tão facilmente. A sociedade e o trabalho são pesos difíceis de serem compensados em nossa busca pelo equilíbrio. Segundo o pensamento chinês, esse equilíbrio depende da interação harmoniosa entre os cinco elementos no homem. Em um simpósio que ocorreu no centro de conferências de Noverosa, Dianne Sommers expôs as correlações entre esses cinco elementos e o ser humano, bem como entre a saúde e o curso da vida. Jan Scholten completou o tema apresentando a tabela periódica dos elementos químicos sob uma nova óptica, também relacionando-a à vida. Nesta edição da **Pentagrama** se encontram as exposições dos dois conferencistas.

Essa mesma onda temática nos traz o artigo "Não sei seu nome", que está relacionado com o "sétimo capítulo", aquele que ainda precisa ser escrito. E talvez se torne mais fácil "dar o passo que não queremos dar", após a leitura do texto que nos traz a reflexão sobre o assunto. Esperamos que esta edição da revista **Pentagrama** possa contribuir para o justo equilíbrio em nossas vidas.

Capa
Saudando o Oceano, de deadpoet88

Conteúdo





4 **Tornar-se homem verdadeiramente**
Catharose de Petri

8 **"Não sei seu nome"**

14 **O passo que você não quer dar**

20 **O grande traço de união**

26 **Doença: disfunção do núcleo central do ser**
28 A ação dos lantanídeos - Jan Scholten
38 A arte de curar no pensamento chinês - Dianne Sommers
50 Compreendendo a razão de ser da doença

52 **A atenção**

58 **A prodigiosa flor**

60 **A Alma suprema**
Ensaio

78 **A Cruz Celta**
Símbolo

80 **Mundo imaginário**
Crônica

Ó trompetista! Acho que sou, eu mesmo, o instrumento que tocas! Derretes meu coração, meu cérebro – moves, desenhas, transforma-os à vontade:
E agora tuas notas sombrias enviam trevas que me perpassam; Retiras toda luz animadora – toda esperança:
Vejo o escravizado, o vencido, o ferido, o oprimido na Terra toda.
[…]

Agora, trompetista, para encerrar,
Trata de cantar o canto mais alto que puder;
Canta para minha alma – renova a languidês de sua fé e esperança;
Fortalece minha confiança enfraquecida – dá-me alguma visão do futuro;
Concede-me, ao menos uma vez, sua profecia e a alegria de realizá-lo.

Ó alegre e exultante canção das alturas!
Nas tuas notas vibra um vigor maior do que o da Terra!
Marchas de vitória! Libertos! A vitória final!
Hinos de louvor ao Deus Universal – tudo jubila!
Surge uma raça renascida – um mundo perfeito, de pura alegria!
Homens e mulheres, com sabedoria, inocência e saúde – pura alegria!
Risos, gargalhadas à solta! Alegria! Alegria!
Walt Whitman, Folhas da Relva, , 1855.

© Editora Iluminuras Ltda, 2005

Tornar-se homem verdadeiramente

Cada átomo do corpo físico do ser humano é animado e mantido por um duplo etérico ou corpo vital, responsável pela vida do organismo. Fala-se de um "duplo etérico" porque o corpo etérico perpassa e envolve inteiramente o corpo físico e, assim, este é duplicado. Trata-se, assim, de dois corpos que, juntos, formam um.

CATHAROSE DE PETRI

Também sabemos que esses dois veículos do ser humano são, por sua vez, perpassados e envolvidos por outro corpo ainda maior e mais sutil do que os dois primeiros, a saber, o corpo astral. Logo, existem três corpos que trabalham em unidade para tornar possível a existência de um ser vivo: o corpo astral, o etérico e o físico. Estes três corpos distinguem-se nitidamente e são organizados, isto é, constituem um sistema, uma forma exterior, uma figura que apresenta semelhança com o tipo natural do corpo físico.

Durante a noite, quando o homem está em estado de sono, a personalidade mantém os três veículos separados e o corpo astral, que permanece em intensa e autônoma atividade, pode ser reconhecido como a imagem daquele que repousa.

No entanto, não vamos pensar que isso define e descreve a manifestação do homem. Quem pensa assim comete um grande erro! Ora, o homem também não dispõe de uma faculdade de pensar, de um corpo mental? Na verdade é impreciso falarmos da existência de um "corpo" mental, porque esse corpo ainda não está completamente formado. Esta é a aquisição mais recente do homem desde o início do desenvolvimento da humanidade e está, portanto, longe de constituir um quarto corpo que transpassa e envolve os outros três.

Ao contrário, podemos no máximo reconhecê-lo como uma atividade flamejante, portanto luminosa, no santuário da cabeça. Assim, não podemos dizer que o homem já dispõe perfeitamente de sua faculdade de pensar. Nem de longe, e muito pelo contrário! E, mesmo quando essa faculdade existir, o homem não poderá ser chamado de "Homem" perfeito, sem que haja uma manifestação tríplice do Espírito, uma manifestação que corresponda aos três raios primários do Espírito Sétuplo que, na Escola Espiritual, são designados como "o triângulo equilátero".

Assim, podemos considerar o homem verdadeiro, completo, como uma manifestação sétupla: com quatro veículos e três manifestações do Espírito, quais sejam: um triângulo da manifestação espiritual e um quadrado da construção. Portanto, imaginando o homem verdadeiro dessa maneira, saberemos, com

O extraordinário pensamento de Jan van Rijckenborgh e seu grande amor pela humanidade levaram-no a fundar, juntamente com Catharose de Petri, uma escola moderna para o desenvolvimento da consciência, o Lectorium Rosicrucianum. Fizeram-no fundamentados na ideia de que a solução para a falta de conhecimento dos fundamentos da existência é a chave para a supressão do sofrimento no mundo.

Estátua de Buda em uma estupa, uma cobertura em forma de sino no pavimento superior em Borobudur, Java. A posição das mãos mostra o mudra *dharmachakra*, o "gesto do pregador". Esse mudra significa a roda da doutrina em movimento.
© Gunawan Kartapranata, 2010

certeza, que o ser humano tal qual o conhecemos ainda não pode ser considerado "nascido" no sentido divino absoluto. Ainda estamos em estado de vir-a-ser. Somos, como disse Paulo, os "não nascidos".

É sob essa luz que devemos refletir a respeito de nossos problemas e dificuldades. A vida que vivemos agora não é uma vida verdadeiramente humana, pois ainda não temos faculdades para tanto, mas apenas possibilidades. Nossa possibilidade mais elevada de expressão é, assim como nos animais, o corpo astral. Desse modo, e com todo o direito, é que Hermes Trismegisto não faz qualquer distinção entre o homem natural e os animais.

O leitor pessimista, ao ler tudo isto e refletir a respeito, poderá questionar: "por que então afligir-se e inquietar-se! Somos os *não nascidos* ainda na condição de vir-a-ser. Vamos esperar tranquilamente até

que chegue o tempo de nosso nascimento, que fará de nós verdadeiros *homens*."
Há muitas pessoas no mundo que se posicionam assim, aludindo à teoria da evolução. Elas dizem: "Primeiro éramos, em termos de consciência, da espécie mineral, depois da vegetal, a seguir da animal e agora estamos em vias de nos tornar homens. No raio de ação da era de Aquário, na qual estamos entrando, vamos subir de novo um degrau importante na escada da evolução". Convém saber, porém, que a Escola Espiritual rejeita totalmente essa concepção, pois não se trata de uma evolução que se realiza automática e tranquilamente.
No que se refere a nós, houve antes uma evolução que se realizou sob uma direção divina, todavia essa época, essa fase, há muito já ficou para trás. Tão logo os três veículos – os corpos físico, etérico e astral – estiverem entrosados em maravilhosa e prodigiosa unidade, acendendo bem lentamente a "flama do pensar", será atribuída uma missão ao homem no estado de vir-a-ser. Uma missão a ser cumprida por ele com absoluta autonomia e independência. Uma missão que pode ser executada porque a cooperação dos três veículos dá ao homem em devir a posse de um ânimo, uma alma, e porque a pura flama do pensar recém-acesa dá a esse homem em devir uma compreensão tão ampla, que ele pode comer do fruto da Árvore da Vida, que está no centro do paraíso de Deus.
É preciso saber como uma grande parte da onda de vida humana profanou a pureza original e deturpou a preparação para a atividade pessoal, desviando-se da raça original.
Devemos tomar consciência e compreender isso de fato! Afinal, todos nós pertencemos ao grupo dos seres humanos ainda não nascidos, essas entidades que, em consequência dessa falta, formaram o grupo humano de não nascidos e vagam na noite e na morte, suspirando em meio a sofrimentos e dissabores. A morte é nossa companheira e a ilusão, nosso estado de vida. Nós perdemos nossa pureza original como se fosse uma peça de vestuário negligenciada e de difícil limpeza, que será perdida se demorarmos muito para cuidar dela. Essa peça então fica danificada e torna-se inutilizável. Do mesmo modo aconteceu com uma parte da humanidade no passado original, da qual temos não mais que uma vaga lembrança. Porém – Deus seja louvado – nossos microcosmos podem sempre receber, pela reencarnação, uma nova possibilidade de renascer como Homem verdadeiro!
Então, compreendendo isso interiormente, com certeza não esperaremos mais um dia sequer para aproveitar o tempo enquanto é possível. ✪

"Não sei seu nome"

A vida do homem moderno está integralmente submetida ao tempo, nos mínimos detalhes. O tempo é um dos aspectos mais marcantes que determinam o ser humano.

Frequentemente ouvimos dizer que o tempo está acelerado. Será que a explicação não estaria no fato de que todos nós vivemos fazendo e somos obrigados a fazer muito mais coisas durante um período determinado? Tudo está acontecendo bem mais rapidamente, e isso provoca sérias consequências. Acreditamos que uma empresa de correios deva agradecer seis mil pessoas visto que, enquanto uma correspondência demora dois dias para chegar a seu destino, uma mensagem eletrônica não demora mais do que alguns segundos. Nos dias de hoje, não existe um instrumento que nos importune mais do que o relógio. O tempo chega com impetuosidade, arrastando tudo o que estiver atrás de nós. Nunca a transitoriedade das coisas da vida foi tão sentida como agora. Além da agitação cotidiana, vemos mundos passarem, mundos que conseguiram manter sua grandeza durante séculos, mas que acabaram sendo engolidos pelo tempo. Assim as coisas seguem. Sistemas filosóficos e esotéricos subdividem o curso de milhões de anos em eras, períodos e fases. Esse longo circuito de éons é caracterizado pelo número sete. Sete eras e sete períodos. Sete domínios cósmicos, um cosmos sétuplo Terra, um sétuplo corpo solar e um microcosmo sétuplo. Um sétuplo inspirar e expirar do Espírito, que parte do Criador original do universo.
Torrentes da substância original, ondas de campos astrais eletromagnéticos percorrem o espaço e atingem seu alvo em cheio, provocando processos de desenvolvimentos com profundos efeitos. Em todas as manifestações do Universo inteiro – em um vai e vem marcado por uma escala de tempo que está além de nossa capacidade de representação – sempre podemos reconhecer algo do *dedo divino* que denota sua característica. Há quatro séculos, os rosa-cruzes clássicos declaravam: *Não há espaço vazio,* e hoje sabemos que o universo está preenchido por bolhas de campos eletromagnéticos, de constelações astrais e oceanos de átomos. Da mesma maneira que o movimento da

Dark Dull Pink Large X,
© Gianni Piacentino, 1966

Terra, semelhante ao de um pião, é determinado pela corda eletromagnética do sol, a natureza viva é influenciada nos menores detalhes por fluxos de átomos que inundam a terra, provenientes do universo. As ondas cósmicas, o movimento do globo terrestre em torno de seu próprio eixo, a alternância das estações, tudo o que gera o ritmo de ascensão e declínio da existência, seja em frações de segundo ou no curso de anos estelares, se manifesta de acordo com sua própria duração.
O homem acha que é um *ser* devido a sua capacidade de pensar. Ou como afirmava Descartes: "Penso (ou duvido), logo existo". Contudo, o ser humano não passa de uma centelha de pensamento na eternidade da criação. Com seu pensar limitado, ele só consegue ser prisioneiro no mundo ao qual foi destinado. Ele pensa que vive no universo, mas sua existência é solitária. Os geólogos perfuram o solo para examinar a vida petrificada há milhões de anos em estratos profundos e nos fósseis. Historiadores pesquisam arquivos do passado e assistem ao desfile de civilizações extintas. Os físicos examinam o segredo da vida para tentar compreendê-lo. Biólogos fazem suas experiências com animais que são incapazes de manifestar seu sofrimento. Eles manipulam os genes e os cromossomos e analisam o que parece representar a árvore da vida humana: o DNA. Os astrônomos pesquisam os incontáveis sistemas estelares no espaço insondável. Planetas e estrelas nascem e morrem. Segundo os físicos, nosso sol será um astro extinto dentro de uma dezena de milhares de anos, mas bem antes disso, toda vida sobre a Terra já terá desaparecido. Em resumo: a existência na matéria está submetida ao tempo. No entanto, a vida é imortal! O olho do espírito observa o espaço sem fim onde ele acredita estar vendo, no caos, o lampejo de fogo que seria o início de toda manifestação. Agora que o segredo da força gravitacional no sistema solar foi descoberto, talvez possamos saber como a explosão original causou tudo isso. E também como, conforme o plano divino, uma ordem chegou ao caos do universo imaterial. Uma *ordem* correspondente à ideia do mestre construtor do universo, o *tecton*.

Lao Tsé diz: "Antes que céu e terra existissem havia um ser indefinido." E que magnífica expressão ele utiliza para designar o segredo do Criador: *Isso*! É ao mesmo tempo o segredo da concepção primordial do microcosmo! E o sábio chinês continua: "Quão quieto e calmo. Quão imaterial. Ele se mantém só, em si mesmo, e não se modifica. Ele flui através de tudo e, no entanto, não corre perigo. Poder-se-ia designá-lo a Mãe de tudo o que existe debaixo do céu. Não sei seu nome. Mas, querendo atribuir a *Isso* um nome, eu o denomino Tao." (Tao Te King, capítulo 25, *Gnosis Chinesa*) Hermes Trismegisto tenta igualmente formular a causa do Todo: "Deus não é a razão, mas o fundamento dela; não é o alento, mas o fundamento dele, não é a luz, mas o fundamento dela. (...) Compreende isso, então, ó discípulo: Deus é indescritível." (Corpus Hermeticum, Sexto Livro, *Arquignosis Egípcia*, tomo 2)

Ao longo do tempo, o termo *Deus* foi sendo desvalorizado. O que no passado era uma realidade vivente e uma energia inspiradora foi reduzido por muitos a uma ficção antropomorfa. Por meio do pensar, encerrado no mundo que lhe foi atribuído, o homem deu forma a essa ficção com a ajuda de numerosos conceitos. Dessa maneira, com o passar dos séculos, foi construída uma força, uma figura arbitrária à semelhança humana, que busca cuidar de modo pessoal de cada criatura, conduzindo-a e dando atenção a todas as suas aflições e preocupações.

É por esse motivo que, conforme as palavras de Lao Tsé: "Não sei seu nome", uma escola espiritual transfigurística sempre conduz o homem a seu Deus interior, à centelha do espírito, ao ser indefinido que existia enquanto princípio de vida primordial antes do surgimento do céu e da terra. O verdadeiro núcleo de vida do homem nunca poderá ser medido ou encontrado com o bisturi ou com o auxílio de qualquer tipo de instrumento sofisticado. Hoje, em dia, esse núcleo está despertando em muitas pessoas sob o efeito de um novo impulso ou respiração espiritual. A noção de espírito remete à força original de todas as vidas. A palavra espírito poderia ser traduzida por "ar em

O homem acredita ser porque ele pensa

movimento", seja vento ou sopro. O *pneuma* do qual os gnósticos falavam antigamente significa também respiração ou espírito. O movimento do ar por meio da respiração é um sinal de vida. Quando a sabedoria indiana fala do *Maha-Atma*, refere-se ao "Grande Sopro da Vida".

O Espírito é um fogo, no sentido de que sua respiração é ígnea, ardente. O fogo divino ativo na natureza do Universo é também o sopro abrasador capaz de despertar no homem o princípio divino primordial. Antigos mitos relatam que o trigo sagrado foi trazido para a terra por dragões da sabedoria, chamados, inclusive, de "Filhos do Fogo", Servidores do Espírito ou da Chama Divina. Nesses mitos transparecem o plano e o objetivo do céu e da terra na qual o homem, desde a noite insondável dos tempos, percorre seu caminho sem fim. Assim, no passado, o trigo ou grão divino foi misturado com a natureza terrestre e destinado a ser transmutado em colheita da criação no fogo do Espírito. Semeado sete vezes e colhido em sete ocasiões no interior das sete raças, durante sete etapas, para fazer amadurecer a rosa sétupla.

"Antes que céu e terra existissem havia um ser indefinido." Isso vale também para o microcosmo, chamado a engendrar o homem-espírito sétuplo que tocaria a lira divina de sete cordas para interpretar seu canto particular, com toda autonomia, baseado nas melodias das partituras do Santo Espírito Sétuplo. Esse microcosmo é potencialmente sétuplo por ser oriundo da matriz do corpo solar sétuplo. E finalmente, a criatura humana que carrega nela mesma o início e o fim dos tempos, assim como a temporalidade traz em si o germe da promessa da eternidade. É essa promessa que os grandes curadores do Universo se esforçam para salvar da morte precoce e é por causa dela que o fogo do Espírito foi inflamado.

Todas as sementes divinas foram lançadas no campo do espírito do planeta para a manifestação do homem segundo uma fórmula sétupla. No entanto, a maior parte dessas sementes divinas ainda não germinou e continua escondida no homem. Assim, vista

do início ao fim, a história da humanidade em seu mundo compreende sete capítulos. Contudo, o sétimo ainda não foi escrito. Enquanto isso, o homem e o mundo permanecem na escuridão e na ignorância. Quem pressente isso se questiona como poderá escrever o capítulo que falta para completar o setenário da criação. O número 7 do qual se fala é chamado "o templo edificado", na Cabala. Na simbologia do *Livro das Sete Chaves**, o 7 representa a vitória sobre a matéria.

Vamos recordar a bela história de Cristão Rosa-Cruz. Na véspera da Páscoa, pouco antes de uma violenta tempestade sacudir até mesmo os alicerces de sua casa, ele se depara com o convite para empreender uma viagem. A sétupla promessa contida nesse convite o faz tomar a decisão de ir para a colina onde se encontram os três templos e onde uma sétupla iniciação o aguarda. A tempestade e a entrega do convite representam os momentos em que a força da substância primordial provoca um despertar. Nesses instantes, o peregrino vê com seu olhar interior que seu caminho segue para o alto e diante dele se delineia o cume da Montanha do Espírito. Então, ele começa a escrever o sétimo capítulo. Joias extraviadas há muito tempo são restituídas a ele, enquanto progride em sua redação: são preciosidades que, como símbolos luminosos das forças auxiliadoras, prestam assistência e contribuem para que ele cumpra a sétima etapa. O peregrino percebe que sua entrada pelas portas dos três templos como Cristão Rosa-Cruz é desejada. Assim se inicia a orientação com o objetivo de restaurar a glória original da casa microcósmica. ✪

* Dr. Isidore Kosminiasky, *O significado e a magia dos números*, Royal Society 1931

O passo que você não quer dar

Depois de ouvir seus poemas, uma pessoa se dirige ao poeta, exclamando: "É como se você tivesse inventado seu próprio idioma, uma nova língua!" E de fato, quem ouve David Whyte declamar sua obra ou lê seus poemas descobre sua linguagem: a linguagem da alma.

Celeiro em Southampton, 1968.
© Ellsworth Kellen,
cortesia Matthew Marks

Em seu poema *Start Close In* ou, *"Comece bem perto"*, o poeta anglo-irlandês se expressa da seguinte forma:

Comece bem perto,
não dê o segundo passo
nem o terceiro
comece com a primeira coisa
que está bem perto
comece com o passo que você não quer dar.

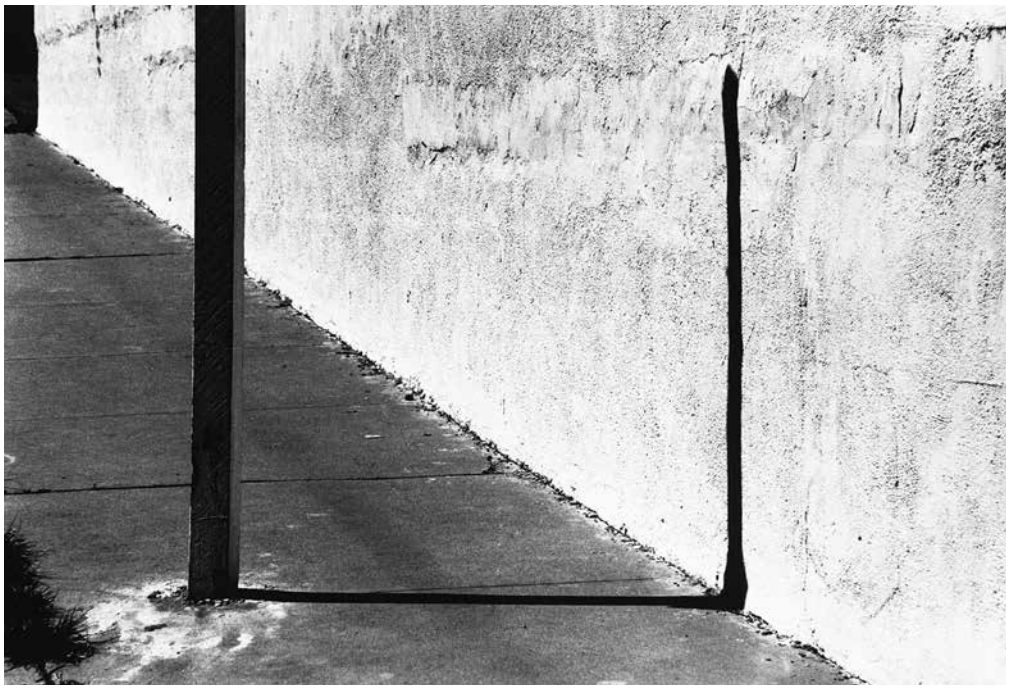
À primeira vista isso teria a ver com uma antiga sabedoria popular, do tipo: comece dando o primeiro passo, comece por você mesmo, não se adiante demais. Contudo, a sutileza se encontra nas últimas palavras: "comece com o passo que você *não quer dar*". Esse passo exige outra abordagem. Sempre é possível escolher a fuga ou a postergação. Nosso eu é muito engenhoso quando se trata de encontrar desculpas.

– Agora não...
– Vou deixar para fazer isso mais tarde...
– Quando eu estiver no clima...
– Já sei de tudo isso faz tempo, mas não consigo...

E então você se vê face a face com sua consciência. Essa voz que é a voz da alma e que, durante toda a sua vida, fica acenando ao fundo. É possível que você a tenha percebido vagamente há muito tempo, mas ainda não sabe o que fazer para que ela se torne a *sua voz*. Sim, de tempos em tempos surge alguma coisa que fica ressoando em você, algo que parece não estar ligado ao tempo. Tão logo você queira tocá-lo ou agarrá-lo, desaparece. Mas, apesar de tudo, você sabe que ele está presente. Como é possível que algo tão essencial, tão importante, não se deixe captar naquela hora em que tanto o queremos? Será porque esteja faltando determinado estado de espírito para conseguirmos chegar perto da verdade? Falta um coração aberto, um impulso espontâneo? Ou talvez o que esteja em falta seja o silêncio de nosso próprio coração? Ou então ainda não haja, no desejo do eu, aquele anseio mais autêntico do eu mais real?

O poeta prossegue:

Comece com o chão que você conhece
esse chão sem brilho
debaixo de seus pés
seu próprio caminho
seu próprio jeito de começar
a conversa.



À esquerda: Sidewalk, Los Angeles, 1978.
À direita: Wall, Majorca, 1967.
© Ellsworth Kellen, cortesia de Matthew Marks

Você se dispõe a escutar, porém a questão é: o que é que você escuta? É possível que seja a alma que acena há dias, anos, vidas inteiras, esperando que você se volte para ela, para aquilo que muito antes de você já existia. Mas você deseja isso verdadeiramente? Você quer realmente ouvir a verdade? Quer conhecer a verdade nua, a verdade que desmascara? Quer saber dela não por curiosidade, mas por um real desejo de compreender, como um sedento no deserto? Se você verdadeiramente aspira a isso, seu ser se torna receptivo à voz da alma que quer dar-se a conhecer. Ela não poderia fazer diferente.
E o poeta nos diz: "comece pelo chão sem brilho debaixo de seus pés". Confie-se àquilo que você já conhece tão bem, aquilo que já o aguarda há muito tempo. Não deseje novas sensações, novas promessas, nem uma visão maior, mais vasta. Comece por aí, bem perto de você. Comece pelo chão sem brilho debaixo de seus pés – o chão que não oferece nada de novo, observe-o. Concentre sua atenção nisso que é tão familiar e comece a conversar com você mesmo. Busque seu ser mais profundo com honestidade e sinceridade. É difícil e dolorido, mas é por aí que você deve começar. Desnude-se com prudência, mas impiedosamente. Trata-se de vencer a resistência interior, de ver onde ela sempre se prende.
E o poeta continua:

Comece com sua própria
pergunta
desista das perguntas
das outras pessoas
não deixe que elas
sufoquem algo
tão simples.

Que pergunta o poeta tem em vista? Que questão é essa, de tão vital importância, que você sempre evita?
Nesse ponto ninguém pode ajudá-lo, pois quem precisa descobrir essa pergunta é você mesmo.

Paciência! Aprenda a não contar com resultados rápidos em seu diálogo interior

Mulebarn (celeiro para mulas).
W.D. Killen, 1912

Existe, porém, uma força que auxilia, uma força muito próxima e muito familiar e que está sempre presente. É a voz sussurrante da alma, que está iniciando o diálogo com você, levantando a questão essencial pela qual você precisa começar. Dar espaço para essa questão é como uma respiração para a alma. O espaço interior vai aumentando e a voz da alma se faz ouvir melhor.

Em seguida, o poeta previne contra as questões dos outros. O que ele quer dizer com isso? Você conhece bem o fenômeno de ser arrancado do seu diálogo interior e de se perder de repente, só porque os outros estão reclamando sua atenção? Quais são as questões que o distraem? Essa reflexão está relacionada com o seu próprio diálogo interior. Então, o que quer dizer: "Não deixe que elas sufoquem algo tão simples"? Algo simples, que sempre esteve ali, mas que raramente se deixava perceber. Quando você, com toda a sua atenção e todo o seu ser silencia interiormente, essa coisa se deixa conhecer. É tão simples, e passamos por cima dela com tanta facilidade! Você também conhece esse impulso espontâneo de proteger essa chama interior que você gostaria de valorizar?

Na sequência diz o poeta:

Para perceber
a voz do outro,
siga sua própria voz
espere até que
essa voz
acabe se tornando
um ouvido interno só seu,
para escutar
o outro.

No diálogo interior, ao invés de respostas, de afirmações e de convicções, você irá, de preferência, caminhar com uma pergunta que, ao mesmo tempo, traz uma resposta. A única questão essencial com a única resposta essencial, o Todo expresso por sua voz, por sua própria alma. A voz que preenche o espaço do diálogo interior com suas sonoridades. Uma vibração que perpassa tudo, um timbre de alegria, sem limite nem medida, ou em outras palavras: a resposta é a vida!

Quando você segue a verdadeira voz de seu próprio ser - não a do pequeno ser-eu que você é, mas sim a voz do verdadeiro ser - vai conseguir perceber, sem esforço, que existe uma sintonia com o outro. Você compreenderá as palavras do poeta quando ele diz: "Espere até que essa voz acabe se tornando um ouvido interno só seu, para ouvir o outro". Arme-se de paciência, espere e, assim, aprenderá a não contar com resultados rápidos desse diálogo interior. Sua atenção vai se voltar para

o ambiente ao seu redor, para uma atividade protetora, dirigida pela pergunta interior que oferece uma direção e fornece uma resposta a partir do verdadeiro ser, da beleza que desabrocha no coração.
Esse ser verdadeiro vai crescendo com paciência e perseverança, como acontece na natureza. Na primavera tudo desabrocha em um esplendor multicolorido. Depois vem o outono, quando os cálidos raios de sol aquecem os frutos que amadurecem e, lentamente, os sumos vão se colorindo de vermelho escuro. Esse amadurecimento é chamado de endura. É preciso continuar pacientemente, perseverar, nada esperar, dando tudo de si. E, nesse meio tempo, o ser verdadeiro durece, é a endura.
"Espere até que essa voz acabe se tornando um ouvido interno só seu, para ouvir o outro". Não se trata aqui simplesmente de um pensamento meditativo, de um belo sentimento com o qual nos identificamos. Não, aqui se trata de uma mudança fundamental. A voz vai se tornando um ouvido interior que escuta a voz do outro. Você aprende a escutar com um ouvido diferente, com o qual antes você não conseguia ouvir de verdade. Daí a necessidade da espera. Isso somente acontecerá quando você tiver experimentado suficientemente sua própria voz, seu próprio som, sua própria e sincera pergunta. O caráter fortuito de suas considerações terá dado lugar à vontade de ouvir o Outro, de escutá-lo e segui-lo.
Quem é esse Outro? É possível conhecê-lo? A intuição da alma que acena, mostra o caminho, e cada vez que esse caminho desaparece como fumaça, se distancia, ela aguarda pacientemente, até que nosso ser novamente amadureça o bastante, que esteja purificado, aquietado, a fim de poder ouvir e seguir o murmúrio da alma, que apenas pode ser percebido pelo ouvido interior.
Comece agora mesmo, dê um pequeno passo, que você pode chamar de seu. Não siga a coragem dos outros, seja humilde, em orientação única. Comece bem perto, não cometa o erro de confundir o outro consigo mesmo. Você está aqui e agora, comece agora. Dê um pequeno passo que você possa chamar de seu. Agora é o melhor momento, o melhor lugar para você dar o passo interior que você jamais deu. Dê esse passo que talvez seja insignificante para o mundo, mas que é crucial para você. Com toda humildade, com toda atenção, dê um passo rumo a seu interior sem se preocupar com que os outros pensam, com seu julgamento: confie em seu próprio julgamento. Confie não na realidade deles, mas na sua própria realidade, não na verdade deles, mas na sua própria verdade. Confie nessa voz interior, na voz da alma. Então já não haverá nenhuma comparação a ser feita, nenhum exemplo a seguir. Trata-se do diálogo interior do qual você participa e que, ao mesmo tempo, parece acontecer fora de você. Trata-se de um diálogo muito íntimo que parece se desenvolver apesar de você. Ele é mais poderoso que o seu pequeno eu, porém muito familiar e verdadeiro. Então, esse ser que já não se satisfaz com meias verdades sente uma alegria imensa quando reconhece o verdadeiro Ser! É assim como foi dito no Egito Antigo por Hermes Trismegisto:
É verdade!
É certo!
É a verdade toda!

Isso está acontecendo dentro de você, no mundo, no Universo. Mais próximo do que mãos e pés.

Comece bem perto
não dê o segundo passo
nem o terceiro
comece com a primeira coisa
que está perto
que é o passo que você não quer dar.

Comece com o chão
que você conhece
o chão sem brilho
debaixo de seus pés
seu próprio caminho
seu próprio jeito
de começar
a conversa.

Comece com sua própria
pergunta
desista das perguntas
das outras pessoas
não deixe que elas
estraguem algo
tão simples.

Para perceber
a voz do outro,
siga sua própria voz
espere até que
essa voz
acabe se tornando
um ouvido só seu,
para ouvir
o outro.

Comece agora mesmo
dê um pequeno passo
você pode chamá-lo de seu próprio
passo
não siga
os passos heroicos dos outros
seja humilde e tenha foco
não confunda
esse outro com você mesmo

Comece bem perto
não dê o segundo passo
nem o terceiro

Comece com a primeira coisa
que está perto
que é o passo que você não quer dar. ✪

Nunca antes existiram tantos seres humanos na Terra. Como num giro infinito eles circulam pelos continentes. Por quê? Aonde vão? O que deixam para trás? Onde se estabelecem? Com que perspectivas?

São eles que trazem a mudança! Procuram e anseiam por ela ainda que praticamente não tenham consciência disso! Ora, foi só por essa razão que os microcosmos, essa multidão de almas, encarnou na Terra em sua viagem através dos tempos e dos mundos por tantas e tantas vezes – porque estavam em busca de renovação. Afinal, o que se consegue transformar aqui na matéria mais densa da Terra é um ganho permanente. Por certo eles rejeitam todas as fronteiras, rompem tudo, destroem tudo numa luta de vida ou morte, pois, inconscientemente, intuem que, se não morrerem e tudo se transformar, o que é novo não nascerá. O observador que, a partir do outro, lançar seu olhar espiritualizado pela Terra, essa pérola escurecida no universo, fará esta reflexão: são os humanos que percorrem a Terra e são eles que aguardam a Luz primordial, a aurora do espírito. É verdade que muitos não veem, não ouvem, ainda não sabem, mas, dentro deles, já reluz, tênue, a centelha da ressurreição. Os seres humanos estão diante da transformação da matéria em espírito.

Grande traço de união

A partir de uma consciência voltada para o exterior e de uma clara imagem do que é possível interiormente, conseguem conscientizar-se de seu mundo interior. É a própria ressurreição que trazem consigo como um delicado novo ser, como primeira claridade da manhã. E nós, pessoas positivas do século 21, voltadas para o espírito, pensamos que a ressurreição é algo de hoje em dia. Cristo nos deu provas dela com sua vida e agora ela pode tornar-se realidade em nós. Mas a ressurreição já existe há milênios! Desde que ondas de vida encarnaram na Terra, existiram aqueles que perceberam a evolução do homem-luz em seu microcosmo. "Não pensem que a ressurreição é uma ilusão" disse Valentim em sua carta a Reginus. "Pelo contrário, a vida material é uma ilusão, um sonho."

Na vida interior de nossa Escola Espiritual reflete-se a imagem do Ressurreto, do *Manas* renascido, o homem anímico e espiritual: é a imagem do microcosmo restabelecido. A imagem que, desde os primórdios, foi dada como promessa e ideal às regiões mais elevadas de nosso logos planetário.

Através de Cristo, ela foi firmada na humanidade – assim como, através da Escola Espiritual, está sendo reafirmada.

Uma nova manhã para a humanidade

Viver para morrer, morrer para viver. Esta poderia ser a fórmula mais marcante e mais sintética do conceito de transfiguração. "Transfiguração" significa ressurreição, motivo pelo qual ela se dá na Escola, e essa é a meta do verdadeiro aluno. Estamos na manhã de nossa ressurreição, no processo de renascimento de nossa alma! Mas não nos esqueçamos de que, na humanidade como um todo e em numerosas regiões, delineia-se nitidamente o início de uma grande mudança. Ora, o homem não é um computador biológico! É antes um elemento em um significativo processo de evolução, que anseia por liberdade.

Saindo da caixa de areia

Somos mais elevados que o céu,
mais nobres que os anjos.
Por que não avançamos?
Nossa morada está junto à Augusta Majestade!
O que faz a pura pérola na caixa de areia deste mundo?
Como veio parar aqui?
Vá embora e volte!
Como a ave marinha, o homem vem do mar das almas;
como pode deter-se aqui essa ave do mar das almas?

A reposta a essa pergunta nesta poesia de Rumi – "Por que estamos aqui, o que faz a pura pérola na caixa de areia deste mundo?" – é simples, pois o que sempre foi prometido a nós humanos é o retorno à luz, a superação da treva através da luz. A superação acontece com certeza somente depois de pesado embate. Mas será que não é justamente esse embate o aspecto mais importante da superação? Os contos, mitos e outros textos de profunda sabedoria não são tão valiosos justamente porque descrevem a luta da alma para essa superação, por apontarem as faculdades que precisam ser desenvolvidas para chegarmos a esse resultado e por mostrarem como precisamos morrer para sermos chamados para uma nova dimensão na vida? Seria essa a luta que vemos no mundo, na natureza e em nossa sociedade? A transfiguração é uma luta interior e pessoal?

Ora, o homem não é um computador biológico! É antes um elemento em um significativo processo de evolução, ansiando por liberdade

Talvez. Mas também é a luta de toda a humanidade! E a causa de toda essa luta é a ignorância. É verdade, somos ignorantes. Quase poderíamos dizer: não temos consciência do que diz respeito às áreas que estão fora de nossa percepção sensorial. E nessas áreas também se inclui todo o funcionamento de nosso próprio corpo, tanto físico quanto psíquico, e toda a nossa consciência. Somos ignorantes em relação a nossa própria existência humana! Por sorte, é isso o que efetivamente nos mobiliza e nos faz examinar o andamento das coisas para que nos livremos de nossa insignificância, de nossa existência movida arbitrariamente pelos elementos e por circunstâncias externas e que queiramos estudar as coisas com mais exatidão. E assim temos de pesquisar, experimentar, refletir e descobrir tudo para suprimir nossa ignorância.

Fica claro, portanto, que não podemos apreender sem mais nem menos o conhecimento da verdadeira existência humana, do homem espiritual. Para isso, é

necessária uma ponte, um intermediário, uma alma, que nos traga clareza, frescor e força. Quem começa a reconhecer a luz da alma descobre seus recursos, que sempre emanam do Bem. Esse reconhecimento é a consequência da percepção e da aceitação de nossa existência anímica. É algo em que podemos confiar.
Logo, transfiguração é o desabrochar da alma, o deixar-se preencher por ela. Não se trata de uma perda, mas sim de fazer a escolha lógica por uma magnificência inimaginável. Porém teremos de dar mais um passo adiante. Ao reconhecimento da alma segue-se o verdadeiro encontro. Ora, tão logo formos ao encontro da alma em nosso coração e com ela estabelecermos uma ação recíproca verdadeira e um intercâmbio de correntes de energia, poderemos dizer que dentro de nós há uma vida que está indo ao encontro de outra vida. Por que o encontro e a união do homem com sua alma – seu coração microcósmico – é tão importante? Será que não estamos em ação recíproca permanente com nossa alma, uma vez que ela é a força motriz de nossa vida? Com toda certeza! Mas logo após esse encontro e depois de termos realmente aprendido a conhecer a alma, vem a amizade.

Amizade

Quanto à maneira como convivemos com nossa alma em interação amistosa podemos imaginar assim: a alma nos permite conhecer de dentro para fora para que a experiência – agora mais consciente – possa voltar-se para nosso interior. Com isso, obtemos melhor compreensão do significado de nossa existência. E, de nossa parte, conseguimos conduzir a alma de baixo para cima. Na realidade, esse é o grande processo de transposição do espírito para a matéria e da matéria novamente para o espírito. É crescer para o interior em uma consciência anímico-espiritual que põe fim à nossa existência sempre voltada para fora. É a conexão entre fora, dentro, embaixo e em cima!

- Espírito: o pensamento mais veloz, verdade ígnea, eterna;
- Alma: a beleza do ser, extremamente móvel, sensível e límpida;
- Corpo: o meio de expressão de ambos e, assim, o bem único.

Uma tri-unidade de espírito, alma e corpo – verdadeira, bela e boa.

A manifestação do Espírito é criação perfeita – é ideia clara que adota a forma viva, gloriosa, do Incriado. Mas o que vemos ao nosso redor é uma vibração dissonante do Espírito e da Luz, uma solidificação mais concreta, uma forma confusa, sujeita a decomposição. Nesse tipo de manifestação, a Luz está mesclada com uma força de corrosão e obscuridade que limita e restringe. Mas foi através dela que a forma e a expressão original tornaram-se possíveis. E só assim o mistério da ressurreição pode tornar-se realidade – como sempre foi, é e será, pois a percepção da Luz nessa densificação material é, para nós, o início da ressurreição.

O sol interior

E esse encontro tão especial do homem com sua alma bem como o intercâmbio entre novas correntes de energia sobre as quais já falamos constituem a transmutação da matéria, a transformação da veste de luz, que é a condição astral, mental e etérica do homem.
Que alma é essa com a qual podemos nos encontrar? Será que já tentamos imaginar como ela seria? Ela é um fogo imortal, uma flama radiante, a criatura humana que passa a ser denominada um deus. Jan van Rijckenborgh assim a descreve:
"Da nova alma emana uma luz muito intensa, um fogo ígneo que pode ser comparado à cauda ígnea de um cometa.

Nessa radiação ígnea reconhecemos claramente sete aspectos: são os sete novos chacras do corpo vital. A nova alma está então em perfeitas condições de ser operante como autocriadora. E, a partir de si mesma, ela produz uma estrutura de linhas de força na qual a coluna de fogo com os sete aspectos está no centro".

nosso próprio ser, vemos apenas o corpo e sentimos sua radiação, que chamamos de "vida". Mas a alma, a essência de nosso interior mais profundo, só vamos conhecê-la quando ela própria nos conceder olhos e ouvidos para tanto. Quando ela nos der novos recursos dos sentidos, surgirá, a partir da razão anímica, uma

"É verdade! É certo! É a verdade toda!"

A nova alma, nosso sol interior, é, portanto, uma coluna ígnea de proporções inimagináveis que exala um calor puro, brando e benigno. Vamos compará-la com o sol visível. Ora, vemos apenas a camada mais externa do sol – um mar de chamas: a substância material expressa como um fogo luminoso. Mas não conseguimos ver o núcleo do sol. Quando contemplamos

nova percepção e um novo pensar, uma clara intuição. O homem no qual a natureza interior se manifesta até esse ponto (portanto aquele que vive uma relação de amizade com sua alma) recebe uma clara intuição – como uma bússola interior. Essa intuição direciona para dentro a força de sua consciência e é nesse espaço que ele encontra a vontade do Pai. Tão

logo sua vontade esteja em sintonia com a Vontade divina, ele entra no espaço no qual pode conhecer realmente o Espírito. E isso porque, nesse momento, sua alma vê e sente através dele. E, como a alma vê a pura realidade por trás de tudo o que ela percebe, o homem passa a ter experiências valiosas. Acima de tudo, ele começa a entender seu próprio significado que, na verdade, é sua alma.

O brilho do que é genuíno

Quando vive apenas para o homem exterior, nosso corpo perde seu brilho. Porém ele recupera seu brilho assim que estejamos em um relacionamento especial coma alma, tão logo a alma se eleve ao Espírito ou ao "ânimo" como diz a sabedoria hermética. Assim obtemos a Gnosis a partir do ânimo. Depois de iniciarmos a amizade com a alma vem o amor. Agora a alma torna-se amante, ao mesmo tempo amada e amante do Espirito. Portanto, a "Gnosis do ânimo" produz uma grande conversão: aquele conhecimento que, como alento de Deus, vitaliza nosso corpo. Ora, o ser verdadeiro sempre significa "Três em um": espírito, alma e corpo – luz, vida e substância. Esses três possibilitam permanente e reciprocamente uma equivalência perfeita.

Amor

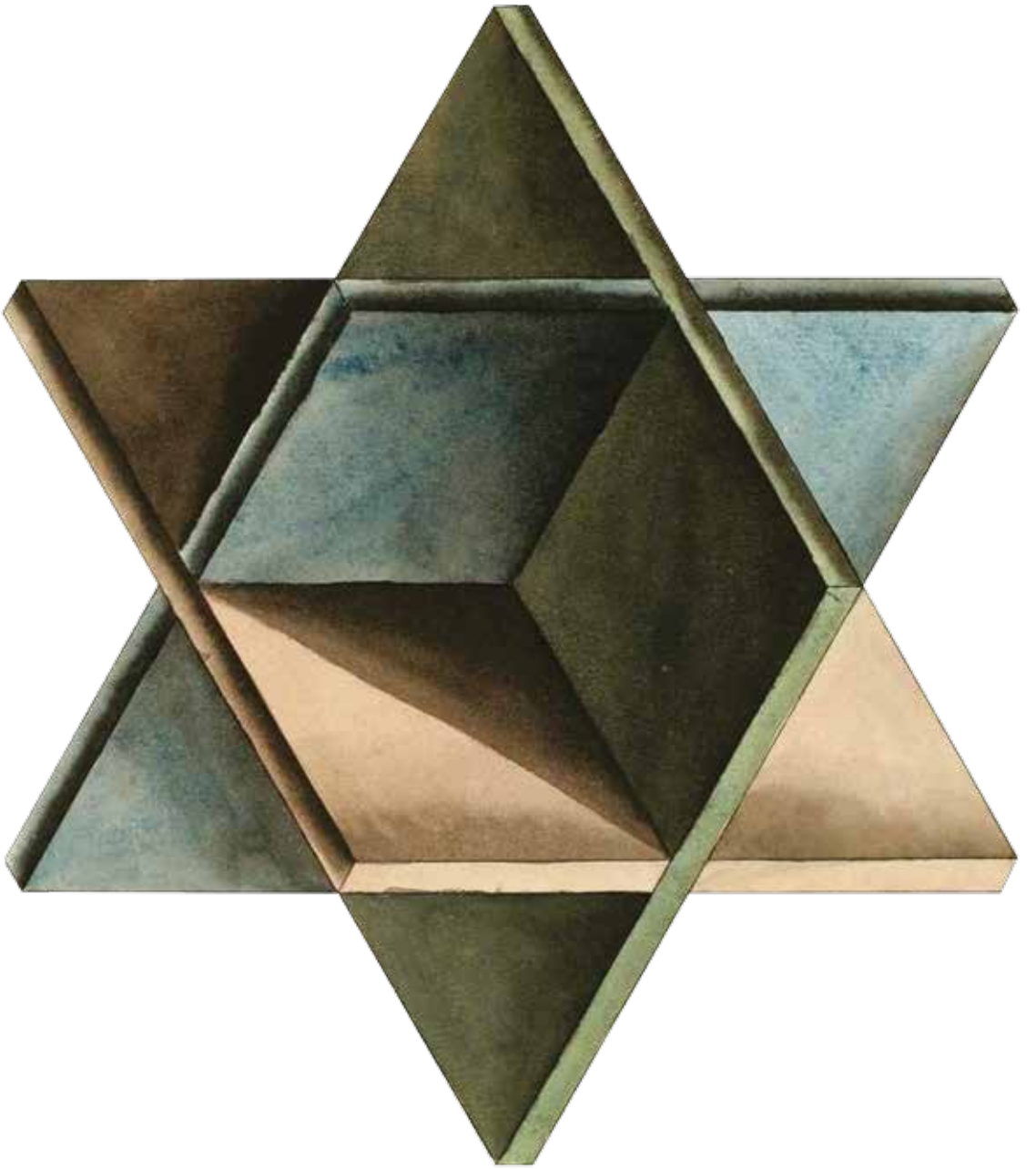
Precisamos apenas aprender a amar nossa alma sinceramente e a ressurreição será possível. Assim, podemos falar da existência de um triângulo perfeito: corpo, alma e espírito – as três radiantes joias do Homem Perfeito. O que significa essa nova forma de amor? Não criar separações, divisões entre nós e o universo em compartimentos separados. Quem ama de verdade está presente. Nele germina de modo intuitivo uma consciência onipresente. Quem ama de verdade aprende a pensar verdadeiramente porque sabe levantar as questões certas. E quem sabe levantar essas questões amadurece e, dentro dele, vai crescendo uma grande compreensão em relação a seu próximo. Assim, compreenderemos profundamente o fato de que nós mesmos somos a expressão de um homem-deus em desenvolvimento! A respeito dessa alma em verdadeiro devotamento Hermes afirma: "A alma devotada eleva-se ao espírito que a conduz à Luz da Gnosis. E tal alma não se cansa de cantar louvores a Deus e propagar bênçãos sobre todas as pessoas seguindo seu Senhor em fazer o bem em palavra e ação".

A alma é o grande traço de união

Somente através da alma o homem conhece a ordem divina, a vontade pela qual se realiza o grande plano. O amor da alma pelo Espírito depende de sua pureza. Portanto, quem determina o rumo é a integridade, é a pureza. Ressurreição e entrega do eu são condições para a orientação espiritual em nós. Ansiamos por Deus e o invocamos – a fonte de toda vida – ou nos afastamos dele quando o peso da matéria prende a alma ao mundo inferior. Com uma alma que não tem uma orientação clara, inequívoca, o homem perde-se no deserto. Através da pureza da alma "o homem vê Deus" e aprende a andar com Ele! Assim a alma é novamente orientada de baixo para cima de modo que pode dizer com Hermes:

"É verdade
É certo!
É a verdade toda!
O que está embaixo
é como o que está em cima,
O que está em cima
é como o que está embaixo,
a fim de que as maravilhas do Uno se realizem". ✪

Doença - Perturbação do centro



Quais são as causas espirituais e corporais das doenças? Como aparecem as perturbações em "nosso centro"? Quais são os meios para nossa cura? Essas perguntas foram o assunto-chave de um simpósio em 12 de setembro de 2015, no Centro de Conferências de Noverosa, em Doornspijk, Holanda.

Costumamos chamar o centro de "coração". Quando falamos a respeito do "coração" de algum assunto, queremos nos referir a seu aspecto central.
Há muito o que falar sobre o centro, mas é impossível defini-lo claramente. Ele é bem definido em termos matemáticos, mas quando falamos sobre processos fisiológicos ou sobre processos da alma, tudo fica mais complicado. Nos assuntos espirituais perdemos rapidamente a referência – motivo pelo qual se vê tamanha discordância sobre essa questão em nosso mundo.
Quando ficamos doentes, logo percebemos. Dizemos: "Estou fora do eixo", "Estou descompensado". É que o equilíbrio de nosso centro está perturbado. Não importa se as reclamações são grandes ou pequenas; geralmente a causa é um conflito interno, que via de regra é parcial ou completamente inconsciente. Muitos pensadores da área da saúde e filósofos já se ocuparam com essa questão.
Hermes Trismegisto, o grande sábio da Idade de Ouro egípcia, já antes da era cristã chamava o ser humano de "microcosmo" e falava sobre a unidade Deus, cosmo e homem. O centro do microcosmo coincide com o centro do ser humano: o coração.
De acordo com Hermes, trata-se do "coração microcósmico".
Como nos distanciamos do verdadeiro centro, perdemos nossa senda interna, nos extraviamos. Ou, no mínimo, esse ponto central se encontra difuso, assim como nossa vida se manifesta de forma mais ou menos caótica e confusa. É assim que aparecem os desentendimentos e conflitos.
Quando nos voltamos para o coração microcósmico dentro de nosso coração físico, logo se instaura o equilíbrio de espírito, alma e corpo.
Então, "os efeitos do Tao" se manifestam claramente. E entramos novamente em ordem – em uma ordem em sentido mais elevado.
A conexão entre Deus – ou Tao –, o cosmo e o homem é novamente restaurada!
Os participantes do simpósio se concentraram nesses três níveis e suas relações.
Em todas as épocas existiu a fascinação do ser humano por esta ordenação específica do mundo – e aqui estamos nos referindo a todas as grandezas, do microscópico ao macroscópico.
Jan Scholten demonstrou propriedades especiais dos elementos lantanídeos da "nova" química, usados como medicamentos necessários para os tempos atuais.
Parece existir uma conexão entre a descoberta de elementos tais como ferro, cobre, estanho, e também de urânio e plutônio, e o desenvolvimento da consciência do homem.
Em aplicações homeopáticas, o uso desses elementos tem um efeito benéfico em doenças autoimunes e nos distúrbios de espectro autista.
A relação entre o mundo atômico e o desenvolvimento humano é surpreendente!
Esse conhecimento foi muito divulgado nas últimas décadas. Jan Scholten coloca essas coincidências em uma perspectiva nova e completamente desconhecida. A ciência da cabeça, o pensamento analítico, nos trouxe muitas contribuições, enquanto a ciência do coração, o pensamento unificador, pode nos conduzir à síntese de ambos. ✪

Elementos, séries, temas, desejos,

A medicina clássica leva em consideração principalmente o que não está indo bem no corpo humano. Seu olhar está voltado para aquilo que em realidade está ou não está funcionando, para o que está de acordo com o que se espera quimicamente. Porém, em homeopatia olhamos especialmente para o que está errado internamente, o que está errado na alma, o que pode estar fora de equilíbrio numa pessoa. Esta é uma área importante.

As antigas obras de referência de Medicina Homeopática mencionam uma série de remédios que correspondem a uma série de sintomas. Quando me deparei com isso pela primeira vez, me indaguei: "O que isso significa?" Na verdade, é muito difícil de compreender isso. Hoje, há uma significativa aceleração do desenvolvimento do pensamento e da homeopatia.

Primeira tabela

A tabela periódica dos elementos é subdividida em determinado número de células e compreende várias linhas e colunas. Na figura da página 30 vemos oito linhas de elementos. Na verdade, a oitava é a continuação da sétima, que foi representada em duas linhas por razões de ordem prática. Portanto, há apenas sete elementos. É que, se fôssemos apresentar os grupos dos lantanídeos e dos actinídeos na mesma linha, ela ficaria muito longa. As oito linhas contêm 18 colunas. Muitos dos que estudaram essa tabela talvez a tenham deixado de lado, pois isso é muito complicado. Porém, se a olharmos como a vemos em homeopatia, também poderemos estudar o que fazem todos esses elementos, esses átomos. O carbono, por exemplo, é o elemento central, essencial, de tudo o que é vivo. Por isso, todos os compostos químicos se reagrupam ao redor do carbono (como as proteínas, os açúcares, as gorduras). Cada um dos sete elementos tem seu próprio significado, tanto no plano químico quanto no psicológico. As linhas são chamadas de "séries" e as colunas de "períodos ou fases". Cada série tem seu próprio tema e um campo de vida correspondente. As colunas diferenciam as séries. Podemos atribuir-lhes um número. Preferi dar-lhes um nome (cf. p. 30) em função dos elementos mais importantes da série.

Uma espiral

A tabela da página 29 está desenhada na forma de um círculo espiralado. No centro dela, lá está o hidrogênio, em uma célula que na verdade está estranhamente vazia. Não há nada no centro. No entanto tudo procede desse centro! Portanto, o hidrogênio é o primeiro dos elementos, a partir do qual todos os outros se desenvolvem e se tornam complexos. É um belo símbolo para considerarmos a estrutura dos seres vivos. Por um lado, a vida é cíclica; por outro, ela é bem mais do que isso, pois as coisas aparecem e desaparecem – o que demonstra um processo de desenvolvimento. É essa a razão da representação em forma espiralada.

Um sistema e sete séries

A terceira tabela representa a mesma coisa sob a forma de um sistema solar. Podemos vê-lo como se fosse tanto o macrocosmo como o microcosmo – como um conjunto que está presente em nós. Em resumo: podemos dizer que cada um dos elementos é a expressão de uma fase específica de nossa vida. No início há o hidrogênio. Em seguida, depois de várias fases, chegamos à velhice, que corresponde aos elementos radioativos. Esses elementos se decompõe, da mesma forma que acontece conosco no final da vida. Nós nos desintegrando aos poucos – pelo menos nosso corpo físico!
A sete séries são: 1- hidrogênio; 2- carbono; 3- silício; 4- ferro; 5- prata;

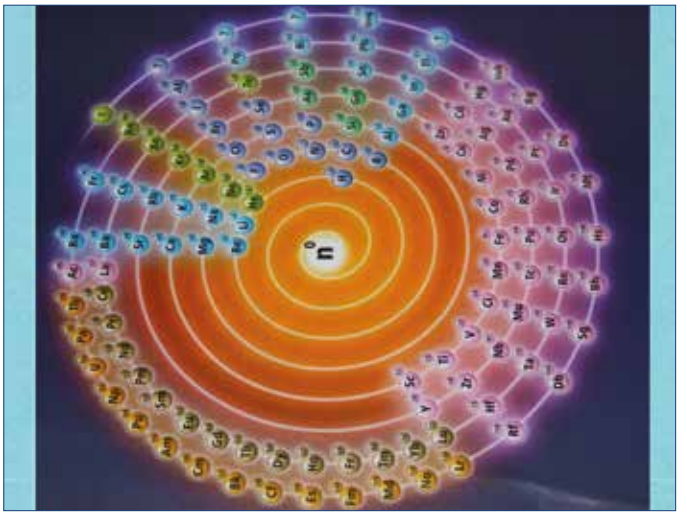
aspirações, identificações

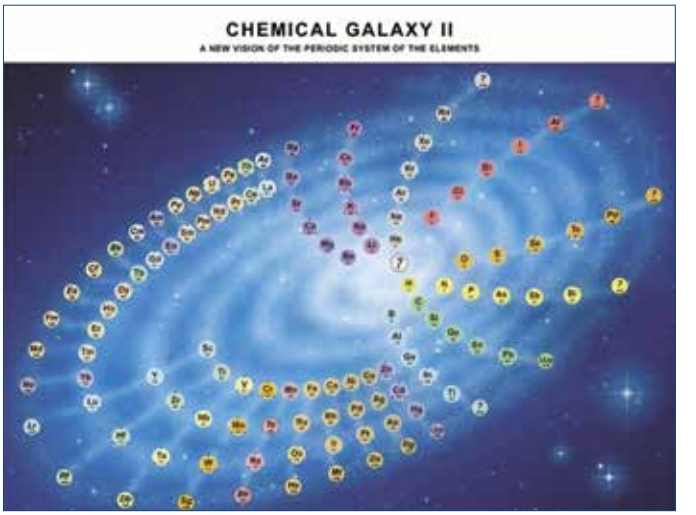
JAN SCHOLTEN

6- ouro e 7- lantanídeos, que, com o grupo dos actinídeos, formam uma só série, que apresenta um tema em comum, mas também algumas diferenças. Essa sétima série é a última: é a do urânio. Também é chamada de "grupo dos elementos radioativos".

Cada uma dessas séries possui um registro filosófico que reflete uma fase de nossa vida e traduz uma etapa da nossa consciência.

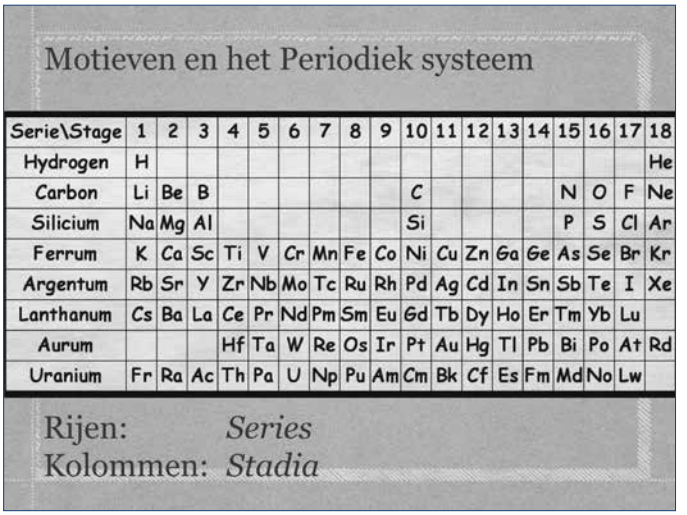
• A primeira série é a mais curta e, na verdade, compreende somente dois elementos: o hidrogênio e o hélio que, em pouquíssimas palavras, representam a ideia "ser ou não ser". É a série mais difícil de ser compreendida, pois ela praticamente não diz respeito a quase nada, a não ser o período de vida fetal, quando ainda não nascemos e sobre o qual ignoramos tudo, por assim dizer. No entanto, sabemos que tudo o que acontece nesse período pode exercer grande influência mais tarde. Vejam como a série hidrogênio pode ser simbólica: passamos por esse período sem saber disso – mas o vivenciamos e o registramos sem estarmos conscientes disso. Não há como nos lembrarmos dele! E aí está o tema "ser ou não ser": vivenciar experiências sem percebê-las.

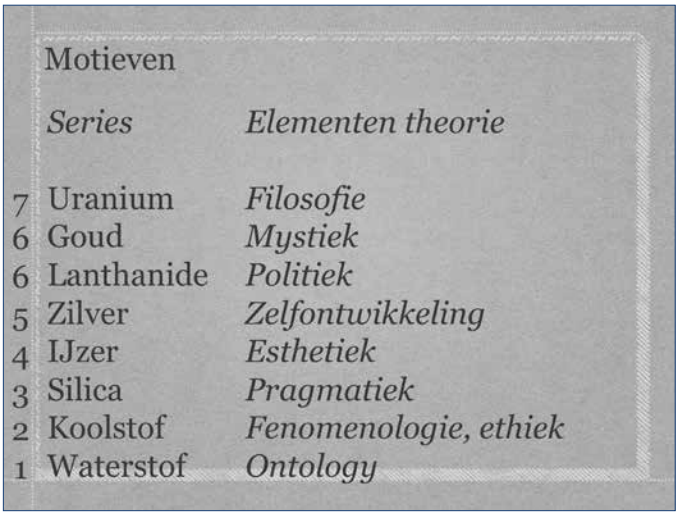




• O segundo grupo leva o nome de série carbono, pois esse elemento é o mais importante dessa série. Esse grupo de elementos fala a respeito do corpo, do ser em si mesmo – ou seja, do desenvolvimento do ego, da personalidade. "Eu sou eu e tenho um corpo". O que é importante, nesse caso, é a sobrevivência. Afinal, sem corpo o eu não existe! É o maior dos medos, que caracteriza a série carbono. Quanto mais nos identificamos com nosso corpo, mais temos medo de perdê-lo. Da mesma forma, quanto mais pensarmos que somos nosso cérebro, mais teremos medo de "perder a cabeça". Geralmente, isso é algo que todos admitem. Por outro lado, as pessoas que vivenciaram uma experiência de quase morte (EQM) voltam com a convicção de que seu ser é diferente de seu corpo. De acordo com suas próprias palavras, deixaram de lado o medo da morte.
Resumindo: toda essa série carbono representa angústias e temores ligados à perda do corpo, ao medo de ficar doente, ao medo de animais selvagens, ao medo da perda, ao medo do frio e das infecções.
O tema do bem e do mal também está associado a esse grupo. É o tema dos valores culturais que nos foram inculcados. É a fase na qual as crianças aprendem a fazer a diferença entre o bem e o mal. Ela está relacionada à educação, às proibições, às ameaças do tipo: "Isso que você fez é muita maldade!" que induzem a criança à noção de "fazer o bem" ou "fazer o mal". Esse tema também está muito presente nos contos e mitos que as crianças tanto apreciam. Além disso, ele também está ligado à imagem que fazemos de nós mesmos. "Quero ser alguém. EU sou Fulano(a)".
Ao mesmo tempo, esse tema dá a medida de nosso grau de identificação àquilo que achamos mais importante. "Destacar-se e fazer a diferença" é uma etapa indispensável que precisa ser vivenciada. Essa série carbono diz respeito ao período da infância que vai até mais ou menos os 12 anos de idade: é o período do desenvolvimento do eu, quando precisamos, acima de tudo, aprender a dizer "eu" e, em seguida, a formar um "eu".
• A terceira é a série silício. Aqui se desenvolve o tema "relações". É o tema próprio à puberdade, a fase na qual aprendemos a estabelecer contatos, a compartilhar, a

O bem e o mal, que são temas de contos e mitos interessam bastante as crianças





manter amizades, a estabelecer relações afetivas. Para os adolescentes, claro que é bem mais importante ter amigos, privilegiar um ou outro amigo ou amiga do que estudar. Explica-se: a escola não tem absolutamente nenhum interesse para eles porque estudar é o que caracteriza a etapa seguinte. A série silício está concentrada nas questões: "Com quem eu convivo?" Nessa fase, os relacionamentos às vezes chegam a ser tão importantes que podem determinar toda uma existência! É entre 12 e 20 anos que geralmente escolhemos entre nossos amigos aquele ou aquela que irá compartilhar conosco a nossa vida.

• A série ferro tem como tema dominante o trabalho. O ferro é um metal destinado a ser trabalhado. Ele é útil para fabricarmos ferramentas e para efetuar diversos trabalhos. Trata-se, principalmente, de trabalhar no âmbito da cidade. "Qual é minha ocupação na cidade, na sociedade?" Se quisermos ser importantes para os outros, é preciso exercer uma função. E, para saber que função é essa, precisamos fazer alguma coisa, como padeiros, carpinteiros, pedreiros etc.. O que importa é que o trabalho seja bem feito – e a isso geralmente se segue o medo de decepcionarmos alguém, de sermos excluídos. Existem diversas comunidades, mas na série ferro somente conta a comunidade da cidade: é na cidade que todos se conhecem pelo nome e pela função que exercem. Sermos descartados passa a ser tão dramático quanto as humilhações infantis que sofríamos na escola. Na terceira série, a série silício, o medo de sermos excluídos estava ligado ao nosso círculo de amigos, à família mais próxima – portanto, a outro tema.

Quando observamos uma pessoa que possui uma forte imagem da série ferro, logo veremos que ela está ocupada em conquistar um lugar ou em exercer sua função na comunidade ou no trabalho.

Assim, constatamos que as diversas colunas estabelecem distinções que dizem respeito à maneira que vivenciamos o tema em questão. A oitava, por exemplo, corresponde à fase da conduta, da atitude: trabalhar duro, fazer o melhor possível, crer que algo nunca está bom o bastante, colocar a si mesmo e aos outros sob pressão. Uma pessoa que sofre uma pressão como essa precisa de ferro! A homeopatia irá prescrever para ela *ferrum metallicum*, o ferro puro, sem nenhuma mistura, e esse elemento irá permitir que essa pessoa relaxe um pouco, deixe o problema de lado. Em princípio, é simples assim.

• A série cinco é a série prata. Já não é o trabalho, nem o domínio de determinadas tarefas e sua execução perfeita que constituem o alvo. Nessa fase, o objeto se situa no nível do pensamento. Os representantes desse grupo são pessoas do mundo da arte ou da ciência que desenvolvem ideias, as divulgam, as tornam populares. Eles estão no mundo da cultura e muitas vezes também no da religião – que são setores importantes dessa série. A prata também faz parte da série silício, que é a série dos pensadores e de um aspecto da filosofia. De acordo com a maneira que entendermos o que vem a ser filosofia, poderemos encontrá-la na série lantanídeos e também na urânio.

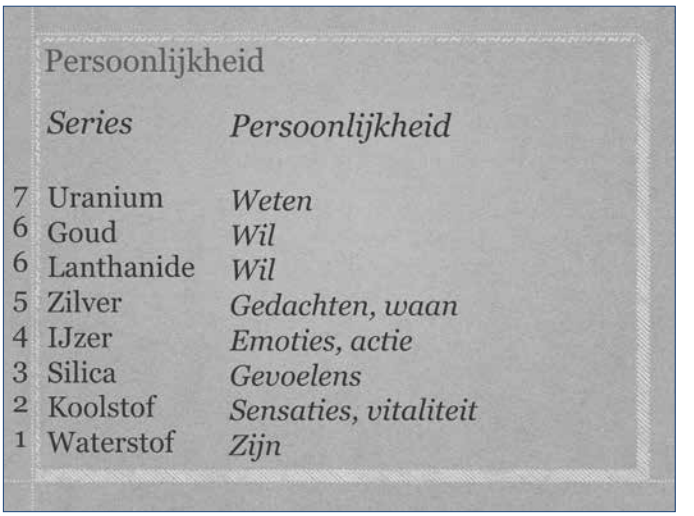
	Motieven	Elemententheorie
	Series	*Regio*
7	Uranium	*Heelal*
6	Goud	*Wereld, macht*
6	Lanthanide	*Wereld*
5	Zilver	*Land, cultuur*
4	Ijzer	*Gemeenschap, dorp*
3	Silica	*Relaties, liefde, familie*
2	Koolstof	*Lichaam*
1	Waterstof	*Wezen*

Motieven:	Kwaliteiten
Verschillende perspectieven	
Verschillende niveaus	
Verschillende series	

A primeira, a série hidrogênio, era a do "ser ou não ser".
A segunda, a série carbono, referia-se ao lugar ocupado pelo corpo, a consciência corporal, no espaço imediatamente próximo.
A terceira, a série silício, se estende à família e aos amigos. O autoconhecimento e do lugar que ocupamos no mundo se amplia.
Na quarta, a série ferro, essa consciência se estende à comunidade, principalmente à cidade.
A quinta, a série prata, trata da cultura local – que antes era uma típica província e agora é um país – e se desenvolve nas grandes cidades, nos grandes centros onde se encontram as universidades, uma vez que tudo isso não poderia acontecer na série ferro, pois no espaço de uma cidade pequena todas as pessoas têm uma função produtiva. Resumindo: na quinta série assistimos a uma extensão da consciência.
• Assim chegamos à sexta, à série lantanídeos, que, em parte, caminha ao lado da série ouro. Nesse grupo, a atenção se volta para a força e o poder, e a consciência se estende para o mundo inteiro.

Nessa série ouro/série lantanídeos o ser humano começa a se sentir responsável pelo bem estar da humanidade no mundo. Agora sua consciência engloba os outros, seus próximos. Já não nos sentimos bem quando todos os membros da comunidade não conseguem se sentir da mesma forma. É bem fácil determinar onde estão as pessoas e qual grupo define melhor o tipo delas: basta saber o que as faz sentir à vontade e onde elas se sentem tratadas com hostilidade. As pessoas que se encontram no grau de desenvolvimento da série carbono verão todo mundo como uma ameaça ou como um inimigo.
Na série silício, uma família constituirá uma ameaça para outra família da mesma cidadezinha.
Na série ferro, é a cidadezinha mais próxima que irá representar essa ameaça.
Na série prata o perigo virá de outro povo ou do fato de alguém falar outra língua ou ter uma religião tão diferente quanto sua cultura: eles serão considerados bárbaros, descrentes.
Por outro lado, na série lantanídeos/série ouro, a humanidade inteira faz parte de nós, pois já não temos inimigos. Nessa fase, valem os temas da fraternidade e da liberdade. Já não é o caso de nos preocuparmos com o "perigo" dos extraterrestres, marcianos ou outros! Os representantes do grupo lantanídeos estão preocupados principalmente em ter domínio sobre si mesmos ao invés de buscar o poder neste mundo. Eles querem se controlar, começando por suas emoções. São indivíduos que desejam seguir seu próprio caminho, ser autônomos – ou seja, seguir sua própria lei. Eles não precisam de ninguém para ensinar-lhes algo ou como fazer algo: eles encarnam seus próprios valores. Os jovens podem dar muita importância a isso: "Quero seguir meu próprio caminho. Quero levar minha própria vida. Quero fazer o que eu mesmo desejar". E até as crianças dizem: "Deixe que eu faço! Eu quero fazer sozinho!" Elas querem ter

	Motives:	Kwaliteiten
	Series	*Centrum van oriëntatie*
7	Uranium	*Transcendentaal*
6	Goud	*Wereld, oriëntatie*
6	Lanthanide	*Wereldbeeld*
5	Zilver	*Cognitie, denken, cultuur*
4	IJzer	*Relations, ontwikkeling*
3	Silica	*Eigen identiteit, waarden*
2	Koolstof	*Moraal*
1	Waterstof	*Behoefte, ontwikkeling*



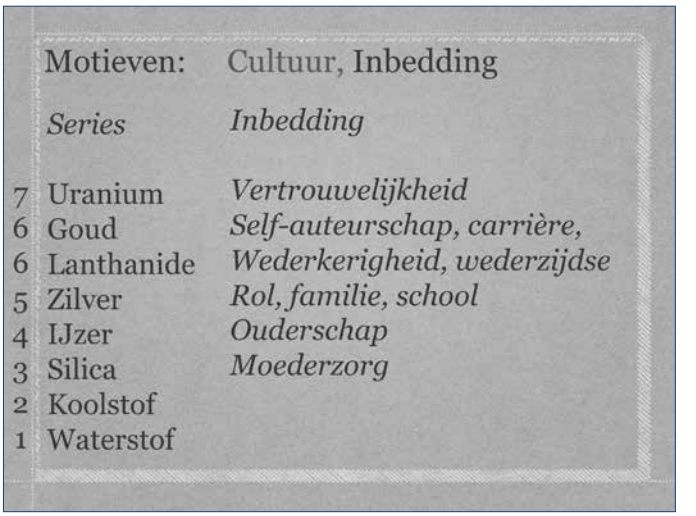
	Persoonlijkheid	
	Series	*Persoonlijkheid*
7	Uranium	*Weten*
6	Goud	*Wil*
6	Lanthanide	*Wil*
5	Zilver	*Gedachten, waan*
4	IJzer	*Emoties, actie*
3	Silica	*Gevoelens*
2	Koolstof	*Sensaties, vitaliteit*
1	Waterstof	*Zijn*

controle sobre suas próprias vidas. Não é por acaso que, para eles, a liberdade é um tema capital – a começar pela liberdade na realidade exterior, onde todos nós precisamos levar a vida. Esse processo vai se expressar nas convicções ou na religião de cada pessoa. Será que essas convicções vêm de nós mesmos ou dos outros? É essa série que explica por que praticamos ioga, aderimos a um ou outro grupo, ou nos tornamos homeopatas... Algumas pessoas saem em busca do que as determina *interiormente* e não somente exteriormente. Na série ouro esse processo continua. Já não procuramos somente nos controlar, mas também queremos voltar para o exterior todo o poder que adquirimos. As pessoas que pertencem a essa série querem se tornar chefes: prefeito, diretor, governador ou presidente. Em princípio, trata-se de querer melhorar o mundo, mas atualmente, se nos aprofundarmos um pouco, veremos que é muito mais para satisfazer seus próprios interesses. É que, nesse caso, o princípio dessa série ouro foi misturado ao que domina a série cálcio.

• A última é a série urânio. Do ponto de vista da idade, é o período da velhice, das pessoas que estão se retirando da vida exterior. Elas estão "entrando em si": ocupam-se mais delas mesmas do que de exercer um poder ou uma influência. É a série do direcionamento espiritual, do "deixar para lá". Nesse aprofundamento, no melhor dos casos nos sentimos em união com o todo o Universo. Nenhuma pessoa representa um inimigo. Em certo sentido, a série hidrogênio e a série urânio se unem para fechar um ciclo, como acontece na figura de oroboros, a serpente ou dragão que morde a própria cauda. O verbo grego *lanthanein* significa "estar oculto" e "permanecer oculto". Realmente: os lantanídeos são metais que se ocultam no interior das pedras. São chamados de "metais raros", mas na verdade não são tanto, porém continuam ocultos no sentido de que nunca os encontramos em seu estado totalmente puro: estão sempre misturados a outras matérias das quais é muito difícil separá-los. O mesmo aconteceu com numerosos grupos espirituais ocultos, com comunidades que ainda não haviam surgido, talvez por não terem força suficiente para estabelecer seu poder no mundo. Podemos ver os lantanídeos como grupos em desenvolvimento, em

A série urânio é a do processo espiritual

	Elementen	Motieven
7	Uranium	*Universum, transcendentie*
6	Goud	*Wereld, macht, leiderschap*
6a	Lanthanide	*Autonomie, vrijheid, zelf*
5	Zilver	*Land, cultuur, kunst, wetenschap*
4	IJzer	*Gemeenschap, dorp, beroep, nut*
3	Silica	*Relatie, liefde, vriendschap, familie*
2	Koolstof	*Lichaam, overleven, moraal*
1	Waterstof	*Zijn*



	Motieven:	Cultuur, Inbedding
	Series	*Inbedding*
7	Uranium	*Vertrouwelijkheid*
6	Goud	*Self-auteurschap, carrière,*
6	Lanthanide	*Wederkerigheid, wederzijdse*
5	Zilver	*Rol, familie, school*
4	IJzer	*Ouderschap*
3	Silica	*Moederzorg*
2	Koolstof	
1	Waterstof	

O homem da série lantanídeos não tem inimigos: para ele, todos são irmãos e irmãs

um processo para se tornarem soberanos. Para alguém alcançar o estado de realeza é preciso ter adquirido o autodomínio, ter se tornado sua própria lei, pois caso contrário, não poderá manter o controle sobre o conjunto. Em muitos movimentos espirituais, mestres que não conseguem dominar a si mesmos provocam contrariedades e decepções. Seria por acaso que os elementos da série lantanídeos marcam a conjuntura atual? Eles são muito utilizados na tecnologia moderna: lasers, computadores, leitores de CD e telas de TV. Eles desempenham grande papel nos efeitos luminosos e nas cores, principalmente nas telas de TV, para criar as cores vermelho, verde e amarelo, que dão forma às imagens. A tecnologia de ponta da informática talvez não existisse sem essa série de elementos. Portanto, eles são demarcadores da passagem para um nível superior da consciência.

Rumo à unidade

Observem: o desenvolvimento do gênero humano realiza-se de acordo com a sucessão das séries que esboçamos acima. A partir da relação familiar e de clã nós passamos às relações das pequenas e grandes cidades e chegamos às relações dos principados e reinados. Os Estados se uniram para formar uma unidade mais importante, como aconteceu na União Europeia. A humanidade chegou ao ponto de conceber um mundo único, que uniria todos os seres humanos: o movimento da Nova Era, era uma expressão disso; o *slogan* "Faça amor, não faça a guerra" também. A guerra significa que os outros são inimigos! Ora, para quem está na fase da série lantanídeos, todos são irmãos e irmãs. Para essas pessoas não há inimigos

Motieven	Tradities
1. Existentieel-fenomenologisch	*Martin Buber, Prescott Lecky, Abraham Maslow, Rollo May, Ludwig Binswanger, Andras Angyal, Carl Rogers*
2. Neo-psycho-analytisch	*Anna Freud, Erik Erikson, Ronald Fairbairn, Donald Winnicott, Margaret Mahler, Harry Guntrip, John Bowlby, Heinz Kohut*
3. Constructieve ontwikkeling	*James Baldwin, John Dewey, George Herbert Mead, Jean Piaget, Kohlberg, William G. Perry, Jane Loevinger*
4. Dialectictische psychologie	
5. Transpersoneel	*Wilber*

Motieven:	Kwaliteiten
Maslow	*Behoeften*
Kegan	*Balans, relaties*
Kohlberg	*Morele ontwikkeling*
Gebser	*Wereldbeeld*
Fowler	*Denken*
Loevinger	*Eigen identiteit, waarden*
Graves, Wade	*Waarden*
Spiral dynamics	*Ontwikkeling*
Commons	*Werking*
Piaget	*Lennis*
Wilber	*Centrum van oriëntatie*

e por isso a paz é um tema primordial, da mesma forma que a liberdade. Muitas coisas que usufruimos hoje foram conquistadas por essas pessoas que lutaram por elas no movimento Nova Era na década de 70.
Aí está o caminho de transformação que devemos seguir. Mas, que pena! Estamos percebendo que inúmeros grupos e movimentos querem se manter separados em seus países, suas regiões, suas raças, suas culturas. Poderíamos dizer que eles querem regredir para a fase da série prata, quando as culturas e religiões diferentes eram inimigas!

Tabela de correspondências

A tabela IV resume todo o conjunto. Vimos que tudo começa em nosso próprio ser, com o hidrogênio. Em seguida, vem a escala corporal. Depois, a vida comunitária da cidade. Segue-se a vida do país, das outras culturas do mundo e, para terminar, a vida no Universo.
Também podemos estabelecer um paralelo entre as séries e os sentidos.
A série lantanídeos está ligada aos olhos, à visão: por isso é que a luz é importante para esse grupo.
A série prata refere-se ao ouvido e à palavra, o que nos faz compreender melhor o ditado: "Falar é prata, calar é ouro". Melhor seria dizermos: "Falar é prata, enxergar é ouro".
Todas essas séries podem também ser colocadas em paralelo com a pirâmide de necessidades e outras subdivisões estabelecidas pelos pesquisadores. Tomemos a hierarquia das necessidades de acordo com Maslow. O primeiro degrau é o do conjunto de necessidades fisiológicas. Ele corresponde à série hidrogênio. O segundo é o das necessidades de segurança e saúde: série carbono. O terceiro, série silício: amigos e família. O quarto: série ferro: necessidade de estima e respeito. No entanto, pelo que vimos, Maslow não determina as necessidades correspondentes à cidade.
Esperar pela estima e respeito por parte de seus amigos, refere-se à série silício. E, quando se trata de um orador homeopata que pede consideração em um núcleo da Rosacruz Áurea, trata-se da série prata. O nível seguinte é o das necessidades cognitivas, da inteligência e da estética. A necessidade de autorealização e de atualização corresponde tanto à série lantanídeos como à série ouro.
Em último lugar vem a necessidade de superar-se e alcançar a consciência transcendental.

Outros modelos

Acabamos de expor um esquema universal. Muitos estudiosos fazem uso de ferramentas semelhantes: economistas, antropólogos, pesquisadores científicos. O psicólogo americano Robert Kegan fala sobre "medidas e relações" que também encontram correspondência nas séries da Tabela Periódica.
O americano Lawrence Kohlberg, filósofo e psicólogo, utiliza um modelo de desenvolvimento moral que mostra como a obediência da criança tem relação com a série cálcio. Quando a obediência é instrumentalizada, ela

	Motieven:	Maslow, Behoeften
	Series	*Behoeften*
7	Uranium	*Transcendentaal*
6	Goud	*Zelfactualisatie*
6	Lanthanide	*Zelfrealisatie, -actualization*
5	Zilver	*Cognitie, intellect, esthetiek*
4	Ijzer	*Achting, respect, te bereiken*
3	Silica	*Liefde, vriend, familie*
2	Koolstof	*Veilig, gezondheid, moreel*
1	Waterstof	*Fysiologie, voedsel, slaap*

se refere à série ferro. Quando ela está integrada como um princípio ou aquisição interior, ela diz respeito à série lantanídeos. Mas antes (série hidrogênio) e depois (série urânio) não há nada no modelo de Kohlberg.

O poeta e filósofo polonês Hans Gebser fez uma descrição de como a humanidade imaginava o mundo nas diferentes fases históricas. A imagem arcaica do Universo, assim como a concepção muito primitiva do mundo mágico da criança, está ligada à série hidrogênio.

A ideia mais básica, racional e terra-a-terra corresponde à série ferro. Tudo é simplesmente habitual e normal. Trata-se de se comportar de acordo com um adágio holandês bem próprio da série ferro: "Seja normal e você já será louco o bastante!".

É justamente o contrário da série prata, quando a pessoa quer se destacar e se considera única, especial e, principalmente, alguém diferente e não igual a "uma pessoa qualquer". Seu olhar a respeito das coisas é especial: ela pode admirar muito o mundo (ao contrário de alguém da série ferro, que não conhece o sentimento da admiração e vê a Terra como um chão a ser explorado).

O estudioso de informática Martin Fowler criou uma escala que representa os vários modos de pensar. Cada etapa corresponde também às nossas séries: mágica, mítica, funcional, conformista, individual, não convencional e transcendente. No final, tudo parece chegar ao mesmo ponto: a série ferro é a mais conformista.

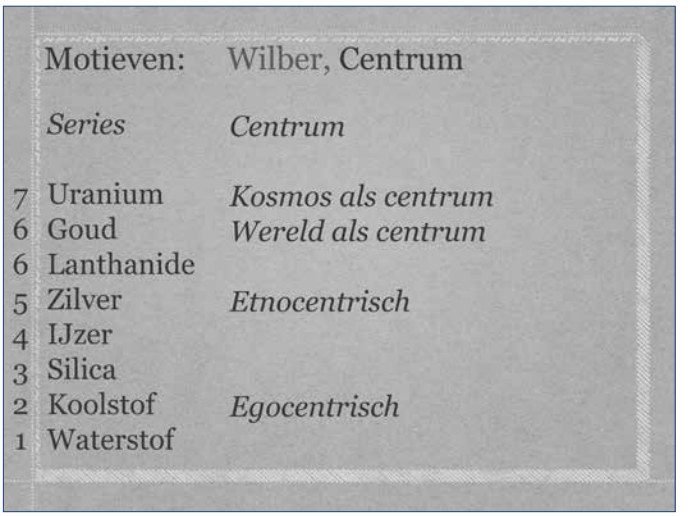
O espiritualista e filósofo integrativo americano Ken Wilber faz uma descrição das diversas maneiras de "estar no mundo". Ele parte da pergunta: "Qual é o centro da sua consciência?" E ele distingue quatro centros: cosmo, mundo, raça ou etnia e eu. Para quem faz questão de ser etnocêntrico, o que importa é seu próprio grupo – da cidade ou do país. Mas precisamos fazer a distinção entre a série ferro e a série prata.

Constatamos que todos esses diferentes modelos e sistemas de pesquisadores científicos destacam um ou outro aspecto não mencionado nas séries que já apresentamos. Maslow vê as coisas a partir das necessidades. Kegan observa o equilíbrio ou as medidas e relações. Kohlberg leva em consideração o desenvolvimento moral. Gebser considera as diferentes concepções a respeito do mundo. Fowler faz a diferença dos vários modos de funcionamento mental em valores, graus de maturidade de acordo com o objetivo principal de cada pessoa. A variedade de perspectivas reflete o conjunto das séries.

Poderíamos dizer que essas diferentes maneiras de ver, representadas por cada uma das séries, também fazem parte dessas séries.

Vocês poderiam formular uma nova tabela na qual todos esses dados seriam introduzidos: o desenvolvimento moral combina bem com a série carbono; o voltar-se para o bem estar do mundo sintonizaria com a série ouro – e assim por diante. O sistema é complexo, mas mostra bem que todos esses elementos sempre interagem. Na verdade, precisamos ver que eles têm fractais – e o mais grandioso é aquele que faz que o macrocosmo

	Motieven:	Graves, Wade: waarden
	Series	*Waarden*
7	Uranium	Eenheid
6	Goud	Systemisch
6	Lanthanide	Multiple, relativistisch
5	Zilver	Absoluut
4	IJzer	Egocentrisch
3	Silica	Animistisch
2	Koolstof	Magisch
1	Waterstof	



	Motieven:	Wilber, Centrum
	Series	*Centrum*
7	Uranium	*Kosmos als centrum*
6	Goud	*Wereld als centrum*
6	Lanthanide	
5	Zilver	*Etnocentrisch*
4	IJzer	
3	Silica	
2	Koolstof	*Egocentrisch*
1	Waterstof	

e o microcosmo se reencontrem, sendo que o maior se encontra no menor.

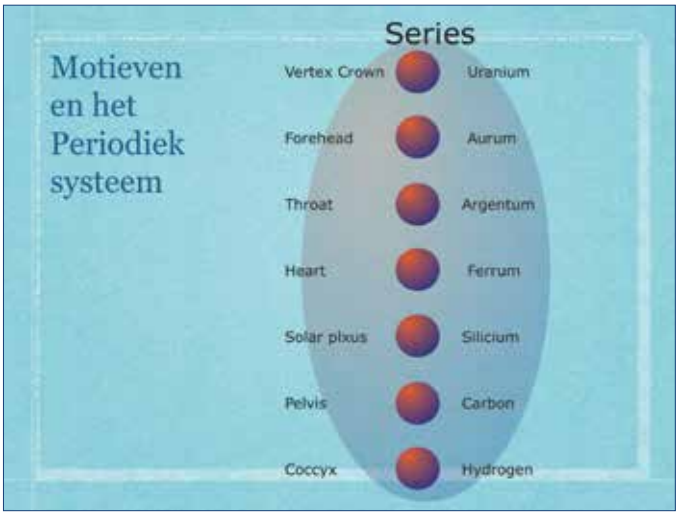
Períodos ou fases

As colunas cobrem uma série que vai de 0 a 17, ou de 1 a 18, de acordo com o modo de vermos a tabela. O número 1 é o início do processo de desenvolvimento. Comparem essa fase com um grão que começa a germinar, que cresce perfurando a superfície do solo e depois vai crescendo e se desenvolvendo sem cessar até a floração. Então, vem a fase das sementes e a planta logo seca e morre.

É assim que nós podemos estudar a fase de desenvolvimento de um ser humano, seu modo de ser, o que ele faz, como ele age. Precisamos repetir que, em relação à série ferro, a pessoa pensa que ainda tem muito trabalho para ser completado e por isso pensa que ainda precisa trabalhar duramente e se colocar sob muita pressão para conseguir realizá-lo. Quando se trata da fase 8, essa é a maneira adequada de se agir.

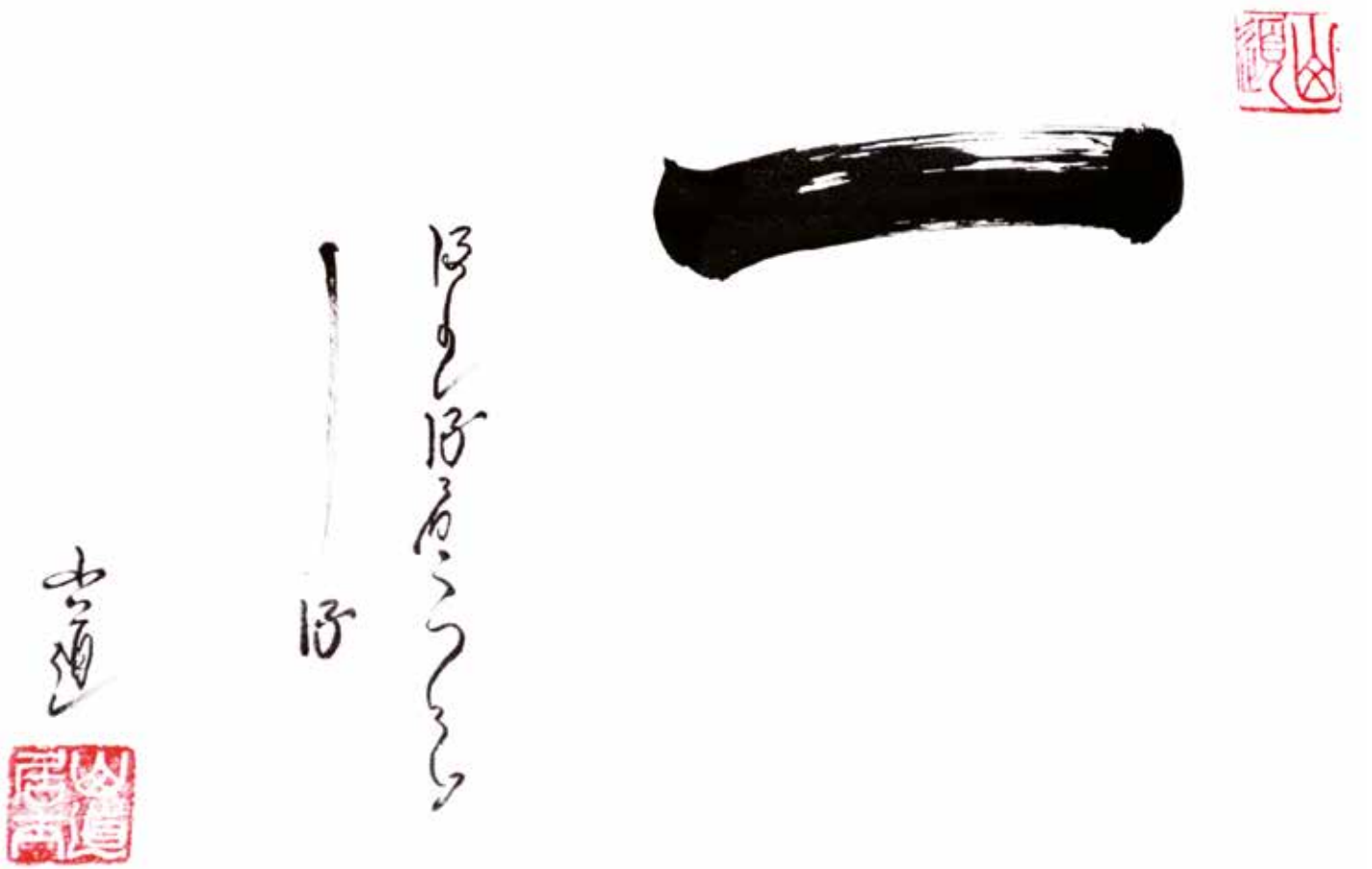
Para cada fase há um procedimento correspondente. Na fase 10 é o desenvolvimento do pleno florescimento. O 15 é a fase final de um processo. O 16 é aquele que alcança o final: só restam ruínas, vestígios. Para além dele, o processo está completamente realizado. A fase 0 é o repouso: não há mais nada!

Para terminar, podemos mencionar que também podemos estabelecer correspondências entre as séries de elementos e os plexos: hidrogênio – plexo raiz; cálcio – plexo sacro ou sexual; silício – plexo solar; ferro – plexo cardíaco; prata – plexo laríngeo (a palavra); ouro – plexo frontal (ao olhos); urânio – plexo coronal (pineal). ✪



A arte de curar no pensamento chinês

Dianne Sommers, filósofa, acupunturista e terapeuta trata do espírito encarnado, fundamento do pensamento médico chinês.



DIANNE SOMMERS

No pensamento chinês, o ser humano provém de dois mundos. Seu corpo veio da terra: um bloco de argila indisciplinado, com um coração para receber o aspecto espiritual do céu. O ser humano tem a capacidade de conectar-se com dimensões superiores e percebê-las como fontes de vida. Uma parte importante de nossa existência humana consiste em nos mantermos em equilíbrio com essa dupla natureza. Cinco aspectos espirituais (*shen*) do ser humano estão ancorados nos diferentes sistemas de órgãos de seu corpo. Tudo o que se passa no interior e ao redor do homem ativa os aspectos espirituais que permitem o desenvolvimento e a transformação do ser interior. A experiência direta do indivíduo com o mundo trabalha o corpo e o espírito. As emoções e os aspectos espirituais exercem uma influência a partir da formação do corpo físico, pois as qualidades espirituais controlam e comandam este último. Os cinco espíritos permitem que o homem siga sua própria via de desenvolvimento, um caminho (Tao) no decorrer do qual o potencial da personalidade individual pode se expressar. Os cinco *shen* ajudam o ser humano a passar por transformações de maneira consciente para poder cumprir seu destino.

A saúde pode ser definida como um estado no qual estamos preparados para manter certo equilíbrio físico, mental, emocional e espiritual, ao passo que uma perturbação denota um desequilíbrio da expressão individual. Algumas terapias tentam reduzir a dor física ou emocional, enquanto outras estão em busca de um processo de cura pelo qual um crescimento espiritual se torna possível. Qualquer que seja o caso, na medicina chinesa cada sistema de órgãos possui uma base energética subjacente, na qual os sintomas físicos e mentais indicam a localização da perturbação energética. Quando a fonte do problema é identificada, pode haver um auxílio mais específico a partir da canalização apropriada do fluxo de energia.

Quando os cinco elementos são impulsionados à sua expressão plena há o contato com a sabedoria interior – uma ligação que permite ao ser humano levar uma vida de acordo com seu destino individual.

Quando nos desviamos do caminho e não seguimos o Tao, a doença pode se instalar. Os sintomas e dores corporais de diferentes níveis revelam quais são os sistemas orgânicos e os aspectos espirituais que estão funcionando com mais dificuldade.

Os cinco elementos

"A desregulagem interior" ou o desequilíbrio do eixo central, que é o tema de nossa conversa de hoje, é um conceito familiar aos filósofos chineses. A China chama a si mesma de *Zhōngguó*, que significa "Império do Meio". O centro desempenha um papel importante no pensamento chinês. O mito da criação nos mostra a imagem de partes pesadas que saem e caem do caos original, enquanto as mais leves sobem. As primeiras, mais pesadas, formaram a terra; as segundas, mais leves, formaram o céu. Entre os dois campos situa-se o mais importante, onde acontecem todas as trans-

'*Ichi*', o número 1. Enquanto estivermos abertos a novas ideias, o desenvolvimento é possível. A tradição zen afirma que os mestres falham mais frequentemente que os discípulos em suas tentativas de alcançar a perfeição.

© WG von Krenner, K Jeremiah, D Apodaca,
Aikido Ground Fighting: Grappling and Submission Techniques, 2015

formações, onde tudo o que desce do céu e sobe da terra deverá encontrar seu lugar. No ser humano, que é um reflexo perfeito dessa imagem, o centro também é o lugar das transformações. Hoje, vamos considerar o ser humano como um microcosmo, a partir da perspectiva do grande Todo, que é o macrocosmo.

A filosofia chinesa é, sob certos aspectos, o oposto de nossa filosofia ocidental materialista. Poderíamos dizer, com certo exagero, que em nossa filosofia tudo se constrói a partir da matéria, tudo provém dessa base material. Até mesmo o espírito é considerado um fenômeno que surgiu da matéria, como se fosse produzido por ela. O pensamento chinês afirma exatamente o contrário! A matéria é engendrada por uma condensação contínua do espírito, da consciência, dessa grande e vasta amplidão que abarca a tudo e a todos.

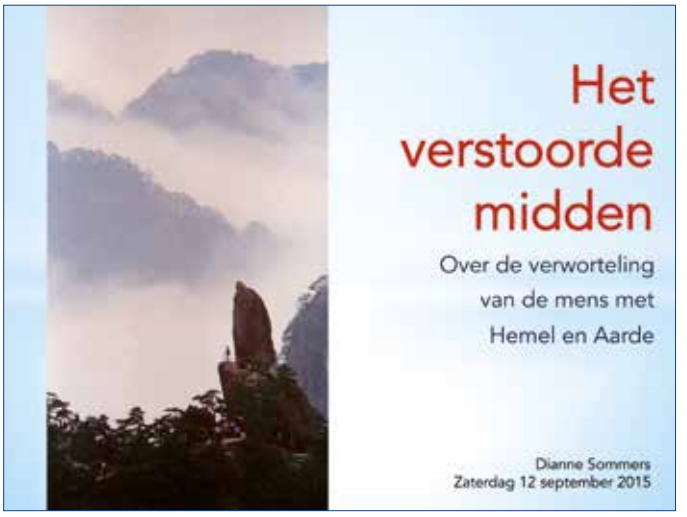
Um segundo aspecto importante do pensamento chinês é que ele não contempla tanto tudo o que existe, mas vê a totalidade como algo que se submete a um processo, como uma aparência em constante transformação.

O mesmo acontece com o fenômeno do Tao, "a senda". Como tudo está em movimento, a filosofia chinesa visa a descrever o que está se passando e o que está se transformando. Afinal, onde há tempo não há realidade estática. Prova disso é que tudo se apresenta sob a forma de associações. Sempre levamos em conta em que fase de um processo de transformação uma pessoa se encontra, ou quais são esses processos que estão acontecendo com ela (e dentro dela). As associações são um modo de descrever esse processo. Isso se reflete no pensamento *yin-yang*. Nesse tipo de pensamento, o observador não se fixa em uma coisa, mas sim a descreve em relação a outra coisa. *Yin-yang* é a obscuridade em relação à luz, o mais pesado em relação ao mais leve, o masculino em relação ao feminino. Desse modo, podemos descrever alguma coisa por certo número de palavras, mas não a restringimos completamente em suas propriedades, como fazemos com um material ou com uma substância específica. Cada objeto, cada coisa, traz em si a mudança e a transformação das propriedades. Isso também vale para as cinco fases, ou para os cinco elementos.

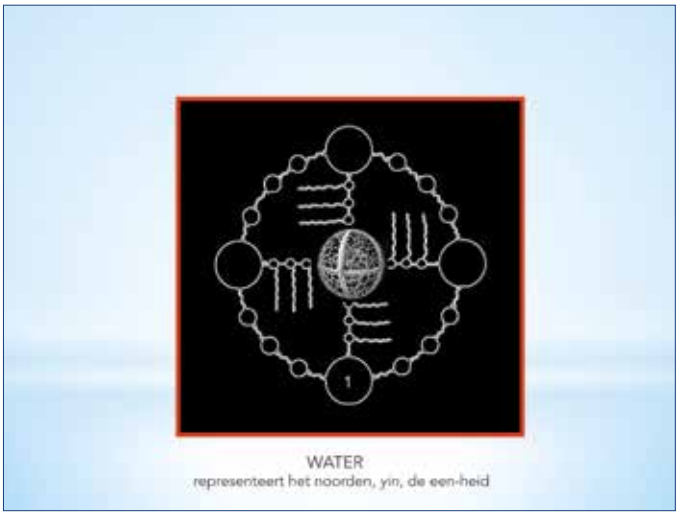
Preferimos falar de uma subdivisão em cinco fases porque isso reflete melhor o que estamos tratando: cinco etapas de transformação nas quais devemos considerar algo.

A partir desses princípios, abordamos um modelo que foi descrito há 2.500 anos e que foi publicado no livro *Shu Jing* (ou *Shu Ching*), sendo que *Jing ou Ching* significa literalmente "clássico". Assim como temos Nei Ching1, Nan Ching2, I Ching3, onde Ching significa "fundamento", podemos dizer que Shu Ching é o "livro fundamental".

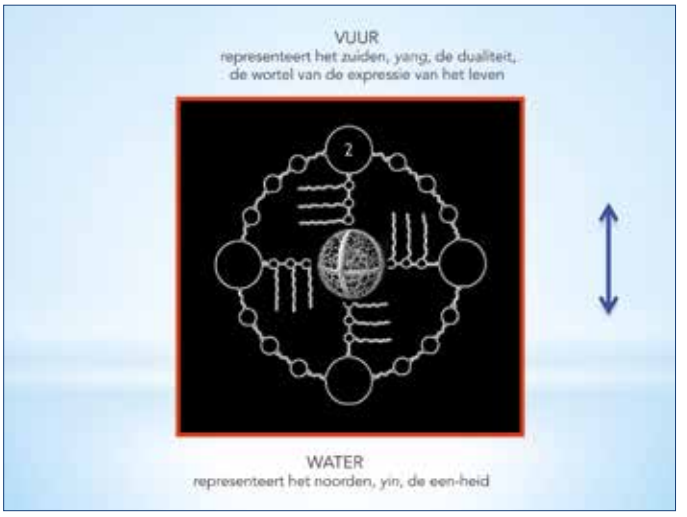
O *Shu Ching* contém documentos que descrevem o que aconteceu no Império do Meio por volta do século 7 a.C.. Um de seus capítulos é o *Hong Fan*, o plano que engloba tudo. Descrever o conteúdo desse plano de repente, em um só capítulo, é um gesto bastante ambicioso! No entanto, esse capítulo tornou-se realmente uma linha normativa para toda a filosofia que veio

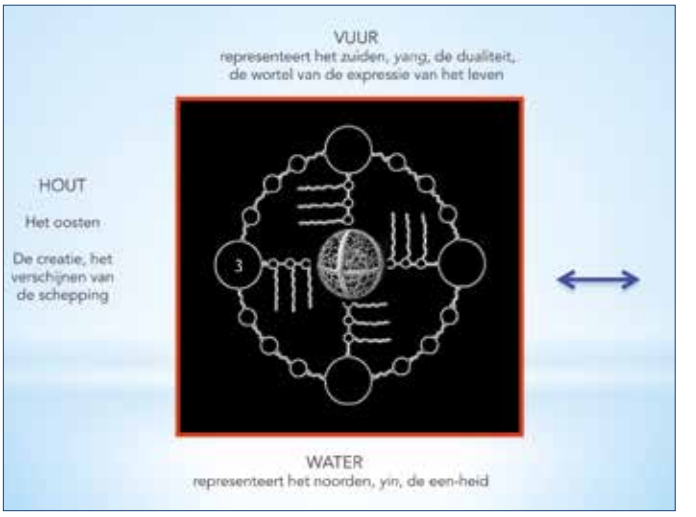


depois e para todos os acontecimentos que se seguiram.
A idéia principal é a de que nós, humanos, somos falíveis. Explica-se: estamos envolvidos com todo tipo de julgamento, submetidos a toda espécie de humores e nos baseamos em opiniões que ouvimos em algum lugar. De acordo com os sábios da época do *Shu Chin*, deve existir uma ordem completamente diferente dessa variabilidade da natureza humana.
Sendo variável – e, portanto, menos confiável – ela conta com a natureza em si como um reflexo de uma ordem superior, celeste. Se conseguíssemos conhecer as leis da natureza e delas deduzir sua essência superior, teríamos em nossas mãos um fio condutor que nos auxiliaria, e assim seríamos capazes de nos deixar conduzir em nosso ambiente social. Ligados a essa essência, veríamos claramente o que a ordem natural celeste nos aponta. Esse "livro clássico", *Hong Fan*, que foi escrito no século 4 a.C. tornou-se mais tarde um cânone, tanto para a filosofia da medicina como para a filosofia da política e da ordem social. Para o pensamento chinês, não se trata de aspectos individuais, mas sim de um modelo global que perpassa todos os níveis da sociedade. Esse modelo mostra como o processo vital se desenvolve, como o mundo natural se manifesta. Com relação a isso, os pensadores chineses costumavam utilizar-se da numerologia.
Tudo começa no momento de nossa saída do caos inicial para chegarmos ao mundo. O mundo é representado pelo algarismo 1 (Um). O elemento associado a essa fase é a água, assim como o Norte. É o *yin*, que indica que já estamos no mundo, mas sob uma forma na qual a unidade está presente. As associações vão se tornando cada vez mais claras quando chegarmos às profundezas das coisas. No processo de desenvolvimento, caminhamos em direção ao 2 (Dois). O fogo representa o lado oposto – o Sul, que representa o *yang*. Assim, a partir da unidade chegamos à dualidade, onde tanto o *yin* como o *yang* estão presentes. Em razão dessa dualidade, o *yin* é animado pelo *yang* – e é isso que faz surgir a vida. Enquanto o *yin* representa a obscuridade, o inerte, o fixo, o *yang* entra no interior da dualidade, que representa o que é vivo, leve e móvel. Aí está o eixo vertical inicial: a árvore entre o céu e a terra.



Nesse processo inicial, as partes mais pesadas caem e formam a terra, enquanto as partes mais leves se elevam e formam o céu.
No centro, entre o *yin* e o *yang*, entre o 1 (Um) e o 2 (Dois), encontra-se o 3 (Três). É aí que se encontra o elemento madeira. A fase madeira representa o Leste – o lugar onde o sol se eleva, onde tudo tem seu início, no centro, onde surge, literalmente, a criação.
Nessa fase, todas as coisa surgem, entre o céu e a terra. Assim, existe o céu, o homem e a terra. Essa é a primeira tricotomia, anterior ao surgimento do tempo e do espaço. A partir do 3 (Três), observamos o tempo e o espaço por outro lado, no eixo horizontal.
O surgimento do tempo, no sentido das quatro estações e o surgimento do espaço, no sentido das quatro direções.
Agora, o elemento é o metal e o ponto cardeal aponta para o Oeste. O espaço se estende em quatro direções. Nessa imagem, observamos a presença da totalidade. No pensamento chinês, essa totalidade dos 4 (Quatro) elementos precisa alcançar uma dinâmica que ela adquire pela posição central, no meio do 5 (Cinco), que é o elemento ou fase terra, a fase que assegura uma interação dinâmica entre as quatro direções individuais. É assim que as coisas ganham movimento.
O 5 (Cinco) é, literalmente, o número que coloca a matéria em movimento.
Depois do século 4 a.C. vemos que surge grande quantidade de outros processos. Além do fato de que inúmeras coisas são subdivididas em dois ou três, muitas são divididas em quatro ou cinco fases.
O 5 (Cinco) é a base do Universo. Ele nos permite observar como os processos acontecem em seu interior. Explica-se: como já dissemos no início, trata-se de movimento, de transformação.
É por essa razão que podemos ver aqui cinco tipos de movimento. Assim, a energia da madeira é o movimento que vem do Leste, do sol que levanta, ou da primavera: a energia da expansão é expressa nesse sentido porque o Leste tem o potencial de seguir em todas as direções, de impulsionar todos os movimentos.
Do mesmo modo, tudo o que pertence ao elemento fogo traz em si a energia que tem como finalidade estabelecer uma ligação com o céu. O Oeste, muito ligado ao metal, mostra o movimento que vai para o interior, que permite que as coisas possam ser assimiladas e que seja possível ser observado um progresso interior.
Em seguida, chegamos à energia da água, que, em conexão com a terra, forma a ligação com a base ou fundamento. O movimento que fica no centro está relacionado com a transformação: a conversão, a assimilação e a reunião dos diferentes aspectos – e todos são componentes de nós mesmos.
Assim, vemos que a filosofia dos processos retorna: trata-se de um desenvolvimento que envolve todos os movimentos da vida – o subir, brilhar e descer, enfim, todos os processos grandes ou pequenos dos quais participa-



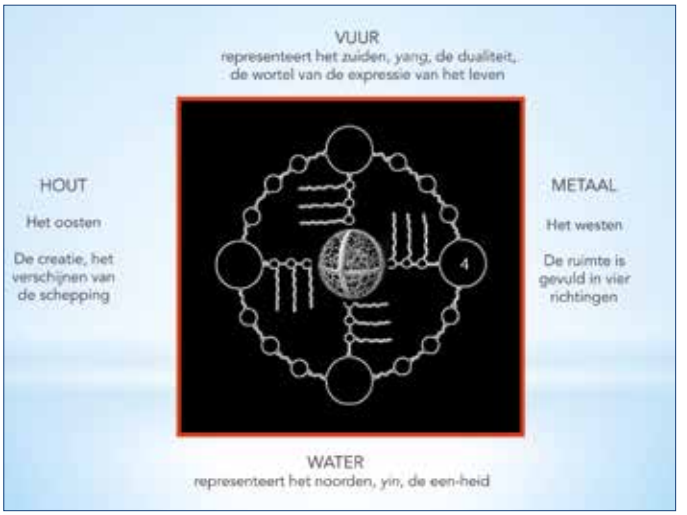


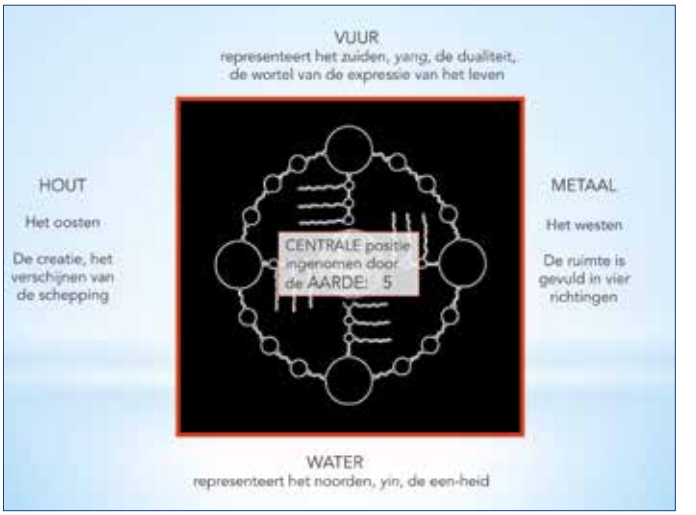
mos em nossa existência.
O mesmo é válido para os processos referentes aos aspectos das estações do ano – primavera, verão, outono e inverno – nas quais a posição central, o meio, não se encontra sempre no mesmo local. Aqui, vemos o centro localizado bem no meio, mas às vezes, quando colocamos os cinco elementos enfileirados, constatamos que essa posição fica situada entre as fases do *yang* e do *yin*. As duas fases *yang* são as fases ascendente e de saída (a madeira e o fogo). Depois, vem o aspecto terra, localizado entre a fase *yang* e *yin* do metal e da água. Uma terceira possibilidade vista pela filosofia chinesa como a posição central situa-se entre cada uma das fases, pois todo ser humano, entre seus diferentes estágios, atravessa um processo de transformação.
Em resumo: a posição central pode deslizar e ser observada em locais diferentes. A parte superior, que é o aspecto fogo, corresponde ao céu. A parte inferior, da ligação da água à terra, tem ligação com o solo. Entre os dois está a região, a esfera onde deverá acontecer o que pertence ao que é humano – ou seja, o local onde deve ocorrer a transformação, onde deverá ser feita a ligação com o que se passa entre o céu e a terra.
Assim, a partir desta grande perspectiva ligada ao tempo e ao espaço, desejamos agora chegar ao ser humano em si e falar sobre a medicina chinesa.
Veremos que as cinco fases se apresentam também no interior do ser humano, de diversas maneiras.

Fundamentos da medicina chinesa

Um dos fundamentos da acupuntura encontra-se no funcionamento dos órgãos e seus sistemas.
Esses sistemas estão no centro e formam o "meio". Os diversos órgãos que eles contêm não são apenas os que nós conhecemos: são sistemas que, energeticamente, correspondem às qualidades que acabamos de enunciar.
A energia do fígado pertence ao elemento madeira, que se relaciona com a criatividade do ser humano.
Quando o sol se eleva, no início da primavera, há um grande potencial, mas nada está formado ainda. Na primavera, ainda não conseguimos ver o que será

Os diversos órgãos presentes no centro são somente os que conhecemos no Ocidente





da folha e do broto que estão surgindo. O mesmo acontece com a energia do fígado humano: é uma energia criadora, um potencial, possibilidades, uma força que contribui para criar, levar adiante um projeto.

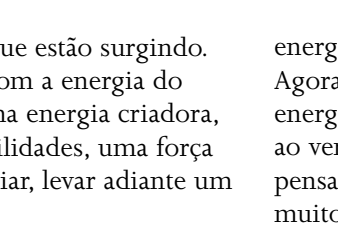
No pensamento chinês, tudo isso se torna possível a partir da energia do fígado. Graças a ela, podemos, de modo visionário, conceber todo tipo de ideias e criações. Segundo o pensamento chinês, apesar de serem na verdade qualidades de espírito, essas forças estão associadas aos aspectos corporais. Vamos tentar imaginar: a madeira corresponde ao fígado, mas também aos olhos. Trata-se da ação de ver – não somente com os órgãos exteriores, mas também com o olhar interior. Os dois (o olhar exterior e o interior) desempenham um papel importante em tudo o que vemos diante de nós, daquilo que poderá acontecer mais adiante.

Os tendões também formam um aspecto que está ligado à energia do fígado, pois representam o potencial da mobilidade: eles nos permitem aplicar a força e desenvolver um poder repentino para colocar alguma coisa em movimento. Para o pensamento chinês, tudo isso pertence à energia da madeira.

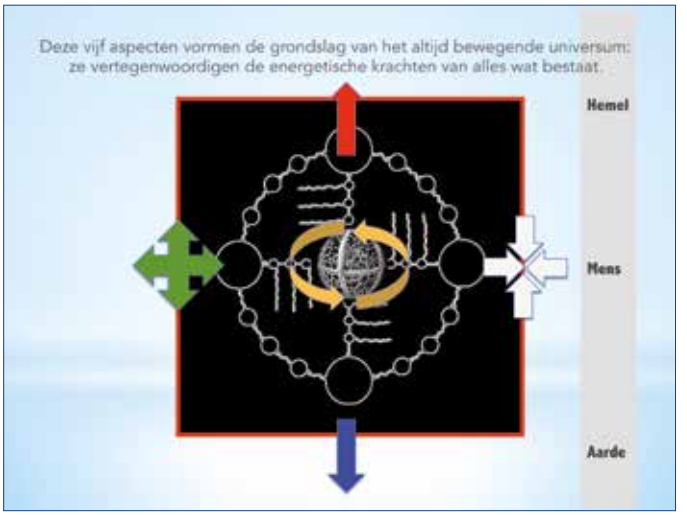
Agora vamos seguir o caminho de outra energia. O fogo é uma energia ligada ao verão: a energia do coração. Para o pensador chinês, o coração é um órgão muito especial. Se observarmos o símbolo da escrita chinesa que significa "coração", veremos uma fossa oca, sem nada em seu interior, com três traços em cima. O coração é a capacidade para fazer a ligação com o céu. Essa é a energia com a qual as coisas podem ser novamente ligadas umas com as outras, a energia com a qual podemos sentir e entrar em conexão.

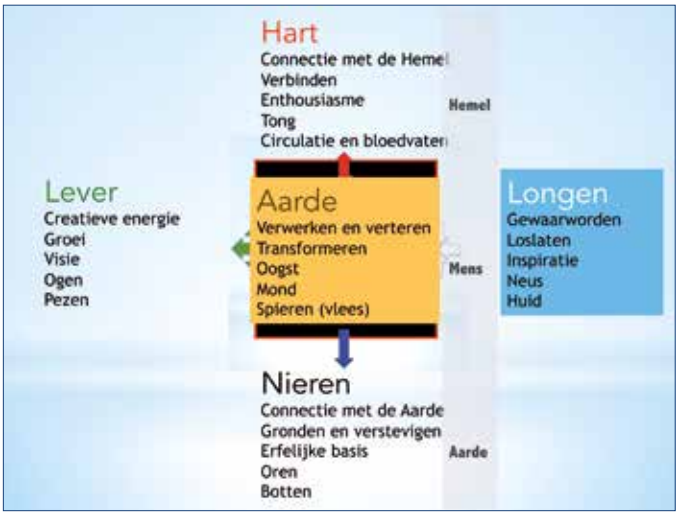
Com certeza o entusiasmo que existe em nosso coração e ao qual podemos ligar outras pessoas ou transferi-lo para elas faz parte disso!

A língua está associada a essa energia. Afinal, ela é um instrumento que nos impulsiona para essa conexão. É importante observar que, no interior de nosso cérebro, a região que está relacionada à língua ocupa a maior superfície, se a considerarmos proporcionalmente ao restante do sistema sensorial. Quando queremos realmente sentir alguma coisa, a melhor maneira de descobrir essa ligação (entre nós e o objeto) é fazer isso com a língua.



Observem o símbolo chinês para indicar coração: um vazio, sem nada dentro, tendo em cima três tracinhos





Além disso, a circulação do sangue e os vasos sanguíneos também estão associados com essa energia.
O coração permite que a ligação com o céu possa se estabelecer e se transportar para nosso corpo inteiro. Por meio do sangue e dos vasos sanguíneos podemos experimentar concretamente a conexão com o céu. No pensamento chinês, o sangue não é somente material: ele é uma substância importante, carregada de energia celeste.
Agora, vamos prestar atenção à energia do metal. Ela reflete o outono e está relacionada com os pulmões. Graças a essa energia, as coisas podem literalmente descer e se fazer sentir em nosso sistema. Os pulmões representam a sensação. Tudo o que na energia do fígado é dirigido principalmente para o exterior, agora, através dos pulmões, volta-se para o interior. E o que sentimos em nosso interior? Sentimos a energia da descida, do desapego, do "deixar para lá", da capacidade de aprender e de poder deixar tudo para trás. Quando essa energia penetra em nós, podemos realmente "entrar em nós mesmos" – e isso representa uma fonte de inspiração que nos toca interiormente e nos faz sentir: "Ah, olha aí uma coisa especial! Isso me atrai, isso provoca uma transformação em mim".
O nariz, por onde a respiração entra e sai, é o órgão dos sentidos que acompanha essa energia. A pele também é um sistema sensorial que nos permite ter a sensação das coisas. Por possuírem a energia do metal, os pulmões são receptíveis e permeáveis a tudo o que vivenciamos.
E assim chegamos à energia da água. Essa energia está ligada aos rins: ela é a conexão com a terra, a ligação com os alicerces, com a base hereditária. A energia dos rins simboliza e desempenha em nosso corpo um papel importante: o de nos ligar à água, trazendo calma, estabilidade e segurança. Aqui os ouvidos são os órgãos sensoriais que exercem grande influência. Os ossos, como forma de extrema densificação, correspondem à terra: eles também são mais adequados a conferir a estabilidade que o sistema precisa nos oferecer para assegurar que mantemos nossos "pés na terra".
Com o centro, o 5 (Cinco), a fase terra, temos o processo de digestão e de assimilação. O elemento que se encontra no meio precisa formar uma ligação com os outros aspectos. E o aspecto terra está em relação direta com os sistemas de digestão e assimilação, não somente quanto ao que comemos e bebemos, mas com tudo aquilo com que nos deparamos, com o que vivemos e sentimos. Nesse ponto, precisamos converter todas as informações em algo apropriado para nós. Acima de tudo, precisamos colocar em prática nossas próprias transformações antes de podermos assimilar. Há pessoas que comem coisas boas, mas só conseguem retirar delas poucos elementos. Precisamos nos apropriar dessas informações por meio de um processo pessoal, fazendo melhor do que as pessoas que seguem diversas informações e pensam: "Que fantástico!" e depois continuam suas vidas sem realizarem qualquer transformação. Nesse caso, nada foi assimilado ou transformado!
Tudo o que cultivamos, transformamos e assimilamos em nós mesmos

forma nossa colheita pessoal. E essa colheita só vai poder acontecer se tivermos trabalhado nela! No pensamento chinês, a boca é o órgão dos sentidos que corresponde a tudo isso. O mesmo acontece com os músculos, pois eles dão uma ideia de firmeza à carne.

Os cinco aspectos da alma humana

Com tudo isso, temos uma base de trabalho, uma espécie de alicerce sobre o qual o modelo médico chinês funciona. Esse modelo não se contenta em lidar com órgãos, com a matéria orgânica, com suas qualidades e funções baseadas em estudos médico-fisiológicos. Não: o modelo chinês se inscreve em um contexto bem mais amplo. Ele nos familiariza com as capacidades e os aspectos de transformação próprios ao ser humano.
Também aqui encontramos a tricotomia céu, terra e coração. A energia do coração mantém a conexão com o céu. A energia dos rins cuida para que possamos manter contato com a terra. A razão é simples: porque somos seres que se encontram mais ou menos entre a terra e o céu.
Somos seres que, a partir do céu, precisamos encontrar um lugar na terra, onde a existência e as necessidades nos obrigam a trabalhar para criar uma transformação, uma mudança, um enriquecimento, por meio da colheita. Do ponto de vista espiritual, temos origem nos aspectos mais físicos e energéticos para chegar até o aspecto da alma. Aqui, seguimos novamente a linha do macrocosmo e da fisiologia do corpo humano para encontrá-la novamente na vida da alma. Assim, no aspecto da energia da madeira encontra-se o aspecto da alma, que corresponde à energia do fígado. Na filosofia chinesa isso é chamado de *shen*. É a alma leve e etérea. Sua contraparte se encontra no oposto: na alma física ou animal, a alma grosseira. O *shen* e o *po* são os dois motores no interior dos quais acontecem os movimentos que pertencem à economia energética, à entrada e a saída das energias. O *shen* e o *po* formam a dualidade na qual uma alma tem uma tendência de se elevar e outra a descer em direção à terra. Uma tende à sublimidade e se eleva ao mundo das ideias e pensamentos superiores, enquanto a outra é fascinada pela terra, que promete de tudo!
De manhã, quando acordamos, vivenciamos o seguinte dilema: "Ah, preciso me levantar... preciso fazer minhas leituras, preciso sentar e fazer isso e aquilo!" Mas nosso corpo diz: "Ah, como essa cama está gostosa!" É assim que podemos compreender *shen* e *po*. Os dois estão presentes. Os dois nos induzem a um movimento ao mesmo tempo. O *shen* é etéreo, inclina-se para o alto, para a espiritualidade, caminha "par e passo com o espírito", segundo os chineses. Ele envolve certo número de qualidades espirituais e também tem conexão com os sonhos, que são um aspecto importante de nossas vidas.
O poder da imaginação, sobre o qual já falamos, a faculdade de ver com os olhos interiores, corresponde, em sentido espiritual, à imaginação, os ideais e as visões. No pensamento chinês, as visões pertencem ao mesmo tipo de energia. O mesmo acontece com a faculdade de alguém sair de seu

corpo – pois o *shen* é considerado uma qualidade espiritual que pode manifestar certa forma de independência, de afastamento – por exemplo, sonhar que estamos realmente meditando no alto de uma montanha chinesa, ou poder agir fora do próprio corpo, ter contato com experiências de quase morte, entra em transe ou êxtase. O *shen* pode tomar uma posição para observar de longe: é uma força *yang*. Como tal, pode voltar-se para o exterior.
O *po* se encontra do lado oposto. É a alma física, animal, grosseira. É a vida da terra dentro de nós mesmos, a força terrestre que nos faz sentir corporalmente que somos humanos. São sensações que percebemos em nosso organismo, que nos fazem sentir seu funcionamento, as reações e os impulsos instintivos. A respiração, que funciona automaticamente, é um aspecto sobre o qual nem precisamos pensar. Por essa razão ela é chamada de "pulsação do *po*". É ela que possibilita a entrada do elemento da alma no corpo. Todas as terapias respiratórias utilizam esse princípio para fazer que as experiências e os aspectos que precisam ser percebidos possam passar pelo físico. Essa energia atua de modo que as vivências sejam assimiladas pelo corpo, dentro de si mesmo. O *shen* e o *po* são um motor duplo: em conjunto, eles exprimem as forças centrípetas e centrífugas do organismo.
Há ainda um terceiro aspecto da alma: a energia da água. Os chineses chamam essa fase de *zhi*. É a força que constitui nossa base e a energia mental para expressar nossa vontade sem nos ligarmos a ela de modo compulsivo, o que nos permite manter a atenção na linha do tempo, evitando o entusiasmo inicial recorrente que sempre nos pede algo diferente, mesmo que nosso desejo já tenha sido preenchido. Aqui pode nascer e se ancorar um ideal. O *zhi* nos dá força e determinação para fazer as coisas que desejamos em nossa vida. Ele também é um recurso, um aspecto da alma que ancora um ato de vontade na energia básica. Os rins constituem o sistema orgânico que corresponde ao *zhi*.
O elemento seguinte é o *yi*, uma energia que pertence à terra, que está no centro. Também é uma força que faz as coisas se tornarem pessoais. Como observamos na digestão, é no baço e na terra que as essências são extraídas do éter e formam

A respiração se faz sozinha: não precisamos nos preocupar com ela

nossa colheita. O mesmo acontece em nível espiritual, no campo do espírito. Hoje de manhã, talvez tenham visto algo no jornal ou ouvido no rádio. Se alguém perguntasse o que era essencial nessas notícias, cada um de vocês faria uma declaração diferente, em função de sua visão do mundo e de sua própria abordagem dos fatos. Essa energia garante que aquilo que nos informa se transforme em uma parte de nós.
Esse processo nos permite fazer uma colheita pessoal no campo em que nos concentramos e focalizamos nossa atenção.

O coração e nosso contrato com o céu

Portanto, há quatro aspectos espirituais que estão associados ao ser humano. Quanto ao quinto, que é o *shen*, este está ligado à energia do fogo e ao coração. Os outros quatro também fazem parte dos cinco *shen*, nome genérico que significa também "espírito" ou "qualidade espiritual". De qualquer modo, como esse espírito específico contrasta com os outros quatro, ele pertence às energias do fogo e do coração.
Agora vamos voltar ao que já dissemos antes a respeito do coração. Na verdade, o coração é um órgão oco. No pensamento chinês ele também é considerado algo vazio, que forma uma casa que pode abrigar o *shen*. É digno de nota observar que, no pensamento chinês, as pessoas têm uma parte pessoal para que dentro delas possa morar uma parte do grande Todo. Isso não se faz automaticamente, nem é fácil. Cada um de nós faz parte do Todo, mas precisamos preparar nossa morada, para que certa coisa possa permanecer conosco.
Em outras palavras: precisamos criar, para essa parte do Espírito Universal, a possibilidade de fazer morada em nós. Isso é a conexão com a fonte original, a fonte à qual tudo e todos estão ligados. Graças a essa conexão, nosso destino pode ser cumprido, consumado, uma vez que não somos somente filhos de um pai e de uma mãe naturais. De acordo com o pensamento chinês, os pais fornecem a base física para a existência, o alicerce de natureza terrestre. Mas recebemos nossa inspiração do outro polo, do aspecto celeste, que nos indica nossa finalidade, nosso destino, o *ming*.
Mais uma vez vemos a tríade: céu, terra, homem. Os processos de transformação acontecem na parte humana. O coração, com o *shen*, nos liga ao céu. O *zhi* nos liga ao que é fixo, à terra. O *ming*, ao nosso destino. O traço do alfabeto chinês que traduz esse conceito é um pequeno telhado que representa o céu. A boca, em baixo e à esquerda, simboliza a terra, e a linha horizontal que se encontra entre os dois é o ser humano.
"Boca" porque a terra nos alimenta e nos dá a possibilidade de existir. O símbolo logo abaixo, à direita, significa "selo": é nosso contrato de compromisso, nosso pacto com o céu, pois aqui temos uma finalidade precisa, com um objetivo específico, único, especial para cada indivíduo.
No momento da concepção (que é o momento em que se forma o substrato, a base), a direção é determinada. Por isso, literalmente, "vale o esforço": os processos evoluem e deixam de ser manifestados.
Realmente há algo que o céu coloca na semente do destino para desencadear um processo. Dois elementos se unem. No solo terrestre que nos alimenta é colocada uma destinação, uma missão. Isso é extremamente importante no pensamento chinês. Ao longo da vida, o céu, o homem e a terra alimentam, juntos, essa semente. Em outras palavras: sempre haverá estímulo para que o destino se expresse,

Precisamos criar a possibilidade para que nossa parte do Espírito Universal queira estabelecer sua morada em nós

de um modo ou de outro: estímulos que garantem que aquilo que está em nosso interior possa vir à superfície. Muitas vezes, seguimos determinada direção, motivados pela nossa educação e pelas pessoas que nos querem bem. Mas, quantas vezes não pensamos: "Sim, mas preciso fazer outra coisa!" Não há nenhuma prova a respeito disso e não há nada tangível que o sustente, mas existe um dinamismo que estimula e reforça novamente o destino. Então, dizemos: "Tudo isso não parece ter lógica, mas vou fazer isso". Ou algo dentro de nós deixa evidente que é isso mesmo que precisamos fazer. Afinal, o que é importante é cumprirmos nosso destino. É por isso que os chineses sempre desejam uns aos outros a bênção de uma vida longa, que é necessária para alcançar seu destino. Esse processo toma tempo, pois muitas vezes nos desviamos e encontramos todo tipo de dificuldade. Mas aqui se trata de expressarmos aquilo que é a razão de estarmos aqui. É claro que isso é diferente para cada pessoa e que não há critério externo para saber disso. Às vezes, as necessidades terrestres nos pedem que cumpramos algo antes. No pensamento chinês, o homem sábio alinha sua vontade pessoal à vontade do céu. A linha pessoal bem que gostaria de seguir outras influências, como possuir uma casa na praia, ou algo do gênero, mas a vontade do céu tem uma intenção completamente diferente! O inconveniente é que não sabemos captar no exterior aquilo que está destinado a nós: somente podemos fazer isso a partir do interior. Um aspecto importante dessa aprendizagem é a aceitação das coisas tais como elas são. É isso que se entende por *wu wei*: não agir contra a natureza das coisas. Isso envolve uma forma de resignação que nos permite deixar que os fatos aconteçam como devem acontecer.

O objetivo da medicina chinesa é reforçar e sustentar o equilíbrio do centro. Shennong, o "lavrador celeste", é um dos três "augustos", ou seja, um dos três heróis míticos que, de acordo com a tradição, trouxeram a civilização ao povo chinês. Shennong resume a medicina como se segue, no *Clássico da matéria médica do lavrador celeste*:

A forma mais elevada da medicina está relacionada com o favorecimento do destino e corresponde ao céu. Se quisermos prolongar a vida sem envelhecer, é essa medicina que deve ser aplicada.
A forma intermediária da medicina está relacionada à alimentação da natureza humana e corresponde ao ser humano. Se quisermos prevenir a doença, sobreviver às penúrias e às carências, é essa medicina que deve ser aplicada.
A forma menos elevada da medicina está relacionada ao tratamento da doença e corresponde à terra. Se quisermos nos livrar do frio, do calor, ou de outras influências patogênicas do corpo, eliminar acúmulos e curar a doença, é essa medicina que deve ser aplicada. ✪

Compreendendo a razão de ser da doença

Muitas histórias sobre a criação do mundo descrevem como o Grande Sopro – o Grande Alento ou Espírito – põe em movimento as águas da substância primordial, a matéria mágica. É assim que é aceso um fogo: o princípio da alma. Esse fogo guarda em si uma fórmula alquímica, um plano de manifestação. É um fluido extremamente sutil, semelhante ao nosso conhecido gás hidrogênio. Não é à toa que o hidrogênio é o primeiro elemento do que chamamos "tabela periódica". A vida sempre começa por um processo de hidrogênio, por um princípio-alma. Logo em seguida, uma segunda série de elementos é disponibilizada para a segunda fase do processo de transformação. Graças ao encontro do hidrogênio com o oxigênio, o fogo é aceso; e, com a ajuda dos elementos nitrogênio e carbono, é formada a base para a construção de um corpo. No entanto, o fator decisivo para a continuação do processo é o nível de vibração do hidrogênio. Os grandes de espírito conheciam e reconheciam a grande lei da coesão, da qual tudo depende. Eles sempre se dirigiram a seus alunos por meio de parábolas. E era dessa maneira que a alma receptiva e desperta do aluno recebia o fluido da verdade, que os motivava a obter informação e buscar a instância mais alta, a força do Espírito, que tudo produz, vivifica, alimenta, aquece e cura. Karl von Eckartshausen chama essa alma desperta de "o homem interior" – um homem sempre jovem e nobre, a imagem original do ser, o modelo a ser seguido pelo homem exterior. O simpósio contribuiu para reavivar a ideia de que, na grande coesão das coisas, cada elemento químico tem um impacto sobre o homem, que torna possível um processo de desenvolvimento e desempenha um papel de apoio; que o homem e o cosmo não devem ser considerados separadamente; e que a essência revivificadora é o centro de tudo em todos. Esse simpósio contribuiu para compreendermos a doença e a saúde e, principalmente, para a tomada de consciência do fato de que o Espírito faz parte de uma ordem mais elevada, e que a cura que o Espírito quer trazer não envia o homem de volta à antiga ordem conhecida. Quem se volta para o Espírito, para o núcleo, para a essência das coisas, sabe que os sintomas e doenças acontecem para ajudá-lo a encontrar em si mesmo uma nova organização ou uma nova programação, mais elevada, e que, para a chegar a essa nova ordem, precisa abandonar a antiga. Estamos tão acostumados a colocar a doença como algo que se opõe à saúde! Isso parece lógico. Pergunte a alguém que esteja com gripe há alguns dias o que ele mais deseja. No entanto, quem utiliza seu tempo para estudar a doença e a saúde, em total liberdade e com mente aberta, descobrirá que a doença é igualmente um instrumento de força vital. A doença é sempre uma atividade dessa misteriosa força dinâmica e motriz que nos incita a nos aproximarmos de um equilíbrio ainda mais elevado – ou seja, a verdadeira harmonia. Quem puder reconhecer esse fato em sua própria condição existencial abordará a doença de maneira totalmente diferente. Então, vai compreender que, mesmo sofrendo, o doente não está abandonado. Muito pelo contrário: ele está sendo guiado!

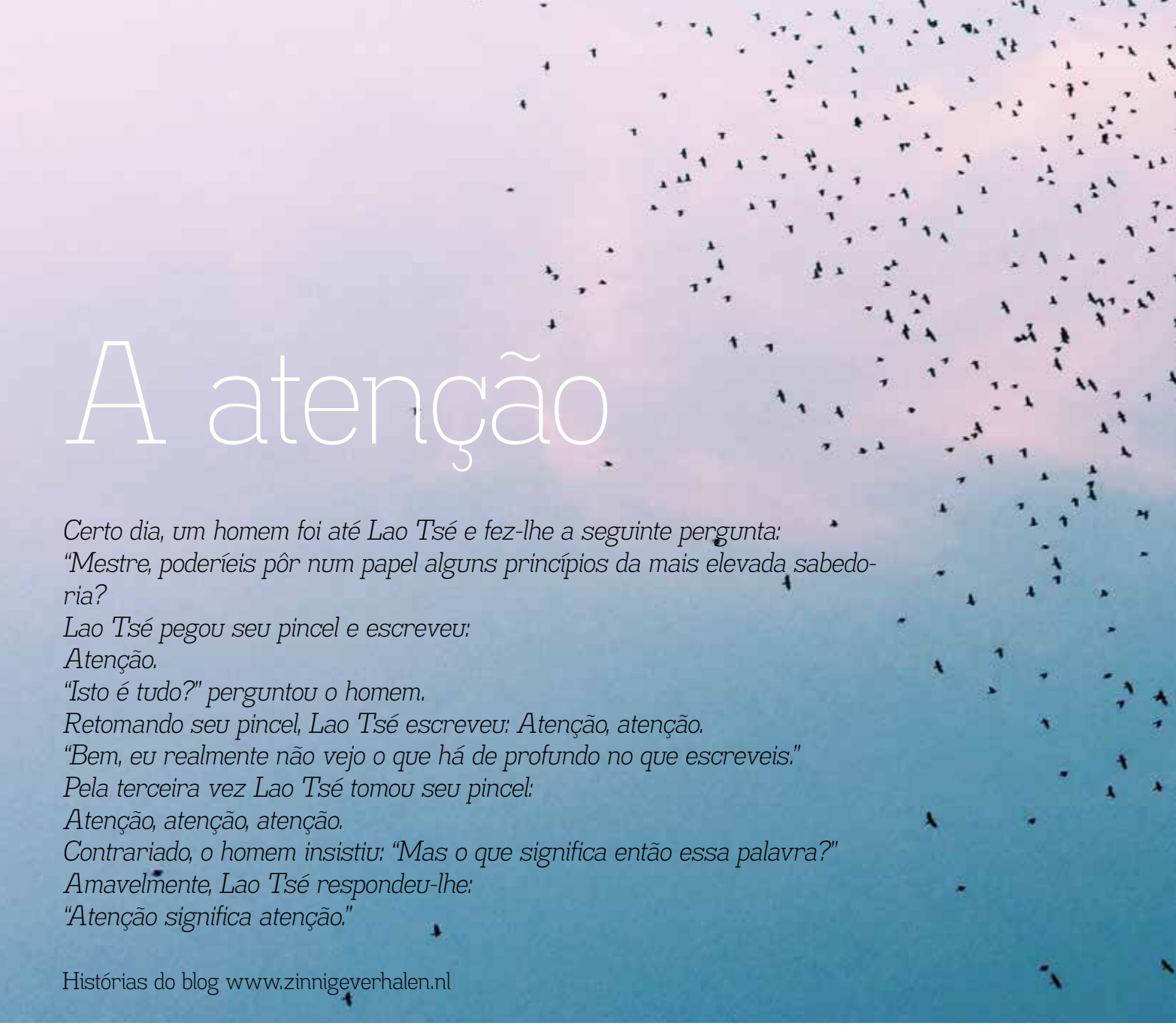
A arte da cura, da autocura, não consiste em aceitarmos passivamente o sofrimento, mas sim em nos deixarmos guiar, com uma atitude muito consciente e, portanto, muito ativa. Vista a partir desse significado de "um processo que conduz à verdadeira harmonia", a cura não tem absolutamente qualquer relação com a passividade. Ora, não fazer nada equivale a estagnar, regredir, e passividade significa resistência. Em um processo como esse, o co-movimento é sempre uma atividade inteligente e consciente, realizada com tranquilidade. A cura também exige uma atitude de "deixar fluir", de deixar para trás o que é antigo ou velho, nossas heranças.

Também precisamos ter uma visão clara dos processos vitais ocultos por detrás das aparências e uma compreensão do objetivo final das doenças, isto é, para onde elas querem nos levar.

Quem fica doente muitas vezes se atormenta com a questão do porquê, da causa da doença. Por que isso aconteceu comigo? O que eu fiz de errado? O que eu deveria ter feito diferente? Por outro lado, quando passamos a nos perguntar sobre a questão da finalidade, nos colocamos diante de uma possibilidade. Então, abre-se um caminho diante de nós: o caminho para uma nova dimensão de vida, para uma vida eterna. Essa verdade é claramente expressa nestas poucas linhas extraídas do *Neiye*:

Na vida humana
O céu dá a essência,
A terra dá a forma.
A união de céu e terra gera o homem. ✪

© WG von Krenner, K Jeremiah, D Apodaca, Aikido Ground Fighting: Grappling and Submission Techniques, 2015



A atenção

Certo dia, um homem foi até Lao Tsé e fez-lhe a seguinte pergunta:
"Mestre, poderíeis pôr num papel alguns princípios da mais elevada sabedoria?
Lao Tsé pegou seu pincel e escreveu:
Atenção.
"Isto é tudo?" perguntou o homem.
Retomando seu pincel, Lao Tsé escreveu: Atenção, atenção.
"Bem, eu realmente não vejo o que há de profundo no que escreveis."
Pela terceira vez Lao Tsé tomou seu pincel:
Atenção, atenção, atenção.
Contrariado, o homem insistiu: "Mas o que significa então essa palavra?"
Amavelmente, Lao Tsé respondeu-lhe:
"Atenção significa atenção."

Histórias do blog www.zinnigeverhalen.nl

Junto ao fluxo de informações que tornam nossa vida tão inquieta, está também presente em nossa consciência a ideia de "atenção". Com o exercício de nossa atenção, tentamos, por exemplo, estabelecer certa ordem em nossa vida diária, qualidade em nossos relacionamentos e serenidade em nossa mente. Nesse caso, a atenção equivale a concentrar-se, a estar totalmente focado em alguma coisa. Mas raramente voltamos nossa atenção à ideia de "estar atento", apesar de ela ser uma das faculdades mais poderosas e, ao mesmo tempo, das mais curiosas que temos. Sem pensar, falamos de "atenção", e nos identificamos com ela até

o ponto de nos definirmos como "atenciosos", não mais considerando a atenção uma faculdade de que dispomos. A atenção que é dirigida para coisas e situações contribui para enriquecer nosso próprio mundo de experiências, que avaliamos como "importantes" ou "acessórias", fazendo delas uma imagem ou ideia, de que podemos lembrar. Nesse caso, a atenção é o objeto, aquilo em que pensamos. Assim, quando nos lembramos de qualquer coisa, nossa atenção é desviada do momento presente. De fato: a lembrança nos leva diretamente ao passado ou a um cenário futuro. Na verdade, esse modo de estar atento não passa de uma função em nosso equipamento de pesquisa na tela de nossa memória pessoal. A atenção de uma mãe para com seu filho dá a ele uma sensação de segurança. Recebemos e damos atenção incessantemente. Mas seja positiva ou negativa, ela é, por excelência, o alimento

do ego. Basta simplesmente olharmos à nossa volta para descobrir como os seres humanos põem em prática sua estratégia a fim de conseguirem chamar atenção. A maioria das pessoas considera irresistível a atenção total e incondicional. Observem que, embora estejamos conscientes, se alguma coisa chama nossa atenção, parece que não temos controle sobre ela. A atenção se enfraquece, se deixa distrair, e nós nos esforçamos para mantê-la. Quando se apresenta algo que nos interessa muito, ela se volta para isso sem esforço. E ao mesmo tempo, muitas coisas nos escapam. Quando alguém se consagra inteiramente a um assunto, perde todo o resto de vista.

A maior parte do tempo experimentamos um turbilhão de pensamentos que não conseguimos deter. Sentimos que somos vítimas impotentes diante daquilo que passa pela nossa mente. Mas será mesmo isso o que acontece? Sem dúvida precisamos fazer um sério autoexame antes de chegarmos à conclusão de que os pensamentos só podem chegar até nós com nossa colaboração. Na verdade, eles só conseguem fazer isso porque nossa atenção está voltada para eles, porque os admitimos, porque eles nos interessam – em suma, porque nos identificamos com eles. A partir do momento em que damos guarida a um pensamento ou o evitamos, ligamo-nos a ele. É desse modo que ele se torna real. Um pensamento pode chegar a ser tão obsessivo que fica impossível escaparmos dele, até quando estamos sonhando. A única solução é tentar voltar fortemente nossa atenção para alguma coisa diferente. O círculo fechado dos pensamentos deixa claro que quando há interesse por alguma coisa, é praticamente uma certeza: outros pensamentos ligados a ela vão surgir em nossa realidade. E a energia gasta para nos concentrarmos dará continuidade aos pensamentos.

Sujeito-objeto

Fixar a atenção em determinada coisa é sujeitar-se a um objeto. É uma situação dupla em que o objeto observado nunca pode ser idêntico ao observador. Quando prestamos atenção à atenção, acontece uma coisa estranha: parece que ela é impossível de ser captada! Daí a pergunta: Será que podemos examinar o fato de estarmos atentos, sabendo que esse ato implica tanto o sujeito quanto o objeto, o eu e o "aquilo"? Não seria possível outro tipo de atenção, uma atenção sem objeto nem sujeito? Uma faculdade que nos permitisse tomar conhecimento da dualidade constituída pela observação propriamente dita e a vivência sujeito-objeto? Temos aí um sério problema encontrado tanto pelo buscador da verdade quanto pelo cientista em sua busca fundamental. A ciência está compreendendo cada vez melhor que o objeto observado depende do observador, o que significa que não pode existir objetividade nem independência de espírito no ato de examinar uma coisa. Não é possível ao sujeito colocar-se de lado e limitar-se a observar como as coisas acontecem. O pesquisador se encontra dentro do processo de estudo e, assim, influencia ou determina, inevitavelmente, o resultado desse processo. Consequentemente, o pesquisador deve estar cônscio de que não tem condição de observar aquilo que é real, mas tão-somente sua própria realidade! Se ele está consciente ou inconscientemente esperando ter uma confirmação, sua atenção e sua esperança serão influenciadas, direcionadas. Quando uma confirmação é tudo o que queremos, teremos a confirmação que estamos buscando. Resultado: aquilo que não podemos ou não queremos ver não poderá revelar-se justo ou verdadeiro. Portanto, a atenção não é uma constante independente que está em segundo plano, isolada daquilo que está acontecendo. Não,

A busca nasce no objeto buscado; primeiro, ela se volta para o exterior até que o movimento se volte para o interior

ela muda conforme aquilo que estamos observando. Ela se reforça e se enfraquece de acordo com os objetos específicos de nossa observação. A Física Quântica diz que para onde quer que você se volte, ou para onde quer que você volte sua atenção, você sempre encontrará a si mesmo. Digamos que você dá algo de suas particularidades ao objeto para o qual se volta. O momento que fruímos é definido por nossa atenção. É um círculo vicioso! Para ilustrá-lo, nada melhor que o exemplo do observador que se olha no espelho e, ao mesmo tempo, é observado por sua própria imagem refletida, que lhe reenvia sua forma definida. É assim que perdura a velha questão: quanta segurança temos a respeito da veracidade da percepção das coisas? Todo condicionamento colore a observação e tem um efeito redutor sobre o objeto. Se até mesmo os cientistas céticos modernos reconhecem que a observação cuidadosa e os pensamentos podem dar realidade a algo – até mesmo à sua própria realidade – como vamos escapar desse círculo vicioso que funciona de maneira tão hipnotizante? Será possível identificarmos uma realidade que seja independente? Na verdade, porque iríamos querer isso? Por que desejar fazer uso de nossa atenção para estudar a natureza e a fonte da atenção, sabendo que a pesquisa é sempre manchada de subjetividade? É um salto para o desconhecido. Na matéria, a consciência racional não possui nenhum ponto de referência – pela simples razão de que o real e o fundamental não são objetos ou informações de interesse. Portanto, podemos ver que há algo diferente que, a partir do exterior, pode observar ao mesmo tempo a atenção e os acontecimentos.

Quando o ego tenta ultrapassar a si próprio

Embora a busca pela libertação comece com um interesse superficial, ela é, no entanto, de grande interesse. Pelo fato de sermos tocados pela realidade essencial, o coração começa a vibrar, incitando-nos à busca. É possível que nesse meio tempo tenhamos decidido resolutamente deslocar nossa atenção do exterior para o interior – no entanto, ainda se trata de uma ação do ego. O buscador que encontrou o fio da meada mostra-se muitas vezes eufórico e entusiasmado, motivado a escalar uma senda para alcançar seu objetivo. O objeto de sua busca, seja lá o que for, pode ser nomeado de múltiplas maneiras, mas, em um primeiro momento, a atenção é redobrada, a ponto de ser fisicamente observável. Uma avaliação eletroencefalográfica revelaria um aumento da atividade das ondas gama causada pela tentativa do ego de ultrapassar a si próprio com o auxílio da energia da consciência. Essa atividade forçada do ego, esse ato de violência que parte da vontade, tem como resultado o aumento da força gravitacional de identidade e a faz coincidir com a realidade do ego. E, desse modo, aquilo que é essencial é ocultado. Quando se força a focalizar-se desse modo, o buscador espera abrir uma senda para levá-lo até o núcleo central da vida. Contudo, todas as suas tentativas fazem que ele constate que o objetivo elevado que ele tanto busca se distancia ainda mais. Após muitas tentativas fracassadas vem o sentimento de impotência diante do vazio interior. Então, emerge a consciência de que, para o ego, essa é uma área inacessível. Ele só estava tentando penetrar ali através de um respiradouro. O ego não pode ingressar nessa região pela simples razão de que o Ser essencial já está lá. Isso nos faz compreender que o desejo de libertação, na verdade, não provém de nossa pessoa, mas que essa aspiração é sugerida por nosso ser essencial.

É um erro bastante difundido crer que o intelecto pode nos trazer algo que já somos. O homem torna as coisas mais complicadas do que já são na realidade. As aspirações provenientes da personalidade são responsáveis por muitas das expectativas e projeções de como a realidade deve ser enquanto o objeto procurado é tão simples, simples demais de ser apreendido. A ideia de fracasso nunca vem do ser essencial. Pelo contrário: o verdadeiro ser opõe-se à esfera de atenção do indivíduo e anula sua força gravitacional. Isso permite que este descubra em um segundo a tensão que existe entre aspirações de classes diferentes. A pessoa tocada pelo desejo de libertação compreende que não deve beneficiar o ego, mas sim livrar-se dele, pois ele está ocultando e aprisionando o Ser essencial. Hafez, o poeta persa, quando certa vez estava jogando xadrez com um amigo, disse: "A diferença entre seu modo de jogar e o meu é que eu, quando vejo o jogo insondável de Deus, capitulo imediata e alegremente. Você, no entanto, ainda espera jogar com ele e desafiá-lo milhares de vezes".

Abrir espaço para a sabedoria sutil do coração

Portanto, está claro que a força gravitacional do ego desvia incessantemente nossa atenção. Diante das sugestões de ordem mental, vemos isso como uma falha. Mas é absolutamente necessário que não nos culpemos por sermos frequentemente desviados do objeto. Deve-

À luz da consciência gnóstica, a alma e a personalidade são transformadas para que possam, unidas num só ser, viver direta e conscientemente da Fonte.
Ilustração © StudioRVG

mos apenas constatar, sem julgar, que isso simplesmente acontece. Depois, precisamos deslocar de imediato nossa atenção para o essencial: o ponto de contato que está no coração. Assim, a concentração se torna um instrumento para o autoconhecimento. Quando o contato foi estabelecido e nosso coração começa a vibrar, ali fica registrada uma sabedoria sutil. E se esse conhecimento se torna posse nossa, podemos decidir que vamos direcionar nossa atenção para a verdade. O importante é abrir um espaço para a sabedoria sutil do coração, experimentá-la, aprofundá-la.

Devemos deixar de dizer que "vamos tentar", por mais louvável que isso seja. Afinal, "tentar" é algo imaginário, uma manipulação mental; ou desviamos a atenção ou não. Podemos voltar a atenção para o fluxo dos pensamentos, ou então deixá-lo tal como é. Compararemos isso com o motor em funcionamento quando o carro está parado: não é preciso girar a chave, pois o motor continua ronronando em segundo plano, enquanto for necessário. Descondicionar-nos de nossa pessoa requer atenção permanente, enquanto o contato com nosso ser essencial é direto e ime-

diato. Em um processo de transformação, a luz integra-se a nós, de modo a ser realmente vivenciada. Essa transformação requer o desaparecimento do ego, que é substituído pela nova alma. Disso resulta que a sabedoria que nasce do contato sobre o qual falamos não se reduz a uma teoria, mas torna-se uma vitalidade pura de consciência, em todas as células do corpo. Até então, o mental levava a pensar que isso levaria à perda da pessoa; mas então ele descobre que essa perda apenas diz respeito ao esvaziamento do ego. Ele deixa para trás um rastro de ideias sobre si mesmo e sobre sua vida; porém, aquilo que ele *realmente* é não pode perder-se! Ele percebe o quanto é desnecessário ligar-se aos objetos e acontecimentos nos quais mantém focada sua atenção. Com efeito, tal ligação faz que ele pense ser um sujeito individual em meio a uma realidade objetiva – portanto, um objeto. Mas a transformação o torna um observador imparcial.

O espelho imparcial do Ser

Em suma, não existe um indivíduo descobrindo que é um Sol: Nosso eu verdadeiro é que é o Sol!

Esse ser é a amplitude infinita, que é como um não espaço, onde aparece uma realidade espaço-temporal na qual a personalidade é uma criança brincando, faz suas experiências. Essa brincadeira, na qual a atenção tinha sua função no contexto espaço-tempo, vai nos levar à descoberta de que aquilo que somos na verdade não tem qualquer necessidade de atenção, visto que *nós mesmos somos a atenção*! Qualquer terapia ou treinamento da atenção que não coloque o ser essencial no centro será sempre um treinamento do ego. No entanto, veremos que nada do que vivenciamos é inútil: todos os nossos esforços de concentração, todas as nossas intenções que, desde o início, acompanharam nossa atenção podem ser úteis. Todos eles são pequenos passos em direção ao abandono do eu. A consciência racional e a faculdade de atenção são fenômenos transitórios encerrados na pura consciência da essencialidade. Essa consciência percebe tudo a seu modo: ela não "volta seus pensamentos para alguma coisa". Ela *é a atenção* e não se desvanece. Essa consciência é um espelho que não conhece nem bem nem mal, preferência ou reprovação, beleza ou feiura. É inútil tentar se aproximar desse espelho, de esperar por ele, de buscá-lo ou de querer construí-lo. Ele não pode se manchar, não é o resultado de um método. Ela simplesmente *é*. Tudo o que é aparência, toda essa chamada "realidade" que vivemos, tudo está contido nela.

O conto do pássaro-alma

"Um pássaro está o dia todo ocupado em construir seu ninho nos ramos de uma árvore. Ele não percebe que, em um galho mais acima, outro pássaro está assistindo calmamente suas idas e vindas, pois também quer construir seu ninho. No topo da árvore está um terceiro pássaro que, com suas asas, abrange a árvore toda."

Enquanto fenômeno, a personalidade se deixa conduzir por suas atenções que são identificações. Nessa situação, ela é obrigada a seguir mil e uma coisas. Para a atenção silenciosa, para o espectador que se coloca fora do labirinto do universo aparente, esses inúmeros fenômenos constituem uma coisa só, um só objeto. Ele é um *observador* que não é um sujeito que observa e julga um objeto, e sim um *estado de ser perceptivo*, cuja percepção não procede dele mesmo como centro – pelo simples fato de que esse estado de ser está *em tudo*! É como um campo infinito de atenção, dentro do qual tudo, no *ser consciente*, se torna claro em sua natureza real. Toda força e sabedoria possíveis estão presentes no mesmo instante, sempre.

Nesse campo, a atenção é o puro amor do Pai-Mãe universal de onde procedem todas as almas-luz viventes. Nesse campo, tudo o que surge, independentemente de sua natureza, recebe automaticamente todas as possibilidades para se manifestar. É um poderoso oceano de possibilidades, que oferece à vida todas as opções de vir a ser. Equivale a uma *recriação*, a uma realização – tanto para a alma com para a personalidade.

Com efeito, se a atenção do buscador coincidir com a não-atenção do Pai-Mãe, sua alma será impregnada com uma nova Luz. Na pura percepção, a natureza e a essência de toda a manifestação são perfeitamente conhecidas. Nesse processo não intervém nenhum *eu*, e essa percepção é algo totalmente diferente de dar um significado a tudo, como fazemos habitualmente.

À luz desse conhecimento consciente, a alma e a personalidade são transformadas: tornam-se um só ser, que agora vive diretamente da Fonte dessa consciência. Há então uma atenção livre e ilimitada para todos! Tudo merece nossa atenção, nessa liberdade que dá vida. Mas além disso, há ainda outra presença – a do terceiro pássaro: o Ser absoluto que precede todo o significado dessa atenção e que vai além. A atenção silenciosa é o motor imóvel que, em amor, move toda a vida. ✪

Se eu devesse fazer uma descrição seria relatando o que se segue. Eu caminhava em uma paisagem morna, sem horizonte. Que era inóspita eu o percebi depressa, embora jamais a tivesse conhecido diferente. Isso devia significar que eu havia encontrado circunstâncias diferentes, ou somente então tomei consciência. Eu caminhei, caminhei muito, e em parte alguma havia vida. Às vezes, no entanto, era possível acreditar que sim, mas a cada vez eu era duramente confrontado com o fato de que tudo era apenas ilusão.

Penso mesmo que o objeto de minha pesquisa era "a vida" ou algo assim. Os dias sucediam as noites, e minha situação continuava a mesma. Eu tinha o que comer e do que me ocupar, no entanto me parecia que tinha de continuamente defender minha vida. Eu achava isso fatigante. Eu via outras pessoas que, por falta de algo melhor, giravam em círculos, movimentando-se, os olhos apagados. Então, veja só, eu descobri a flor. Havia alguns dias que eu tinha a impressão indizível e indefinida da antecipação. Essa devia ser a flor que perfumava as redondezas. Ela estava lá, diante de mim. Abaixei-me para vê-la melhor, e também por respeito. Ela brilhava e irradiava coragem, esperança e amor. Seu coração estava ainda envolvido por folhas, o que não me impediu de sentir que ele trazia em si o centro da vida. Essa devia ser, sem dúvida, a flor encontrada pelo Pequeno Príncipe. Nesse momento, eu compreendi; mas como compreender se não for você mesmo a fazer a descoberta? Nunca mais a deixei. Ela deu cor a meus dias e minhas noites. Quando meus olhos percebiam a fria indiferença ao redor, eu voltava rapidamente meu olhar para a flor. Eu podia desenhá-la em pensamento, podia deixar sua irradiação me atravessar, essa flor era verdadeiramente minha.

Como era triste vê-la violada quando, em minha alegria, eu a mostrava aos outros! "Uma flor? Sim, eu sei. E daí?" Em pensamento eu me dizia: "Eles não veem que ela é? Acham mesmo que apenas a palavra 'flor' exprime tudo sobre o que tento lhes mostrar? Seus narizes não são sensíveis a seu perfume? Eles não se sentem envolvidos por sua presença? Ela não desperta nenhum desejo neles? Como isso é possível?" Olhando-os eu notava o vazio em seus olhos; a falta de hospitalidade ambiente tomara conta deles.

Por outro lado, encontrei outros também que me responderam com grande alegria, exibindo sua própria flor. E todas essas flores, se bem que diferentes, constituíam apenas uma. Assim pudemos juntos compartilhar o milagre da flor. E foi então que cheguei a compreender que primeiro era necessário um óvulo para aguardar a vinda da flor.

Desde então, quando verdadeiramente estou ouvindo os outros, sem que percebam, noto em suas vozes as propriedades desse óvulo. Já não me volto a seu caráter pouco acolhedor, mas à semente neles, a fim de lhes dar coragem, esperança e amor. ✪

Gustav Hessing, Paisagem (paisagem), 1980, @ Museu Leopold, Viena

A prodigiosa flor

A alma suprema

A alma suprema

RALPH WALDO EMERSON

UM ENSAIO DE RALPH WALDO EMERSON,
QUE CONSTA DE SUA PRIMEIRA SÉRIE DE ENSAIOS DE 1841

Título original: The over-soul.
Emerson o publicou há cento e setenta e cinco anos, em 1841, em uma série intitulada Ensaios, reeditada em 1847 sob o título de First Series. Nesta tradução, realizada por Jean Melville para Martin Claret, publicada em 2003, o texto ainda testemunha da força do espírito efervescente de então.

Mas almas, que partilham de sua vida digna,
ele ama como a si mesmo; valiosas como seus olhos
Para Ele aquelas são: jamais Ele as deixará:
quando morrerem, o próprio Deus morrerá:
Elas vivem, vivem em eternidade abençoada.
Henry Moore

O espaço é amplo, leste e oeste,
mas juntos dois não podem caminhar.
Nele não podem dois viajar:
Além, o cuco habilidoso
Recolhe todos os ovos fora do ninho,
vivos ou mortos, exceto o seu próprio?
Um encanto é lançado sobre pedra e terra,
noite e dia foram adulterados,
toda qualidade e essência
sobrecarregadas e aquecidas pelo poder
que impõe sua vontade sobre a hora e a era.

E

Entre um e outro momento da vida, existe uma diferença com relação a sua autoridade e efeito subsequente. Esporadicamente nossa fé se manifesta; porém nosso vício é cotidiano. No entanto, existe tamanha profundidade naqueles momentos breves, que somos levados a conferir-lhes maior realidade do que a todas as outras experiências. Nesse sentido, o argumento que continuamente cala os que nutrem esperanças extraordinárias no homem, a saber, o apelo à experiência, é definitivamente inválido e vão. O passado fica abandonado àquele que objeta, e mantemos a esperança. Essa esperança deve ser explicada. Estamos conscientes de que a vida humana é mesquinha, mas como chegamos a essa conclusão? Qual o motivo dessa nossa inquietação, dessa antiga insatisfação? Qual o sentido universal da necessidade e da ignorância, a não ser a sutil insinuação mediante a qual a alma faz sua enorme exigência? Por que sentimos que nunca a história natural do homem foi escrita: por que o homem está sempre deixando para trás o que disseste dele, uma vez que a palavra envelhece e os livros de metafísica se tornam desvalorizados? As câmaras e os reservatórios da alma não foram ainda investigados por uma filosofia de seis mil anos. Um resíduo, que ela foi incapaz de resolver, sempre acabou sobrando em suas pesquisas.

O homem é um arroio cuja nascente está oculta. Mesmo desconhecida sua origem, nosso ser flui sobre nós. No momento que está para vir, mesmo aquele que calcula corretamente é incapaz de prever se algo de incalculável poderá surgir. A cada instante, sou constrangido a reconhecer, nos acontecimentos, uma origem mais elevada do que a vontade que digo ser minha.
Acontece com os pensamentos o mesmo que com os acontecimentos. Aquele rio que corre e que, tendo sua nascente em regiões que desconheço, derrama por toda a estação suas águas em mim, quando o olho, constato que sou pensionista; não a causa, mas sim um espectador surpreso dessa água etérea, a qual eu desejo e venero e me posiciono para receber; entretanto, de alguma energia estranha visões procedem.
Essa grande natureza em que descansamos, assim como a Terra repousa nos braços macios da atmosfera, é o Crítico Supremo dos erros do passado e do presente, o único profeta daquilo que deve ser, é essa Unidade, essa supra-alma, essa alma do

mundo; cada ser particular, no seu interior, está guardado e assimilado a todos os outros; esse coração comum, do qual toda conversação sincera é culto, ao qual toda ação justa é submissão; essa realidade subjugadora que repele nossos artifícios e talentos e obriga cada um a mostrar-se como é, a falar segundo o caráter e não segundo a língua, e que acima de tudo tende a incorporar-se a nosso pensamento e mãos, tornando-se sabedoria, virtude, poder e beleza.

O horóscopo das eras

Todos nós vivemos em sucessão, em divisão, em partes, partículas. Porém no âmago do homem está a alma da totalidade; o silêncio sábio; a beleza universal, a que toda parte e partícula igualmente se relacionam; o eterno UM. E esse poder profundo, dentro do qual existimos, e cuja beatitude nos é inteiramente acessível, não apenas é autossuficiente e perfeito em todo aspecto, mas também o ato de ver e a coisa vista, aquele que vê e o espetáculo, o sujeito e o objeto são um. Enxergamos o mundo pedaço a pedaço, como o sol, a lua, o animal, a árvore; mas a totalidade, da qual essas são as partes luminosas, é a alma.

O horóscopo das eras somente pode ser lido pela visão dessa Sabedoria, e podemos conhecer o que ele diz acreditando em nossos melhores pensamentos, nos rendendo ao espírito de profecia que é inato em todo homem. Para os homens que não habitam o mesmo pensamento, as palavras devem soar vãs. Por ela não ouso falar. Minhas palavras não carregam seu sentido augusto; elas soam prematuras e frias. Apenas ela pode inspirar quem lhe aprouver, e contemplai! Essa fala será então lírica, doce, universal como o soprar do vento. Não obstante, desejo mostrar o paraíso dessa divindade, ainda que usando palavras profanas, se sagradas eu não posso usar, e comunicar os sinais que colhi da simplicidade transcendente e da energia da Altíssima Lei.

Na conversação, nos devaneios, no remorso, nos momentos de paixão, nas surpresas, na instrução dos sonhos, em que frequentemente vemos a nós mesmos em disfarce – fantasias esquisitas que apenas aumentam e acentuam um elemento real forçando-o diante de nossa atenção descuidada – se levarmos em consideração o que acontece nessas situações coletaremos diversos sinais que se ampliarão e iluminarão em conhecimento do segredo da natureza. No homem, tudo contribui para mostrar que a alma não é um órgão: ela, sim, anima e movimenta todos os órgãos; não é uma função, como o poder da memória, do cálculo, da comparação: ela usa a esses como usamos mãos e pés; não é uma capacidade, mas sim uma luz; não é o intelecto ou a vontade, mas a senhora do intelecto e da vontade; é o fundo de nosso ser, sobre o qual aqueles repousam – uma imensidão não possuída – que nunca pode ser possuída. Interior ou posteriormente, brilha uma luz através de nós e se derrama sobre as coisas, e nos faz conscientes de não sermos nada, sendo tudo a luz.

Um homem é a fachada de um templo, em que toda a sabedoria e todo o bem residem. Comumente denominamos homem o que o homem come, bebe, planta, conta; assim como o conhecemos, não representa a si mesmo, mas se falseia. Não respeitamos o homem, e sim a alma, da qual ele é órgão; e, caso ele a deixasse transparecer em suas ações, faria dobrar-se nossos joelhos. Quando, por meio de seu intelecto, a alma respira, trata-se de gênio; quando ela respira por meio de sua

RALPH WALDO EMERSON

Emerson viveu de 1803 a 1882 no estado de Massachussetts (E.U.A.). Ele é considerado um dos filósofos mais importantes da sociedade americana do século 19. A ela e seus cidadãos ele ofereceu um quadro espiritual para se esforçarem com otimismo a alcançar um mundo perfeito.

Suas longas dissertações, publicadas como ensaios, obtiveram sucesso mundial. Elas lhe permitiram dar vazão a seu talento ao tratar de seu tema favorito: a educação popular. Ele denuncia todo tipo de falha da sociedade americana ao passo que estimula a reflexão, a elevação e a amizade entre as almas. Segundo ele, o materialismo rouba aos homens sua independência espiritual. Concordando com Thoreau e Walt Whitman, ele rejeita o conformismo, as certezas burguesas e a tendência a imitar o que se faz em outros países. O que predomina sempre em tudo para Emerson é o espírito positivo e a vida espiritual.

vontade, trata-se de virtude; quando flui por meio de suas afeições, trata-se de amor. E quando o intelecto quer ser algo por si próprio, inicia-se a sua cegueira. A fraqueza da vontade, quando o indivíduo quer ser algo por si próprio. Pelo menos em um aspecto, toda reforma almeja permitir à alma revelar-se por meio de nós; em outras palavras, levar-nos a obedecer.

Em algum momento, todo homem se torna consciente dessa natureza pura. A linguagem não pode pintá-la com suas cores. Ela é muito sutil. É indefinível, imensurável; porém sabemos que nos penetra e nos contém. No homem está todo ser espiritual. Um provérbio antigo e sábio diz: "Deus nos visita sem avisar"; ou seja, não há tenda ou teto entre nossas cabeças e os céus infinitos, assim como não há grades ou muros na alma, onde o homem, o efeito cessa, e Deus, a causa, começa. Os muros são derrubados. De um lado nos abrimos para as profundezas da natureza espiritual, para os atributos de Deus. Justiça que vemos e conhecemos, Amor, Liberdade, Poder. A essas naturezas, nenhum homem jamais se sobrepôs, e se erguem acima de nós, principalmente no momento em que nossos interesses nos impelem a feri-las.

É por meio da independência em face das limitações que nos rodeiam que a soberania dessa natureza, sobre a qual falamos, pode ser conhecida. A alma circunscreve tudo o que existe. Como disse, ela contradiz toda experiência. Identicamente, extingue tempo e espaço. Na maioria dos homens, a influência dos sentidos sobrepujou a mente, a ponto de os muros do tempo e do espaço virem a parecer reais e intransponíveis; e falar com leveza desses limites é, no mundo, sinal de insanidade. Porém, espaço e tempo nada mais são que a medida inversa da força da alma. O espírito joga com o tempo:

Pode encolher a eternidade em uma hora
Ou estender uma hora até a eternidade.

A veste fluida da alma

Frequentemente somos impelidos a crer que existem outra juventude e velhice além das medidas pelo ano de nosso nascimento natural. Alguns pensamentos sempre nos encontram jovens, e nos mantêm assim. Esse pensamento é o amor pela beleza universal e eterna. Todo homem se desliga daquela contemplação com o sentimento de que ela se adapta melhor a eras que à vida mortal. De maneira semelhante,

A alma compreende todas as coisas; ela contradiz toda experiência. De modo similar, ela extingue espaço e tempo

a menor atividade dos poderes intelectuais nos redime das imposições do tempo. Ofereçam-nos um veio de poesia ou uma frase profunda, na doença, na inatividade, e nos sentiremos revigorados; ou um livro de Platão ou Shakespeare, lembrai-nos somente de seus nomes, e instantaneamente crescerá em nós um sentimento de longevidade. Vede como o profundo pensamento divino abole séculos e milênios e se faz presente em todas as eras.

Nos dias atuais o ensinamento de Cristo é menos efetivo do que na época em que sua boca os pronunciou? O tempo nada tem que ver com a ênfase de fatos e pessoas em meu pensamento. E assim sempre uma será a escala da alma, e outra a dos sentidos e do entendimento. Diante das revelações da alma, Tempo, Espaço e Natureza se veem diminuídos. Referimos, na linguagem cotidiana, todas as coisas ao tempo, assim como referimos as estrelas imensamente distantes a uma esfera côncava. Também dizemos que o julgamento está próximo ou distante, que o milênio está chegando, que o dia de certas reformas políticas, morais ou sociais está para acontecer etc., quando queremos dizer que, na natureza das coisas, um dos fatos que contemplamos é externo e fugidio, e o outro, eterno e coetâneo à alma. Hoje, as coisas que consideramos fixas, uma a uma, se desprenderão de nossa experiência como frutas maduras, e cairão. Não se sabe para que lugar o vento as levará. Tanto a paisagem, as figuras, Boston, Londres, quanto qualquer instituição passada, um fiapo de nuvem ou névoa, são fatos transitórios, e assim a sociedade, e assim o mundo. A alma olha fixamente adiante, criando um mundo à sua frente, deixando mundos para trás. A alma não tem datas, nem ritos, nem pessoas, nem especialidades ou homens. A alma conhece apenas a alma; a maré dos acontecimentos é a roupa fluida que ela veste.

Não pela matemática, mas segundo sua própria lei, deve a taxa de seu progresso ser computada. Não é por meio de gradações que os avanços da alma são feitos, como as que podem ser representadas pelo movimento em uma linha reta, mas sim pelas ascensões de estágios, como as que seriam representadas pela metamorfose – do ovo a larva, da larva a mosca. São de um determinado caráter total os crescimentos do gênio, que não privilegia o indivíduo eleito primeiro diante de John, depois de Adam e Richard, dando a cada um a dor de descobrir-se inferior; mas, em todo espasmo de crescimento, o homem se expande ali onde trabalha,

ultrapassando classes a cada pulsação, ultrapassando populações inteiras. A mente destrói a fina crosta do visível e finito a cada impulso divino, e se projeta na eternidade, inspira e expira seu ar. Ela se comunica com verdades que sempre foram ditas no mundo, e se faz consciente de uma maior simpatia para com Zenão e Arriano do que para com as pessoas da casa.

A lei do ganho moral e mental é essa. A simples ascensão como que por leveza específica, não a uma virtude particular, mas à região de todas as virtudes. As virtudes estão no espírito, que as contém. A alma requer pureza, mas não é a pureza; requer justiça, mas não é a justiça; requer bondade, mas é algo melhor; de forma que existe uma espécie de descenso e acomodação quando deixamos de falar da natureza moral para encorajar uma virtude ordenada a que ela obriga.

Para a criança bem-nascida, todas as virtudes são naturais, e não dolorosamente adquiridas. Falai ao coração do homem, e ele, de súbito, se tornará virtuoso.

O germe do crescimento intelectual, que obedece a mesma lei, está guardado no mesmo sentimento. Os que são capazes de humildade, justiça, amor, aspiração, se encontram prontos em uma plataforma que domina ciências e artes, fala e poesia, ação e graça. Assim, todo aquele que partilha dessa beatitude moral, desde logo antecipa as capacidades especiais que são tão prezadas pelos homens.

O amante não tem talento ou habilidade que passe despercebido aos olhos de sua amada, não tendo importância que ele apresente poucas capacidades; e o coração que se abandona à Mente Suprema vê-se relacionado a todas as suas proezas, e percorre uma estrada majestosa em direção a poderes e conhecimentos particulares. Ao ascender para esse sentimento primário e aborígene, viemos instantaneamente, de nosso ponto distante na circunferência, para o centro do mundo, onde, como se estivéssemos no escritório de Deus, vemos as causas e antecipamos o universo, que é apenas um efeito lento.

Um terceiro candidato

A encarnação do espírito em uma forma é um modo de ensinamento divino – em formas como a minha. Com pessoas que respondem a pensamentos de minha própria mente ou expressam determinada obediência aos grandes

instintos segundo os quais vivo, encontro-me em sociedade. Vejo a presença desses naquelas pessoas. Sou certificado de uma natureza comum; e aquelas outras almas, aqueles indivíduos separados, atraem-me como nada mais me atrai. Agitam em mim novas emoções, que chamamos paixão, amor, ódio, medo, admiração, piedade; desses nasce a conversação, a competição, a persuasão, as cidades, a guerra. Pessoas são suplementos ao ensinamento primário da alma. Apaixonamo-nos pelas pessoas na juventude. A infância e a juventude veem o mundo inteiro nelas. Mas a experiência mais ampla do homem descobre a natureza idêntica que em todos se revela. As próprias pessoas nos acostumam ao impessoal. Entre duas pessoas, toda conversa é feita por referência tácita, como que a um terceiro membro, a uma natureza comum. Aquele terceiro membro ou natureza comum não é social; é impessoal; é Deus. Nesse sentido, em grupos nos quais é honesto o debate, especialmente sobre questões importantes, os participantes notam que o pensamento se eleva a uma altura uniforme em todos os peitos, que todos, assim como aquele que fala, têm um direito espiritual sobre o que é dito.

Todos se tornam mais sábios do que eram. Acima deles se ergue, como um templo, a unidade de pensamento em que todo coração palpita com um sentido mais nobre de poder e dever, e pensa e age com inusual solenidade. Todos se tornam conscientes de ter atingido um maior autocontrole. Ela brilha para todos. Existe uma determinada sabedoria de humanidade que é tanto comum aos maiores como aos menores homens, e que nossa educação comum frequentemente acaba silenciando e obstruindo. A mente é uma, e as melhores mentes, que amam a verdade por si mesma, em relação a ela pensam muito menos em questões de posse. Onde a encontrarem, serão aceitas agradecidas, e não a estampam ou rotulam com o nome de qualquer homem, pois há muito ela lhes pertence, e pela eternidade. O monopólio da sabedoria não cabe aos educadores e aos estudiosos. A violência de seus desígnios os desqualifica em certo grau para pensar verdadeiramente.

A pessoas que não são pouco penetrantes ou profundas, e que dizem sem esforço aquilo que desejamos, aquilo que por muito tempo procuramos em vão, devemos muitas observações valiosas.

Frequentemente, a ação da alma está mais naquilo que é sentido e permanece inexpresso do que naquilo que é dito em qualquer conversação. Ela paira sobre todas as sociedades, e cada uma inconscientemente a procura nas outras. Sabemos mais do que fazemos. Ainda não nos possuímos, e ao mesmo tempo temos consciência de que somos muito mais. Quantas vezes sinto idêntica verdade no contato trivial com meus vizinhos – que algo de mais alto em cada um observa esse passatempo, e Jeová acena para Jeová às costas de cada um de nós.

Para se encontrar, os homens descem das alturas. Em sua habitual e mesquinha atividade mundana, pela qual abandonam sua nobreza nativa, os homens lembram os xeques árabes que habitam casas miseráveis e afetam pobreza exterior para escapar ao hábito de roubar do paxá, e reservam toda demonstração de riqueza para o interior e resguardo de seus retiros.

Ela se encontra em todas as fases da vida e está presente em todas as pessoas. Ela já é adulta na criança. Na relação com meu filho, meu latim e meu grego, meu dinheiro e minhas conquistas nada me garantem; mas será de utilidade a alma que

A ideia da duração imutável está essencialmente ligada às características da alma, que são verdade, equidade e amor. Jesus vivia esses sentimentos morais e nunca deixou de manifestá-los

eu tiver. Se sou imperativo, ele afronta minha vontade com a sua, um contra um, e me deixa com a degradação, se assim me aprouver, de derrotá-lo com minha força superior. Mas, se renuncio à vontade e ajo conforme a alma, erigindo-a em árbitro no nosso caso, é a mesma alma que terá visão por meio de seus olhos; ele venera e ama comigo. A verdade é revelada e percebida pela alma. Quando vemos a verdade, digam o que quiserem o cético e o zombeteiro. Quando falais o que não desejam ouvir, os tolos vos perguntam: "Como sabeis que essa é a verdade, e não um erro em que incidistes?" Reconhecemos a verdade quando a vemos, pela opinião, assim como sabemos estar acordados quando estamos acordados. Eis uma frase prodigiosa de Emmanuel Swedenborg, que sozinha indicaria a grandeza das percepções desse homem: "Não é prova do entendimento de um homem ser capaz de afirmar qualquer coisa que deseje; mas se for capaz de distinguir que o verdadeiro é verdadeiro e o falso é falso, eis a marca característica da inteligência". Leio um livro em que o bom pensamento me devolve, como toda verdade fará, a imagem da alma inteira. Se no livro eu me encontrar diante do mau pensamento, a mesma alma se torna uma espada que penetra e separa, arremessando-o fora. Não temos consciência de quanto somos sábios. Se não interferirmos com nosso pensamento, mas agirmos com inteireza, ou virmos como algo acontece em Deus, saberemos dessa coisa em particular, e de todas as coisas, e de todos os homens. Pois o Criador de todas as coisas e de todas as pessoas se ergue atrás de nós e lança sua onisciência extraordinária sobre o mundo, por meio de nós.

Em passagens particulares da experiência do indivíduo, além desse autorreconhecimento, a alma também revela a verdade. E, com a sua presença, nesse ponto deveríamos tentar nos fortalecer e comunicar as inflexões mais valiosas e nobres desse advento. Pois o maior acontecimento da natureza é a transmissão da verdade pela alma; nele, a alma não entrega algo de si, mas se entrega inteira – se se transfere ao homem que iluminou, transforma-se nele; ou, na proporção da verdade que ele receber, a alma o traz para seu âmago.

Admiração e prazer

Pela palavra "revelação" podemos distinguir as proclamações da alma, suas

À verdade, à justiça, ao amor, aos atributos da alma, a ideia da imutabilidade está essencialmente associada. Jesus viveu nesses sentimentos morais, atento somente às suas manifestações

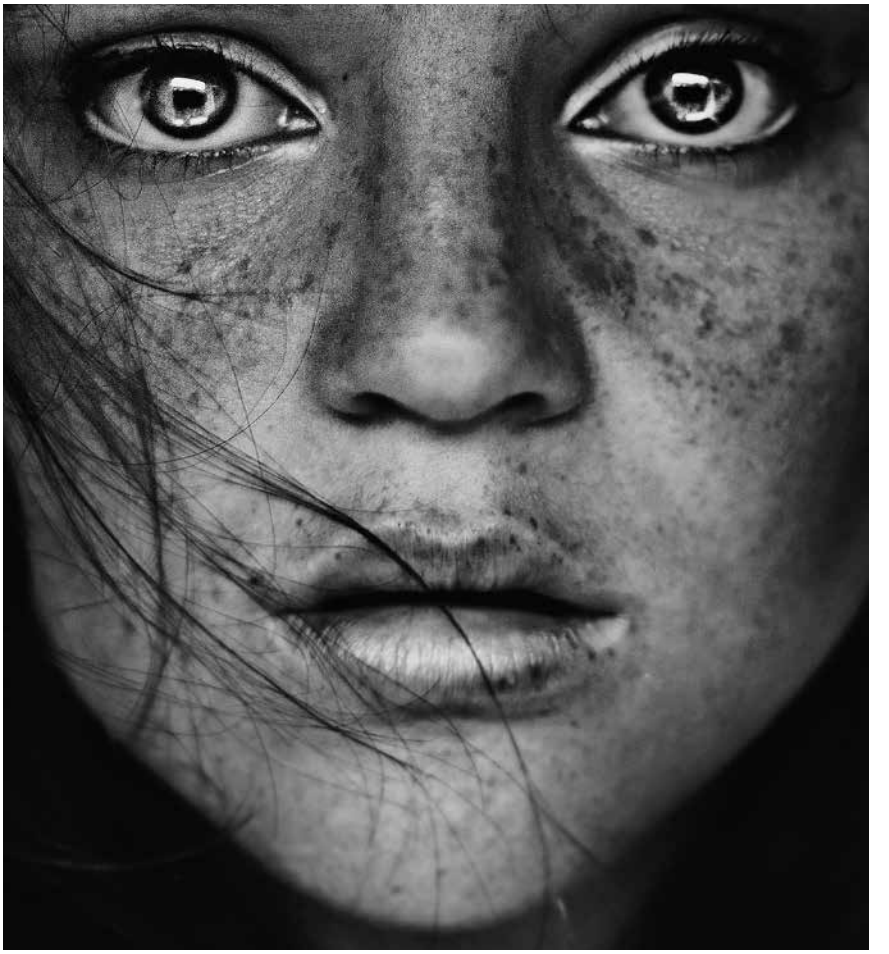
manifestações de sua própria natureza. Essa é sempre assistida pela emoção do sublime. Pois essa comunicação é um influxo da mente divina sobre a nossa mente. É uma ondulação da correnteza individual diante do fluir das vagas do oceano da vida.

Todo entendimento claro desse desígnio central agita o homem com temor e prazer. Os homens são percorridos por um calafrio no momento de recepção de uma nova verdade, ou no momento de exercício de uma grande ação, que venha do coração da natureza. Nessas manifestações, o poder de enxergar não está dissociado da vontade de fazer, mas a intuição provém da obediência, e a obediência de uma percepção jubilosa. Memorável é todo momento em que a pessoa se sente invadida por ela. Por necessidade de nossa constituição, um determinado entusiasmo acompanha a consciência que o indivíduo tem daquela presença divina. O caráter e a duração desse entusiasmo variam com o estado do indivíduo, de um êxtase, enlevo ou inspiração profética – que são sua mais rara aparição – a um levíssimo brilho de emoção virtuosa, em cuja forma ele aquece, como nossas lareiras domésticas, todas as famílias e associações humanas, e torna possível a sociedade. Uma determinada tendência a insanidade sempre esteve presente ao surgimento do sentido religioso nos homens, como se eles "explodissem com o excesso de luz". Os enlevos de Sócrates, a "união" de Plotino, a visão de Porfírio, a conversão de Paulo, a aurora de Boehme, as convulsões de George Fox e seus *quakers*, a iluminação de Swedenborg são desse tipo. O que, no caso dessas pessoas notáveis, era um maravilhamento, exibe-se, em inúmeras ocasiões da vida comum, de modo menos chocante. A história da religião, em toda parte, ocasiona uma tendência ao entusiasmo. O êxtase dos moravianos e dos quietistas; a revelação do sentido eterno da Palavra, na linguagem da Igreja de Nova Jerusalém; o *renascimento* das igrejas calvinistas; as *experiências* dos metodistas, são variações daquele estremecimento de temor e prazer com o qual a alma individual sempre se une à alma universal. Idêntica é a natureza dessas revelações; são percepções da lei absoluta. São respostas às questões da própria alma. Não respondem as questões que o entendimento busca. A alma nunca responde por palavras, mas pela própria coisa buscada.

O descobrimento da alma é a revelação. No entendimento popular, uma revelação

se trata de uma visão do destino. Em antigos oráculos da alma, o entendimento procura encontrar respostas para questões sensuais e se lança à tarefa de descobrir a partir de Deus por quanto tempo o homem existirá, o que suas mãos farão e quem será sua companhia, acrescentando nomes, datas e lugares. Mas não precisamos arrombar fechaduras. Devemos abandonar essa curiosidade inferior. É enganosa uma resposta em palavras; na verdade, não é resposta ao que perguntais. Não exijais uma descrição dos países para onde navegais. A descrição não os mostrará para vós, e, amanhã, chegareis até eles e os conhecereis por habitá-los.

Perguntas sobre a imortalidade da alma, as atividades no Paraíso, a situação do pecador, entre outras, são feitas pelos homens. Eles até mesmo sonham que Jesus deixou respostas precisas a essas interrogações. Aquele espírito sublime nem por um momento falou deles o *patois*. À verdade, à justiça, ao amor, aos atributos da alma, a ideia da imutabilidade está essencialmente associada. Jesus, vivendo nesses sentimentos morais, sem relação com ocorrências sensuais, atento somente às manifestações dessas, nunca separou a ideia de duração da essência desses atributos, nem pronunciou uma sílaba a respeito da duração da alma. A seus discípulos coube separar a duração dos atributos morais, e ensinar a imortalidade da alma como doutrina, baseando-a em evidências. O homem já declinou, no momento em que a doutrina da imortalidade é ensinada separadamente. A continuidade não é cogitada no fluir do amor, na adoração da humildade. Jamais um homem inspirado formula essa questão ou condescende a essas evidências. A alma é fiel a si própria, e o homem sobre o qual ela é derramada



copiosamente não pode abandonar o presente, que é infinito, em direção a um futuro que seria finito.

As marés da vida

Uma confissão de pecado são essas questões que temos ansiedade em perguntar a respeito do futuro. Deus não tem resposta para elas. Dita em palavras, nenhuma resposta pode satisfazer uma pergunta de coisas. Não reside em um arbitrário "decreto divino", mas sim na própria natureza humana, que um véu encubra os acontecimentos do amanhã; pois a alma não permitirá que leiamos qualquer outro signo, a não ser o das causas e efeitos. Assim, através desse véu

que cobre os acontecimentos ela ensina os filhos do homem a viver o presente. Abandonar toda a curiosidade mesquinha é o único modo de obter uma resposta a essas questões dos sentidos, aceitando a maré do ser, que nos encaminha para dentro do segredo da natureza, trabalhar e viver, trabalhar e viver, até que, de súbito, a alma ousadamente construiu e forjou para si própria uma nova condição, e questão e resposta são apenas uma.

Podemos nos ver e reconhecer uns aos outros, e saber de qual espírito cada um é feito, pelo mesmo fogo vital, consecratório, celestial, que queima até tudo dissolver nas vagas e marés de um oceano de luz. Quem pode dizer as razões para seu conhecimento do caráter de diversos indivíduos em seu círculo de amizades? Ninguém. No entanto, seus atos e palavras não o desapontam. Naquele homem, mesmo [que nada de mau saiba a respeito dele, não deposita] confiança. Naquele outro, mesmo que poucas vezes se tivessem encontrado, signos autênticos foram detectados, mostrando que era possível nele acreditar, como em alguém que por seu próprio caráter tem verdadeiro interesse. Conhecemo-nos bem uns aos outros, qual de nós foi justo consigo mesmo, e se aquilo que ensinamos ou observamos é apenas uma inspiração ou também fruto de nosso honesto esforço.

Todos somos conhecedores de espíritos. Em um nível muito elevado, essa diagnose descansa em nossa vida ou poder inconsciente. O intercâmbio da sociedade, o comércio, a religião, as amizades, as desavenças, são uma enorme investigação judicial do caráter. Os homens se oferecem ao julgamento em corte plena ou comitê de inquérito, ou confrontados face a face, acusador e acusado. O caráter é decifrado a contragosto por meio de detalhes decisivos. Mas, quem julga? E o que? Não é nosso entendimento. Não é por meio da cultura ou da habilidade que deciframos um caráter. Não; nisso reside a sabedoria do homem sábio: ele não os julga; deixa que julguem a si próprios e apenas decifra e anota seus vereditos.

A vontade individual, em consequência dessa natureza inevitável é subjugada, e, apesar de nossos esforços e imperfeições, vosso gênio falará a partir de vós, o meu, a partir de mim. Aquilo que somos, ensinaremos, não voluntária, mas involuntariamente. Por vias que nunca deixamos abertas, os pensamentos chegam até nossas mentes, e as abandonam por vias que jamais abrimos voluntariamente. O caráter ensina acima de nossas cabeças. O índice infalível do verdadeiro progresso é encontrado no tom assumido por um homem. Nada pode evitar que o homem se reverencie diante de um espírito mais aperfeiçoado que o seu: nem idade, nem formação, nem companhias, nem livros, nem ações, nem talentos, nem todos juntos. Se o homem não encontrou seu abrigo em Deus, suas maneiras, seu jeito de falar, o estilo de suas frases, a construção, diria eu, de todas as suas opiniões, sem querer confessará isso, não importa quanto ele lute. Se ele encontrou seu centro, a Divindade brilhará através dele, através de todos os disfarces da ignorância, do temperamento genioso, das circunstâncias desfavoráveis. O tom da procura é um, o tom da posse é outro.

Entre professores sacros e literários, a grande diferença existente entre poetas como Herbert e poetas como Pope; entre filósofos como Espinoza, Kant e Coleridge, e filósofos como Locke, Paley, Mackintosh e Stewart; entre homens do mundo que são reconhecidos como brilhantes palestrantes, e, aqui e ali, um místico fervoroso profetizando, meio louco, sob a infinitude de seu pensamento – é

De nada me serve que falem do exterior; posso facilmente fazê-lo eu mesmo. Jesus fala sempre do interior e numa medida que sempre transcende a de todos os outros

que uma classe de homens fala do interior, ou a partir da experiência, como parte e possuidora dos fatos; e outra classe fala do exterior, apenas como espectadora, ou talvez habituada com os fatos pelo testemunho de terceiros. Do exterior, nada adianta pregar para mim. Isso eu posso fazê-lo facilmente. Jesus sempre fala de dentro, e em grau que transcende ao de todos os outros. Nisso reside o milagre. Antecipadamente creio que eu deva ser assim. É nessa expectativa, do aparecimento de tal mestre, que continuamente todos os homens se mantém. Mas, um homem deve confessar humildemente caso não fale de dentro do véu, onde a palavra é una com aquilo de que aponta.

Um verdadeiro canal para a alma

Idêntica Onisciência flui para o intelecto, criando o que chamamos gênio. Muito da sabedoria do mundo não é sabedoria, sendo a mais iluminada classe de homens, com certeza, superior à fama literária, não constituída de escritores. Não sentimos entre a multidão de estudiosos e autores qualquer presença santificadora; e sim observamos mais talento ou habilidade que inspiração; eles possuem certa luz e desconhecem de onde ela vem, e, por isso, a consideram sua; seu talento é alguma capacidade exagerada, algum membro superdesenvolvido, de maneira que sua força é uma doença. Os dons intelectuais não causam a impressão de virtudes, nesses casos, mas quase de vícios; e sentimos que os talentos de um homem se colocam no caminho de seu avanço para a verdade. Porém, o gênio é religioso. É uma absorção maior do coração comum. Não é anômalo; é semelhança maior, e não menor, com os outros homens. Em todos os grandes poetas existe uma sabedoria da humanidade, superior a quaisquer talentos que eles exercitem. O lugar do homem não é ocupado pelo autor, nem pelo espirituoso, o partidário, nem pelo cavalheiro elegante. A humanidade brilha em Homero, em Chaucer, em Spenser, em Shakespeare, em Milton. Estão satisfeitos com a verdade. Utilizam a graduação positiva. Parecem frígidos e fleumáticos aos que foram tocados pela paixão frenética e pelo colorido violento de autores inferiores, mas populares. Por darem trânsito livre à alma inspiradora que, através de seus olhos, enxerga novamente e abençoa as coisas que havia feito, são poetas. A alma é maior ao conhecimento que dela se tenha, mais sábia que qualquer de suas criações. O grande poeta nos faz

A alma que se eleva para venerar a grande Divindade é simples e verdadeira; ela não tem a preocupação de ser admirada; ela vive no presente, na grave experiência do dia comum

sentir nossa riqueza, e então pensamos menos em suas composições. Ensinar-nos a desprezar tudo o que ele fez é sua principal mensagem para nossas mentes. Somos levados a esse nível elevado de atividade inteligente por Shakespeare, que chega a sugerir uma riqueza que torna a sua pequena; então sentimos que os esplêndidos trabalhos criados por ele, e que em outros momentos celebramos como espécie de poesia auto existente, não têm sobre a natureza real maior poder que o da sombra do viajante sobre uma pedra. Em Hamlet e Lear, a inspiração que falou por si mesma poderia, diariamente, pronunciar outras coisas de igual valor, para sempre. Assim, por que deveria ocupar-me de Hamlet e Lear, como se não tivéssemos a alma da qual eles se desprenderam, como sílabas da língua?

Apenas sob outra condição, que não a da posse completa, essa energia não desce sobre a vida individual. Chega para os humildes e simples; para qualquer pessoa capaz de desfazer-se da estranheza e da arrogância; ela vem como ideia súbita; como serenidade e grandeza. Quando vemos aqueles em que ela habita, somos informados de novos graus de grandeza. O homem retorna dessa inspiração com um tom diferente. Fala aos seus semelhantes despreocupado com suas opiniões. Ele os testa. Isso requer que sejamos diretos e verdadeiros. Mencionando a nobreza, o príncipe e a condessa, que assim disseram ou fizeram para ele, o viajante fútil busca embelezar suas viagens. Sua vulgaridade ambiciosa mostra-vos a prataria, os broches e seus anéis, e guarda-lhes os cartões de cumprimento. No relato de sua experiência, os mais cultivados, escolhem a circunstância poética e prazerosa – a visita a Roma, o homem de gênio que viram, o amigo brilhante que conhecem, ou, mais adiante, talvez a deslumbrante paisagem, as luzes sobre a montanha ou os pensamentos das alturas que essas lhe suscitaram – e assim buscam uma coloração romântica sobre suas vidas. Mas, a alma que ascende à adoração do grande Deus é direta e verdadeira; não tem tonalidades róseas, nem amigos refinados, nem gentilezas, nem aventuras; não busca admiração; mora no momento presente, na honesta experiência do dia comum – em virtude de a hora atual e de a mera ninharia se terem tornado porosas para o pensamento e encharcadas pelo oceano de luz.

A literatura se parecerá com um jogo de palavras se vos distraírdes com uma mente grandiosamente simples. As sentenças mais dignas de serem escritas são as sentenças mais simples, apesar de triviais e evidentes, que, na riqueza infinita da alma,

são como alguns seixos recolhidos no caminho, ou um pouco de ar engarrafado em um frasco, quando toda a Terra e toda a atmosfera são nossas. Lá nada pode ocorrer, ou vos fazer parte do círculo, a não ser abandonar todas as vossas armadilhas e lidar de homem a homem na verdade nua, na confissão direta, na afirmação onisciente.
Assim como os deuses fariam, essas almas vos tratam; como deuses caminham na terra, aceitando tanto vosso talento sem qualquer espanto como vossa generosidade, e mesmo vossa virtude – diga-se, antes, vosso ato devido, pois de vossa virtude eles têm a posse como de seu próprio sangue, real como eles mesmos, e supra real, o pai dos deuses.
No entanto, diante da mútua lisonja com a qual autores se apaziguam uns aos outros e se ferem mutuamente, que repulsa a sincera e fraternal conduta deles sente! Elas não lisonjeiam. Não me causa admiração que esses homens se apresentem diante de Cromwell e Cristina e Carlos II e Jaime I e o grão turco. Porque, em sua elevação eles são os camaradas de reis, e certamente se ressentem do tom servil da conversação mundana. Sempre devem ser uma dádiva para os príncipes, uma vez que os confrontam, de rei para rei, sem medidas ou concessões, oferecendo a uma natureza elevada a renovação e a satisfação da resistência, da humanidade pura, da camaradagem equilibrada e das novas ideias. Fazem-nos homens mais sábios e superiores.
A sinceridade é muito melhor que a lisonja: isso essas almas nos fazem sentir. Os homens e as mulheres devem ser tratados tão diretamente, que eles se vejam constrangidos à maior sinceridade, ficando destruída toda esperança de menosprezo. Esse o maior cumprimento que podeis pagar. Seu "mais alto louvor", disse Milton, "não é lisonja, e seu mais simples conselho é uma forma de louvor".

Um novo infinito

Em cada ato da alma, inefável é a união de homem e Deus. Torna-se Deus a mais simples pessoa, que em sua integridade venere Deus; porém, para todo o sempre, o influxo deste "eu" melhor e universal é novo e insondável. Inspira reverência e espanto. A ideia de Deus, preenchendo o ermo, apagando as cicatrizes de nossos erros e desapontamentos é tão cara, tão apaziguadora! Deus incendiará o coração com sua presença quando tivermos quebrado nosso deus

da tradição e interrompido nosso deus da retórica. Essa a duplicação do próprio coração, ou melhor, o infinito alargamento do coração com um poder de crescimento que, em todas as direções, busca uma nova infinidade e inspira no homem uma confiança infalível. O homem não tem a convicção, mas a visão, de que o melhor é o verdadeiro, e pode assim desfazer-se facilmente de todos os medos e incertezas particulares, deixando à segura revelação do tempo a solução de seus enigmas pessoais. Fica certo de que seu bem-estar é valioso ao coração do ser. Uma confiança tão universal que leva para longe em seu fluxo todas as esperanças acalentadas e os mais estáveis projetos da condição mortal invade o homem, quando a lei se torna presente em sua mente. Ele crê que não pode escapar do bem que é seu. As coisas que realmente são vossas gravitam para vós.

Correi em busca de vosso amigo. Deixai que vossos pés corram; vossa mente não precisa fazê-lo. Se não o encontrardes, não concordareis que é melhor que não o tenhais encontrado? Pois existe um poder que, assim como vos habita, também nele se encontra, e poderia desse modo aproximar-vos muito bem, caso isso fosse o melhor. Com ansiedade vos preparai para prestar um serviço ao qual talento e gosto vos atraem, para o amor dos homens e para a esperança da fama. A menos que tenhais o mesmo desejo de que vossa partida seja evitada, não vos ocorreu que não tendes o direito de partir? Da mesma maneira como viveis, credes que todo som pronunciado ao redor desse mundo, e que a vós deveria chegar, vibrará em vossos ouvidos! Todo provérbio, todo livro, toda palavra ocasional que a vós pertence como ajuda ou consolo, certamente chegarão por caminhos retos ou tortuosos.

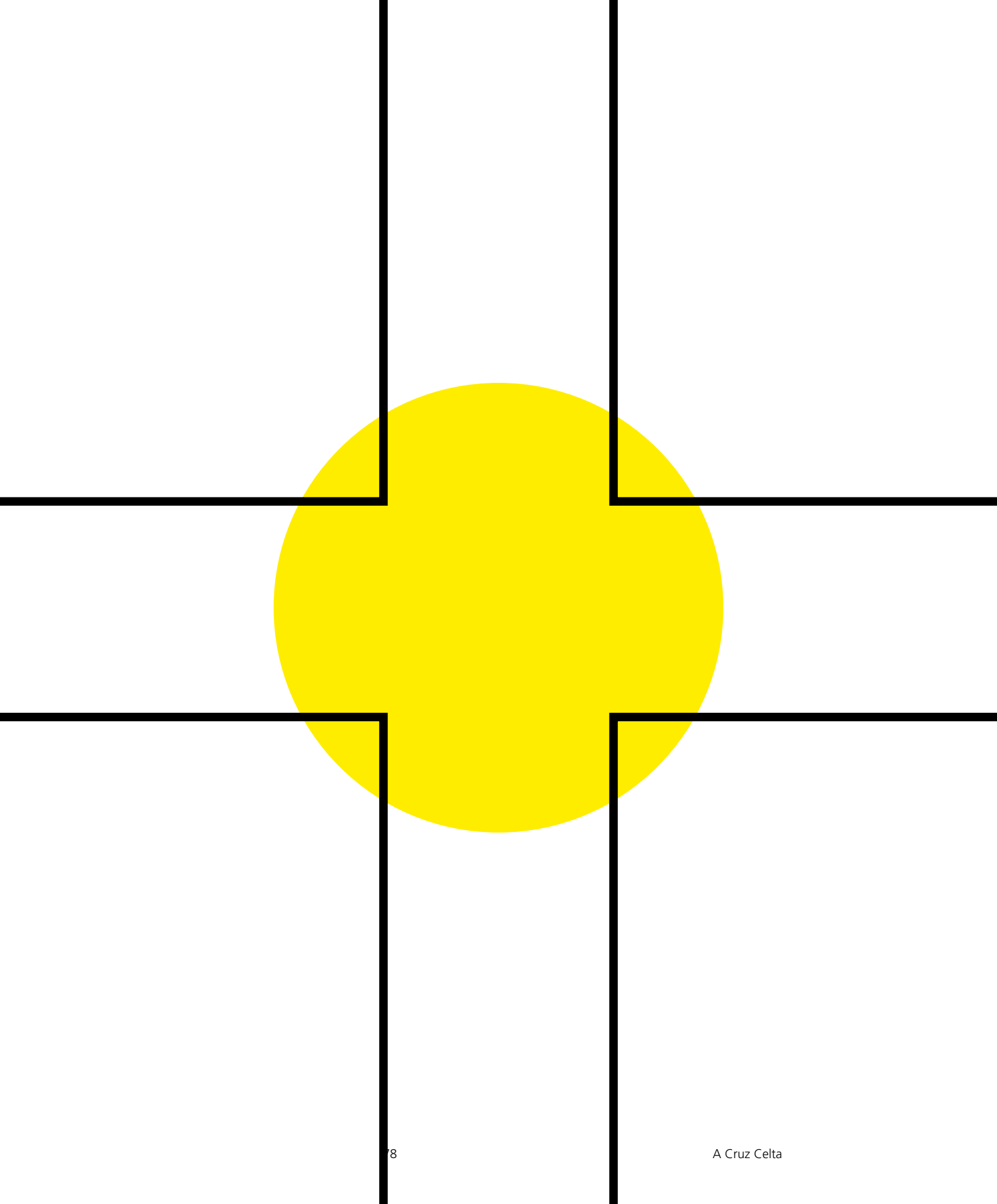
Em seu abraço vos prenderá todo amigo pelo qual, não vossa fantasiosa vontade, mas o grande e terno coração em vós anseia. Porque o coração em vós é o coração de todos isso ocorre; não há uma válvula, uma parede, uma intersecção em toda a natureza, mas sim um mesmo sangue corre ininterruptamente, em circulação sem fim, através de todos os homens, como a água do planeta constitui um mesmo mar, e na verdade sua maré é única.

Em particular, todos os homens devem aprender de cor a revelação de toda natureza e de todo pensamento, ou seja, que o Altíssimo habita com ele; que as fontes da natureza se encontram em sua própria mente, caso o senso do dever esteja lá. Porém, se ele quiser ouvir as palavras do grande Deus, deve "ir ao seu quarto e fechar a porta", como disse Jesus. Deus não se manifestará para covardes. Deve principalmente prestar atenção a sua própria voz, afastando-se do influxo da devoção de qualquer outro homem. Antes que a sua própria prece tenha feito, as preces do outro serão prejudiciais. Nossa religião vulgarmente se apoia no número dos crentes. Não importa se indiretamente, quando quer que seja feito o apelo aos números, proclama-se no instante e lugar que a religião está ausente. Jamais conta o número de sua companhia aquele que encontra em Deus um doce e envolvente pensamento. Quem ousa aproximar-se quando me encontro naquela presença? Quando descanso em perfeita humildade, quando queimo com puro amor, que podem Calvino ou Swedenborg dizer?

É indiferente se o apelo é feito para muitos ou um. Não é fé a fé que repousa sobre a autoridade. O declínio da religião, a retirada da alma, são medidos pela confiança na autoridade. Por muitos séculos de história, a posição que os homens deram a Jesus já é uma posição de autoridade. Ela os caracteriza. Não pode alterar os fatos

Venerando a alma e aprendendo conforme os Antigos diziam que "sua beleza não tem medida", o homem descobrirá que o mundo é o milagre incessante operado por ela

eternos. A alma é grande e simples. A alma não é bajuladora, a nada segue; jamais apela para algo que não seja ela mesma. Acredita em si. Diante das imensas possibilidades do homem, toda simples experiência, toda biografia passada, não importa quão santa e imaculada, se esvai. Qualquer forma de vida sobre a qual tenhamos ouvido ou lido, diante do paraíso que nossos pressentimentos nos antecipam, não podemos louvar. Afirmamos que temos poucos grandes homens, mas, falando absolutamente, que não temos nenhum; que não temos história, nenhum registro de caráter ou modo de vida que inteiramente nos contente. Somos obrigados a aceitar os santos e semideuses adorados pela história com um grão de condescendência. Apesar de, em nossas horas solitárias, retirarmos nova força da memória deles, ainda assim, impingidos a nossa atenção pela rotina e pela falta de reflexão, eles nos fatigam e violam. A alma se entrega solitária, original e pura ao Solitário, Original e Puro, que, nessa condição, alegremente a habita, age e fala através dela. Assim ela se vê feliz, jovem e lépida. Não é sábia, mas enxerga através de tudo. É inocente, mas não se considera religiosa. Chama de sua a luz, e sente que a pedra cai e a grama cresce segundo uma lei inferior a sua natureza, e que dela depende. "Notai", disse ela, "nasci para a grande mente universal. Eu, a imperfeita, adoro minha própria Perfeição. De algum modo, recebo a grande alma, e assim negligencio o sol e as estrelas, sinto que eles são belos acidentes e efeitos que se transformam e passam. Incessantemente as vagas da natureza eterna entram em mim, e me torno pública e humana em meus cuidados e ações. Em pensamentos e ações venho a viver, com energias que são imortais. Assim, reverenciando a alma e aprendendo, como diziam os antigos, que "sua beleza é imensa", o homem chegará a ver que o mundo é o milagre perene operado pela alma, e se mostrará menos surpreso com maravilhas particulares; aprenderá que não existe história profana; que toda história é sagrada; que o universo é representado por um átomo, em um momento de tempo. O homem não mais tecerá uma vida manchada, de remendos e farrapos, mas viverá com uma unidade divina. Deixará o que é mesquinho e banal em sua vida e ficará satisfeito com todos os lugares e com qualquer ajuda que possa prestar. Enfrentará calmamente o amanhã, com a despreocupação daquela confiança que leva Deus consigo e, assim, já traz todo o futuro no fundo do coração. ✪



A Cruz Celta

A sabedoria antiga nos ensina que, nos tempos pré-cristãos, a cruz celta simbolizava os quatro campos onde a vida transcorre. Os quatro braços da cruz representam a interação entre o eu, a natureza, a sabedoria e a vida divina original. O círculo no meio constitui, em todos os mundos, a morada da aspiração espiritual, que é o propósito de toda a vida consciente: a autorrealização e a salvação. É no centro desse conjunto que todos os níveis se reúnem, no amor que tudo abarca. A força de expressão natural da cruz celta corresponde às quatro direções do vento ou pontos cardeais: o Leste para a vida em gestação; o Oeste para a reflexão e a experimentação; o Norte para a inspiração e a intuição; o Sul para o tratamento e a realização. As duas estações sombrias, assim como as duas estações luminosas, eram marcadas por dias de fogo ou de luz: os quatro *Albans*. Os celtas celebravam o início do inverno em 21 de dezembro, dia de *Arthuan*, a luz de Arthur, posteriormente a de Cristo. *Eilar*, a luz da terra, marcava o início da primavera. *Heruin*, a luz da zona costeira, indicava o início do verão. E por fim *Elved*, a luz da água, marcava a chegada do outono. O eterno retorno à natureza oferecia estabilidade em um mundo que, na época dos celtas, era igualmente objeto de transformação permanente. Do ponto de vista espiritual, ainda hoje, a cruz celta pode servir como ponto de apoio. Em tempos difíceis, seus quatro braços nos permitem retomar a direção de nosso pensamento. É como se dissessem: Siga a direção certa, que é a do verdadeiro ser: mantenha os pés no chão, em comunhão com a natureza. Eleve-se até a sublime sabedoria que deu forma a todas as coisas, a tudo que segue seu destino no caminho divino das radiações. Nunca saia do eixo, do centro onde se encontra a aparentemente passiva mas sempre atenta consciência divina, com seu amor que tudo abarca.

Mundo imaginário

Às vezes você percebe que está sonhando mas pode escolher entre vivenciar o sonho ou terminá-lo e acordar. Não é por acaso que os grandes iniciados que tinham o conhecimento de Outra Natureza descreviam nossa vida terrestre como um "estado de sonho": "Desperta, ó tu que dormes!"

Realmente – podemos admitir duas ideias surpreendentes: primeiro, a de que existe Outra Natureza; depois, a de que esta vida, todos esses trabalhos que achamos tão úteis... nada disso é real! Vivemos correndo de cá para lá, sem nunca ir a parte alguma, ou então corremos muito rápido sem sair do lugar. Milhões de pessoas vivem com suas próprias ideias sobre realidade. O mesmo mundo é percebido internamente de modos diferentes, porque cada uma delas alimenta seu próprio sonho e deseja vê-lo realizado. É assim que se formam grupos de pessoas que criam sonhos coletivos e, consequentemente, realidades coletivas. Todos compartilham esta convicção: "Isto no qual acreditamos é verdadeiro porque todos nós, que participamos deste grupo, acreditamos nisso!"... até a hora em que nossa consciência se coloca acima dos pensamentos. Ir atrás de seus sonhos, no sono ou neste mundo, é continuar a ignorar a outra ordem de Natureza. Para quem não a ignora, "despertar" significa, ao mesmo tempo, "despertar para Outro Mundo". Mas acontece que o sonho mais persistente

Para encontrar o caminho, temos que nos perder

sobre a Terra é ignorar que sonhamos! Atapetamos esta Terra e nosso pequeno mundo pessoal com nossas crenças, devaneios e objetivos, até nos tornamos completamente prisioneiros de nossas ilusões. Mas o sonho pode acabar de repente! Quando menos esperamos, o curso de nossa vida muda e o eu se perde pelo caminho, pois para encontrar o caminho é preciso primeiro se perder! Enquanto percebermos erroneamente como certezas as coisas aleatórias que acontecem conosco, continuaremos a acreditar que o que pensamos sobre a vida é a pura realidade. Não nos damos conta de que essa tendência para considerar nossos pensamentos como se fossem realidade é exatamente o que mantém esse mundo de sonhos intacto, pelo menos até pararmos de lhe dar crédito e abrirmos a porta para a realidade, deixando-a entrar. E então, mais uma vez, nos chocamos e questionamos: Em que tipo de realidade estou vivendo quando deixo entrar em minha consciência a observação da ideia do "devorar ou ser devorado"? O que vai acontecer se eu deixar essa realidade carregar essas ideias para meus pensamentos e opiniões? Então percebemos que, até esse momento, estávamos sonhando! A partir daí, algumas pessoas se apressam para voltar ao sonho, desativam suas consciências e dão asas a seus pensamentos sobre realidade. Agindo assim, elas acabam dando prioridade a seus sonhos! Os mais corajosos se dão prazos para parar e assumem o choque do espanto como um sentimento de vazio, de futilidade e de solidão. Esse vazio que vem logo depois que o sonho se esvanece é justamente a condição para afogar-se em outras coisas. Mas o verdadeiro despertar acontece quando tomamos consciência (e tomar consciência é diferente de "imaginar") de que nosso eu foi moldado por nossas próprias ideias, crenças e lembranças; e assim nos damos conta de que tudo isso é totalmente estranho para quem somos de verdade em nosso interior. Realmente: nosso ego não tem identidade própria – ele foi concebido como um instrumento para a alma, em compasso de espera até que ela tome as rédeas de nossas vidas. Na essência, o ego não é uma entidade viva real, mas somente um mecanismo, um certo modo de funcionar que tem, como escudo, sua oposição ao mundo da dura realidade. Na verdade, se deixássemos essa dura realidade entrar em nós, o sonho se quebraria e a razão do ego desapareceria. Esse mecanismo de oposição comporta dois braços: um para afastar e outro para aproximar – e isso permite que o ego construa seu próprio mundo imaginário. Portanto, não é de admirar que os grandes iniciados tenham preconizado o equilíbrio e a neutralidade como condições básicas para seguirmos o caminho. Talvez já esteja na hora de vermos o ego como uma colcha de retalhos de sonhos, agora que a veste da alma está sendo estendida para nós. ✪

A revista **Pentagrama** é publicada quatro vezes por ano em alemão, inglês, espanhol, francês, húngaro, holandês, português, búlgaro, finlandês, grego, italiano, polonês, russo, eslovaco, sueco e tcheco.

Edição
Rozekruis Pers

Redação Final
Peter Huijs

Redação
Kees Bode, Wendelijn van den Brul, Arwen Gerrits, Hugo van Hooreweeghe, Peter Huijs, Frans Spakman, Anneke Stokman-Griever, Lex van den Brul

Diagramação
Studio Ivar Hamelink

Secretaria
Kees Bode, Anneke Stokman - Griever

Redação
Pentagram
Maartensdijkseweg 1
NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos
e-mail: info@rozekruispers.com

Edição brasileira
Pentagrama Publicações
www.pentagrama.org.br

Publicação digital
Acesso gratuito

Responsável pela Edição Brasileira
Adriana Ponte

Coordenação, tradução e revisão
Adriana Ponte, Rossana Cilento, Amana da Matta, Carlos Gomes, José de Jesus, Marcia Moraes, Mariana Limoeiro, Marlene Tuacek, Mercês Rocha, Rafael Albert, Ana Maria Pellegrino, Ellika Trindade, Lino Meyer, Marcílio Mendonça, Rafaela Furlan e Urs Schmid

Diagramação, capa e interior
Nina Rimat
Junior Damasceno

Lectorium Rosicrucianum
Sede no Brasil
Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP
Tel. & fax: (11) 3208-8682
www.rosacruzaurea.org.br
info@rosacruzaurea.org.br

Sede em Portugal
Praça Anónio Sardinha, 3A (Penha de França)
1170-022 Lisboa
lisboa@rosacruzaurea.org
portugal@rosacruzaurea.org

© Stichting Rozekruis Pers
Proibida qualquer reprodução sem autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

COLABORAÇÕES

- A atenção
- O grande traço de união
- O passo que você não quer dar
- A prodigiosa flor
- Não sei seu nome
- Doenças – disfunção do núcleo central do ser
  - manifestações, desejos, identificação
  - a filosofia chinesa dos elementos
- Simpósio em Alkmaar
  - O fogo, o gnosticismo e os rosa-cruzes de hoje

SEÇÕES

- Crônica: **Mundo Imaginário**
- Símbolo: **A Cruz Celta**

ENSAIO

- A Alma Suprema • Ralph Waldo Emerson